



Rio de Janeiro 2003

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Mestrado em Memória Social e Documento

# Memória Familiar no Cacique de Ramos

Leonardo Abreu Reis

Orientação:

Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jô Gondar

Rio de Janeiro

Junho de 2003

## ***RESUMO:***

Nesta dissertação trabalhamos a construção da memória do bloco Carnavalesco Cacique de Ramos, focalizando a influência e a transmissão dos valores da família Félix do Nascimento. Pretendemos mostrar como diversos valores - religiosos, morais e referentes à diferença de gênero – vivenciados por essa família, participam da construção da memória do Cacique de Ramos, fazendo com que a memória familiar, neste caso, se entrecruze com a memória do bloco. Através das diferentes perspectivas presentes, tanto na família quanto no bloco, enfatizamos a multiplicidade de memórias que atravessa ambos.

# **Memória Familiar no Cacique de Ramos**

**Leonardo Abreu Reis**

## **Banca Examinadora:**

---

**Prof. Miguel Angel de Barrenechea**

**(Orientador)**

**(Doutor em Filosofia)**

---

**Prof.<sup>a</sup> Jô Gondar**

**(Orientadora)**

**(Doutora em Psicologia)**

---

**Prof.<sup>a</sup> Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros**

**(Doutora em Ciências Sociais)**

---

**Prof. Charles Feitosa**

**(Doutor em Filosofia)**

## **Agradecimentos**

Aos filhos dessa família que se abriu para curiosidade científica. A Conceiçãozinha, a Ubirany e a Bira Presidente.

A toda a comunidade do Cacique de Ramos, sempre receptivos, alegres e bem dispostos. À ala Apache, ao pessoal da Napa, da Capoeira do Cacique, da Bateria, aos Partideiros do Cacique e à ala do Cura Ressaca.

Ao Antônio Onça, responsável por abrir o Cacique de Ramos para todos: partideiros, foliões, peladeiros, artistas, boêmios, visitantes, turistas e pesquisadores.

A todos aqueles que em algum momento de suas vidas estiveram presentes no Cacique, visitando ou participando ativamente desse movimento cultural.

A Walter Tesourinha e Aymoré do Espírito Santo, co-fundadores do bloco, e também nossos colaboradores.

Ao pessoal do MIS, que me recebeu com atenção e fez o possível para colaborar com essa pesquisa.

Ao pessoal do MMSD, professores e funcionários que me acolheram e muito colaboraram para o meu desenvolvimento pessoal, de onde eu saio com um saldo positivo de amigos e novos interlocutores, maior titulação que uma academia pode oferecer.

Aos meus orientadores, fundamentais na realização desse projeto, companheiros imprescindíveis nessa jornada.

Aos meus amigos, novos e antigos, que escutaram com paciência e bom humor as narrativas erráticas de meus pensamentos. Principalmente ao Pedrinho, meu segundo lar e ao André, meu colega de muitas escolas.

Aos meus pais, por acreditarem em mim.

Ao meu irmão, meu camarada.

A Barbara, minha amada.

Aqueles que não foram citados nessa página.

Estejam certos de que o esquecimento também faz parte da memória.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>1. Abordagem Teórica e Metodológica</b>	<b>6</b>
1.1. Memória coletiva	6
1.2. A organização da memória	10
1.3. A interpretação da memória	14
1.4. Lugares de memória	19
1.5. Memória familiar	23
<b>2. A Influência Paterna</b>	<b>27</b>
2.1. A família Félix do Nascimento e seu patriarca	27
2.2. A religiosidade de Seu Domingos	34
2.3. A influência paterna na vida dos filhos	40
<b>3. A Influência Materna</b>	<b>45</b>
3.1. A vida religiosa de Dona Conceição	45
3.2. Distância da boemia	51
3.3. A influência materna na vida dos filhos	55
<b>4. A Presença da Família Félix do Nascimento no Cacique de Ramos</b>	<b>62</b>
4.1. Uma entre várias famílias	62
4.2. A fundação do Cacique de Ramos	64
4.3. O nome do bloco	75
4.4. As cores do bloco	78
4.5. A organização do bloco e a participação feminina	81
4.6. A tamarineira da quadra e a religiosidade no Cacique de Ramos	89
<b>5. Conclusão</b>	<b>98</b>
<b>Glossário</b>	<b>107</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>111</b>

## *Introdução*

Em 1961, um grupo de jovens, moradores do subúrbio carioca da Leopoldina, principalmente do bairro de Ramos, se empenhou na criação de um novo bloco\*<sup>1</sup> para brincar o carnaval. Faltando poucos dias para a grande festa, foram convocados os primeiros ensaios. Seus organizadores se surpreenderam com a quantidade de pessoas que conseguiram mobilizar. Tinham a expectativa de reunir cerca de vinte foliões, mas logo no primeiro ensaio se depararam com duzentos. Durante os três dias de carnaval desfilaram pelas ruas do bairro cerca de duzentas e cinquenta pessoas vestidas de índio, acompanhadas por uma banda\* alugada, composta de instrumentos de sopro e percussão. Assim surgiu o Cacique de Ramos.

Animados com o sucesso inicial, aqueles jovens começaram a promover bailes sociais na casa de amigos e em clubes. O dinheiro arrecadado possibilitou a compra de peças\* para a bateria\* e manteve a mobilização em torno do novo bloco. No carnaval de 1962, cerca de setecentas pessoas vestidas de índio partiram de Ramos para o centro da cidade, onde a festa era mais intensa. Na avenida Rio Branco encontraram o Bafo da Onça, um bloco mais antigo, do bairro do Catumbi, e que já fazia grande sucesso. Muito superior em número de componentes, o Bafo abriu passagem pelo meio do Cacique. Um sentimento de respeito, mas também um desejo de revanche, ficou guardado no espírito daqueles jovens até o carnaval seguinte.

Em 1963, o Cacique voltou a desfilar no centro do Rio de Janeiro, embalado por um samba que se tornou o hino do bloco. “Água na Boca” empolgou a avenida Rio Branco, chamando as atenções para os cerca de mil e seiscentos índios que a essa altura integravam a agremiação de Ramos. Era a revanche que aqueles jovens queriam, alcançando o mesmo patamar que o Bafo da Onça ocupava. Os dois blocos se consagraram como rivais,

---

<sup>1</sup> Os vocábulos que constam no **glossário** estão assinalados com **asteriscos** apenas na primeira vez em que aparecem.

disputando em tamanho, empolgação e na qualidade de seus sambas. Essa disputa animou o carnaval de rua da cidade. Na década seguinte, nos anos de 1970, cada um dos blocos chegava a reunir mais de dez mil componentes nos seus desfiles.

Em 1972, o Cacique de Ramos conseguiu junto à prefeitura a cessão de um terreno. Anteriormente, o grupo já havia tentado estabelecer uma sede, chegando a vender títulos para a constituição de um clube social na rua Tenente Pimentel, mas a experiência fracassou. Na rua Uranos, número 1326, o bloco encontrou sua sede definitiva. Esse espaço atraiu jovens sambistas que ali se reuniam durante o ano todo, principalmente às quartas-feiras. Na década de 1980, a indústria fonográfica resolveu investir na música que ali se desenvolvia. Esses encontros eram chamados de *pagodes\**, termo que passou a denominar o tipo de samba que neles era cantado. No Cacique surgiu o grupo Fundo de Quintal, e esse movimento cultural que se espalhou pela cidade ficou conhecido como *movimento dos pagodes de fundo de quintal*, e, impulsionado pela mídia, alcançou todo o Brasil.

Ao mesmo tempo, o Rio de Janeiro assistiu, na década de 1980, ao esvaziamento de seu carnaval de rua. Resultado do desenvolvimento das Escolas de Samba\*, que passaram a receber maior atenção, tanto do poder público quanto da mídia. Os blocos foram minguando e muitos deles desapareceram. Na década de 1990, o Cacique de Ramos teve suas proporções drasticamente reduzidas, chegando a atravessar a avenida com menos de duzentos componentes. Seu rival, o Bafo da Onça, por vezes, nem desfilou. Atualmente, o Cacique, através de sua diretoria e com o apoio de seus animados foliões, tenta resgatar o carnaval dos blocos na avenida Rio Branco, incentivando a participação dos seus pares. Em 2002 e 2003, podíamos contar cerca de quinhentos componentes, na sua maioria veteranos que viveram os melhores anos do bloco e continuam fiéis ao seu passado.

A quadra da rua Uranos continua a abrigar os pagodes, promovidos por uma nova geração de pagodeiros. Aqueles que por ali passaram nos anos de 1980, hoje são profissionais de expressão nacional, como Zeca Pagodinho e Jorge Aragão, que se tornaram uma referência do gênero. O grupo Fundo de Quintal seguiu o mesmo caminho, permanecendo ligado ao Cacique de Ramos, levando seu nome nos shows que faz pelo país e até pelo exterior.

As informações apresentadas acima provêm das fontes que utilizamos em nossa pesquisa: material de arquivo, entrevistas feitas pelo próprio autor, informações colhidas



informalmente durante nossos encontros com os integrantes do bloco e registros feitos através da observação participante, além de textos que compõem nosso apoio bibliográfico.

O presente trabalho se desenvolverá em torno de questões referentes à memória social, tendo a agremiação de Ramos como objeto. Inicialmente, demos a ele o título *Debaixo da Tamarineira: memórias do Cacique de Ramos*, aludindo às árvores que habitam a quadra do bloco e que são tratadas com reverência pelos seus integrantes. Elas são citadas em diversas canções, como nesses versos que nos serviram de inspiração:

Lá quem é de samba entra na roda./ Quem não é da roda quer sambar,/ e debaixo da tamarineira,/ musa, velha amiga e companheira./ São Sebastião nos abençoa/ e o pagode, gente boa,/ vai até o dia clarear.// Lá a quarta feira é mais feliz/ e é por isso que se diz:/ É lá que o samba foi morar<sup>2</sup>.

Essa relação dos integrantes do grupo com a tamarineira assume um caráter quase religioso, já que algumas pessoas costumam beijar a árvore, e cantar debaixo dela é tido como um ritual de iniciação entre os *pagodeiros*. Observando a tamarineira, podemos ver entre seus galhos uma espécie de altar, uma tábua atravessada onde repousam oferendas, expressão de fé em uma determinada orientação espiritual.

Entre os foliões mais antigos, o termo *religião* é usado com frequência para descrever suas relações com o bloco, assim como a comparação com uma *grande família*. A fantasia de napa\*, que se tornou uma “marca registrada”, é tratada como *o manto sagrado*, termo que também é usado pelos fãs do futebol ao se referirem à camisa de seus clubes<sup>3</sup>.

Ficamos interessados por essa questão e decidimos orientar o foco da nossa pesquisa em torno dela. Adotamos um novo título: *Memória Religiosa no Cacique de Ramos*. Pretendíamos analisar a presença de elementos religiosos nesse bloco carnavalesco em nossos estudos referentes à memória. Mas para que isso fosse possível precisávamos encontrar uma linha de ação que nos aproximasse de nosso objetivo.

---

<sup>2</sup> Letra da música *Nova Morada*, de Arlindo Cruz e Sombrinha. Gravado pelo grupo Fundo de Quintal no LP *Divina Luz* em 1985.

<sup>3</sup> A comparação com o futebol é recorrente no discurso dos homens, assim como a comparação com a cachaça e a mulher amada (Depoimentos colhidos pelo autor no carnaval de 2002).

Por vezes, notamos que o termo “religião” estava sendo usado para expressar paixão pelo bloco, ou que o ato de beijar a tamarineira não era necessariamente uma expressão de religiosidade, mas um sinal de reverência por um símbolo do bloco, da mesma forma como os jogadores de futebol beijam os escudos de suas camisas, após marcarem um gol. Não nos era possível detectar, nesse campo, uma relação homogênea entre os diversos indivíduos que integravam o grupo. Os elementos principais de sua ligação pessoal com o bloco eram o samba e o carnaval, e não a religião. Mesmo compartilhando referências religiosas comuns, como pudemos aferir em nossas entrevistas, o Cacique de Ramos não era seu espaço religioso propriamente dito, nem era vetada a participação daqueles que não compartilhassem dessas mesmas convicções religiosas. Apenas um pequeno grupo familiar, do qual fazem parte três dos fundadores do bloco, realizava atividades religiosas na quadra do bloco. Apesar de ser do conhecimento de todos, essas atividades eram restritas à participação dos membros iniciados dessa família e aos integrantes da casa religiosa responsável por esses rituais. Esses ritos eram feitos com o objetivo de dar proteção espiritual para o bloco e eram orientados pela matriarca dessa família, mãe-de-santo\* de um terreiro\* de Umbanda\*.

Além desses rituais fechados, que cessaram de acontecer após a morte da mãe-de-santo responsável, o Cacique de Ramos acolhia outro evento religioso em sua quadra, por ocasião de seu aniversário de fundação, que se comemora no dia vinte de janeiro. Nessa data se celebra uma missa em nome do bloco e do santo padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, São Sebastião, cujos festejos se realizam nesse mesmo dia. A missa católica é vista por muitos integrantes do bloco com os olhos do sincretismo religioso presente na Umbanda, segundo o qual, São Sebastião representa Oxossi\*, que também é representado pelo índio que, por sua vez, é o próprio símbolo do bloco. No dia anterior a essa data, também se realizavam os rituais da Umbanda, oficiados por Dona Conceição de Souza Nascimento, quando ela estava viva. Eram rituais realizados ao pé da tamarineira da quadra do bloco e restritos à participação dos filhos-de-santo\* de seu terreiro.

A missa do dia vinte de janeiro também comemora o aniversário de Domingos Félix do Nascimento, marido de Dona Conceição. Concentrava-se assim, em torno dessa família, a realização dos eventos religiosos na quadra do bloco. Conforme nossa idéia inicial, que era analisar a transmissão de valores religiosos para o bloco carnavalesco Cacique de

Ramos, decidimos centrar nossa pesquisa nesse núcleo familiar, por identificarmos nele uma forte presença desses valores. Porém, revelou-se para nós uma segmentação nas atividades ligadas à religião dentro dessa família, intrinsecamente ligada à segmentação entre os gêneros. A relação com a Umbanda era dominada pela presença feminina, sendo a participação masculina limitada por preceitos inerentes a esse culto. Por outro lado, valores morais eram empregados para justificar as limitações impostas às mulheres em relação às atividades que eram consideradas apropriadas apenas para os homens. Essas atividades eram designadas pelo termo *boemia\** e estavam identificadas com uma maior liberdade para freqüentar eventos sociais ligados ao samba e ao carnaval. Conseqüentemente, a criação do bloco Carnavalesco era uma prerrogativa masculina, da qual participaram os três filhos do casal Domingos e Conceição. Dois deles, Ubirajara e Ubirany, repetidas vezes declararam, nas entrevistas, essa ordem de transmissão dos valores familiares, relacionando a influência do samba e o gosto pela boemia com a figura paterna, enquanto consideravam a espiritualidade como uma característica adquirida através da influência materna.

Para encaminharmos essas questões em nosso trabalho, optamos por focalizar o tema religioso no contexto familiar, onde ele se origina e divide espaço com a boemia. Assim, nossa dissertação recebeu o título com o qual se apresenta agora: *Memória familiar no Cacique de Ramos*. Nela, temos como objetivo, estudar a construção da memória do bloco, focalizando a influência da Família Félix do Nascimento, reconhecida na presença de valores comuns - valores religiosos, estéticos, morais e relativos às diferenças de gênero.

Dedicamos nosso primeiro capítulo a discussão sobre a memória social, esclarecendo os conceitos que orientam nossa pesquisa. Em seguida apresentamos, separadamente, as influências provenientes de cada um dos cônjuges que formaram a família Félix do Nascimento. No segundo capítulo analisamos a influência paterna e no terceiro a influência materna. Por fim, no quarto capítulo, analisamos a presença dessa família no bloco carnavalesco Cacique de Ramos, o peso de sua influência e a correspondência entre os valores familiares e os valores presentes no bloco.

## *Capítulo 1*

### *Abordagem Teórica e Metodológica.*

#### **1.1. Memória coletiva.**

O termo memória pode ser empregado em diversos contextos, estando, na maioria das vezes, identificado com a preservação de informação através do tempo. Esse é o sentido lato do termo (encontrado, por exemplo, nos dicionários<sup>4</sup>) e aceito pelo senso comum. O tipo de informação armazenada irá depender daquele que a produz e a utiliza. Nesse trabalho assumimos a idéia expressa por Fentress e Wickham, segundo a qual a memória não possui uma “consistência objectal” (1992: 41). Isso significa dizer que ela será tratada como um atributo, e necessitará de um sujeito ao qual ela esteja referida. No caso focalizado, esse sujeito está definido por um grupo social e pelos indivíduos que o compõem.

O caráter relacional da memória nos faz perceber que seus limites não estão dados, dependem do homem, que a nomeia e lhe dá forma. Inicialmente, ela foi entendida apenas na sua existência individual, na reprodução do passado de um indivíduo, como nos apresenta Wehling & Wehling (1997: 11):

Durante dois e meio milênios de tradição ocidental, a memória foi concebida como algo obviamente individual. Seria sempre entendida como uma faculdade, a de reter e recordar acontecimentos passados, à qual corresponderia uma função psíquica, reprodutora de um estado consciente do passado do sujeito.

---

<sup>4</sup> Ver Figueiredo (1939, 323, vol.2).

É na virada para o século XX que se desenvolve o conceito de memória social ou coletiva. Henri Bergson (1859–1941), conclui, em seu livro *Matéria e Memória* (1896), que sendo o homem um ser “com memória”, conservava o passado e o revivia no presente, para além de suas experiências individuais. Ainda que Bergson não tenha utilizado a noção de uma memória coletiva nesse texto, ele nos permite inferi-la ao mostrar que a memória não se reduz à dimensão do indivíduo. Seu contemporâneo Émile Durkheim (1858–1917) traz à baila a questão da sujeição individual à memória coletiva. Em *Representações individuais e representações coletivas* (editado em 1898), ele afirma o caráter simbólico da memória individual, como traço de um complexo social mais amplo (Durkheim, 1970), abrindo caminho para o estudo das sociedades através das memórias individuais.

O livro de Bergson, dedicado exclusivamente ao estudo da memória, representa o esforço de tratar conceitualmente o tema, dentro de uma abordagem filosófica. Para isso, ele isola seu objeto, a fim de vê-lo sem distorções e abre seu primeiro capítulo pedindo ao leitor que se eleve acima das teorias do espírito e das discussões sobre a realidade ou a identidade do mundo exterior, alinhando-se a noções ligadas ao senso comum (Bergson, 1999: 3). Assim, a memória é vista pelo autor “como a sombra junto ao corpo” (Idem: 212), na qual o passado se conserva inteiro e independente da matéria, esperando para ser atualizado pela consciência. Bergson parte da idéia do presente corporal contínuo, onde a memória é mediada pela imagem do sujeito que a possui. Ele parte de uma psicologia para chegar a uma ontologia, propondo a existência de um “ser do passado”.

Maurice Halbwachs (1877–1945), que fora aluno de Bergson e Durkheim, preferiu estudar a memória como um fato social, seguindo a escola *durkheimiana*. Essa postura o levou a afirmar a existência de uma memória coletiva, na qual a memória individual seria apenas um ponto de vista, mudando segundo o lugar ocupado pelo indivíduo. Aprofundando seu pensamento, ele chegou a propor a supremacia da memória coletiva sobre a memória individual, afirmando que nossa memória é sempre coletiva, mesmo nos momentos mais íntimos, pois somos continuamente perpassados por correntes de memória originadas fora de nós, mas que nos servem de guia (Halbwachs, 1990). Dessa forma, ele considera o indivíduo dependente de uma memória coletiva, que excede o seu âmbito individual.

Para Halbwachs, uma prova de que toda memória é coletiva pode ser encontrada na maneira como lembramos de nossos sonhos. Para Bergson, o sonho é apresentado como uma região onde as lembranças seriam mais puras, livres de qualquer influência externa, pois o indivíduo, ao dormir, estaria livre dos estímulos presentes durante a vigília. Seu discípulo não concordava com isso, e via, na presença da memória coletiva no sonho, um forte argumento a favor de sua tese. Para ele, a linguagem marcaria a presença da memória coletiva nos sonhos, pois é somente através dela que podemos recordá-los. Além disso, as categorias lingüísticas seriam amplamente utilizadas por nós, mesmo quando nossa mente vaga por paisagens oníricas. Por ser uma criação coletiva, utilizada pelo indivíduo nos seus processos mentais, o uso da linguagem nega a possibilidade de uma vida mental pura, completamente individualizada. Eclea Bosi (1979: 18-19) resume a argumentação de Halbwachs nos seguintes termos:

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (situação limite da pureza individual). De resto, as imagens do sonho não são, embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador: cuidados, desejos, tensões... “As noções gerais permanecem em nosso espírito durante o sono, nós continuamos a fazer uso delas, a senti-las ao nosso alcance” [Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*: 68]. No quadro dessas “noções gerais”, que não abandonam o homem, sequer no sonho, destaquem-se as relações do *espaço* (aqui, aí, ali, dentro, fora, em cima, embaixo, à esquerda, à direita...), as relações de *tempo* (agora, já, antes, depois, sempre, nunca, ontem, hoje, amanhã...), as relações de *causa* e de *consequência* (porque, para que, tal que, de modo que...). As categorias, que a linguagem atualiza, acompanham nossa vida psíquica tanto na vigília quanto no sonho. Na vigília, de modo coeso; no sonho, de modo frouxo e amortecido, mas identificável. As convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva.

Fentress e Wickham (1992: 7), por sua vez, crêem que Halbwachs se preocupou tanto com a dimensão coletiva da memória que terminou por desprezar o seu aspecto individual. Afirmam que “um importante problema que se depara a quem quer que pretenda

seguir Halbwachs neste campo é o de elaborar uma concepção de memória que, sem deixar de prestar plena justiça ao lado coletivo da vida consciente de cada um, não faça do indivíduo uma espécie de autômato, passivamente obediente à vontade coletiva interiorizada”. Segundo os autores, se não podemos ver o sujeito como soberano de sua memória, também não nos é possível negar-lhe um certo grau de autonomia<sup>5</sup>. Eles optam por um equilíbrio que não aparece na obra de Halbwachs que, em seu esforço teórico para demonstrar a força da presença da memória coletiva na constituição do sujeito, parece negar-lhe qualquer forma de controle sobre si.

Na nossa ótica, não vemos, em Halbwachs, que indivíduo seja tratado simplesmente como um autômato. O que percebemos é a presença de uma temática fundamental nos clássicos das ciências sociais, em que a influência de Durkheim se faz presente. Nesses trabalhos, vemos o reconhecimento da existência de forças que atuam sobre os grupos e as pessoas, deixando pouca ou nenhuma possibilidade de autonomia. Como exemplos dessas forças, temos o mercado, o trabalho, a vida política e suas transformações. O que vemos na interpretação de Halbwachs é uma ampliação desse quadro de forças, onde os diversos elementos da sociedade exerceriam sua influência sobre o indivíduo.

Para compreendermos a presença da memória coletiva na vida individual, recorreremos ao conceito de *campo de possibilidades*, desenvolvido na obra de Gilberto Velho. Esse se constitui dos elementos que cada indivíduo tem à sua disposição e que formam o seu universo específico, por exemplo, sua língua, sua visão de mundo, o lugar onde reside e suas possibilidades de locomoção e comunicação, os valores e as exigências do grupo onde foi criado, sua família, seus amigos etc. Todos esses elementos estariam sempre presentes para o indivíduo, e suas escolhas seriam estimuladas e, ao mesmo tempo, limitadas por eles. Nesse sentido, a liberdade individual seria a possibilidade de se movimentar dentro de um determinado *campo de possibilidades* (Velho, 1994: 19).

Pensamos que a memória coletiva, como é apresentada por Halbwachs, exerce um papel importante na construção desse *campo de possibilidades*. Ao mesmo tempo, esse conceito está afinado com a idéia de que a memória coletiva está interiorizada, exercendo

---

<sup>5</sup> Fentress e Wickham também criticam o tratamento dado à memória como uma “faculdade mental”, no sentido de que ela funcionaria bem ou mal, melhor ou pior. No nosso trabalho, o uso do termo faculdade não inclui essa perspectiva; concordamos que qualquer memória será sempre vinculada ao contexto social onde ela aparece.

sua influência sobre o indivíduo. A afirmação de que toda memória é sempre coletiva, não carrega, em si, o significado de que o indivíduo seja um autômato, mas sim, lhe outorga uma presença importante na composição do seu *campo de possibilidades*.

## **1.2. A organização da memória.**

Para os filósofos pré-renascentistas, uma fronteira que precisava ser traçada, no âmbito conceitual da memória individual, era a diferenciação entre a memória como mera recordação do passado e a memória como essência da alma. De Platão a Santo Agostinho vemos a mera recordação do passado entendida como uma faculdade menor, compartilhada pelo homem com os animais. Os filósofos gregos empregavam o termo *anamnese* - “operação através da qual a alma atingiria a verdade, no mundo das idéias” (Wehling & Wehling: 11), para aludir a uma memória superior, que só seria própria do homem<sup>6</sup>.

O sentido dessa divisão seria preservado por vários pensadores que procuraram compreender o fenômeno da memória. Descartes manteria essa concepção, já tradicional, ao falar de uma memória sensitiva e de uma memória intelectual (idem). Mas para o idealismo, a memória deixava de ser considerada como essência da alma, para ser compreendida como “um registro psico-fisiológico a partir de impressões armazenadas no cérebro, oriundas de estímulos externos, ou puro fluir psíquico” (idem). Dugas alude a “uma memória bruta, de base sensorial, e uma memória organizada, organizando o passado como ato teleológico do espírito” (idem). Também o psicólogo Endel Tulving identifica pelo menos dois “sistemas” onde se divide a memória, um deles classificado como “semântico”, enquanto o outro seria “episódico”. Como explicam Fentress e Wickham, o primeiro sistema estaria ligado à mera recordação do passado enquanto o segundo seria responsável pela percepção de nossa identidade.

---

<sup>6</sup> Sobre a evolução do pensamento grego sobre a memória, Vernant, 1990: 71-112.



A memória semântica está por trás da “consciência cognitiva”, ao passo que a memória episódica é subjacente à “consciência auto-cognitiva”. Assim, a memória semântica rege o nosso conhecimento de acontecimentos independentes da experiência pessoal de nós próprios, ao passo que a memória episódica está por trás do nosso sentido subjetivo de identidade. (Fentress e Wickham, 1992: 35)

O filósofo Henri Bergson foi um dos primeiros a afirmar que a memória não se reduzia à esfera individual. Ele também reconheceu dois tipos de memória em seus estudos. De um lado, a *memória-hábito* que seria a responsável pela integração do indivíduo à vida em sociedade, habilitando-o para o desenvolvimento de atividades essenciais à vida cotidiana. Sobre essa, a vontade coletiva exerceria sua influência. Por outro lado, a *imagem-lembrança* seria o espaço reservado aos fatos únicos, aos momentos singulares, em que o indivíduo se sobressai e aos quais somente ele pode ter acesso. Bergson assinala a existência de extremos, onde essas memórias se apresentariam em sua forma mais pura, lembrando que, na maioria das vezes, elas aparecem juntas, muitas vezes em conflito. O extremo da *memória-hábito* apareceria quando a *percepção-para-ação* domina o comportamento, quando agimos de acordo com padrões pré-estabelecidos, como, por exemplo, quando comemos de acordo com as convenções da etiqueta, ou quando executamos uma tarefa rotineira. No outro extremo, o sonho marcaria o domínio da *imagem-lembrança* pura, quando, livre de padrões externos, o inconsciente poderia se revelar.

Nesses pensadores, observamos uma correlação, no que diz respeito a observarem uma divisão funcional na memória, atuando em momentos específicos da vida humana. Eles relacionam uma função consciente a uma outra, inconsciente; uma voltada para a recordação do passado, a outra voltada para a execução das tarefas diárias. Mas de um modo geral, existe uma dificuldade em estabelecer categorias universais para descrever a memória. Fentress e Wickham atribuem esse fato ao caráter funcional da memória. Sua importância para diversas atividades de nossas vidas e as diferentes formas com que ela se faz presente nesses momentos, dificultam uma classificação única. Assim, para cada memória haveria uma forma diferente de entender a sua construção.

A incapacidade dos registros, tanto filosóficos como psicológicos, de fornecerem um conjunto de categorias para a descrição da memória que seja válido universalmente revela a natureza funcional de grande parte de nossa experiência de memória. Trata-se habitualmente de uma experiência associada a tarefas específicas, e importa de que tipo de tarefas se trata. A nossa experiência de recordar informação semântica é diferente da nossa experiência de tentar recordar como se dança o tango. Mas essas diferenças funcionais são também diferenças sociais, pois é o mundo em que vivemos que distribui as tarefas da nossa memória, determina a maneira como essas tarefas devem ser desempenhadas e até nos dá as categorias com que as pensamos. Isso é verdadeiro para a memória individual e é também verdadeiro para as memórias conservadas coletivamente (Fentress e Wickham, 1992: 40).

Em *Matéria e Memória*, de Bergson, é assinalada a separação entre percepção e memória, mas ele reconhece o caráter artificial dessa separação, afirmando que “na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (Bergson, 1999: 183). Seu raciocínio tinha por objetivo, justamente, entender as relações entre a conservação do passado e sua articulação com o presente. Separar os dois domínios era um caminho lógico. A própria linguagem se baseia nesse mecanismo, ela classifica as coisas do mundo separadamente, para torná-lo inteligível, sem querer dizer, com isso, que é assim que o mundo é feito, apesar de provocar em nós essa impressão. Não é diferente quando tratamos de conhecer a nós mesmos, mas se torna mais difícil estabelecer fronteiras para a nossa consciência, visto que uma de suas principais características é nos dar a impressão da completude, para que possamos agir de modo eficaz sobre o mundo que nos rodeia.

Interessado pelos processos mentais da memória, Bergson detectou suas fronteiras no interior da subjetividade, justamente num espaço onde a singularidade é muito valorizada, para além das interferências externas. Já Halbwachs, procurando esclarecer as bases sociais da memória, percebe que ela se infiltra até nos refúgios mais recônditos da consciência, negando-lhe a possibilidade de uma existência autônoma. Aparentemente iludido, o indivíduo acredita ser o autor de algo que lhe é exterior. Mas Halbwachs também delimita quadros para a memória, só que, como sugere seu campo de estudos, esses quadros estão marcados por representações coletivas. Ele encaminha sua análise, separadamente,

sobre representações do tempo e do espaço - forças que orientam a memória – mostrando que esses elementos confluem sobre o que ele chama de “correntes de pensamento”.

Na realidade, se aproximando várias consciências individuais, podemos reposicionar seus pensamentos ou seus acontecimentos em um ou vários tempos comuns, é porque a duração interior se decompõe em várias correntes de pensamentos que têm origem nos próprios grupos. A consciência individual é apenas o lugar de passagem dessas correntes, o ponto de encontro dos tempos coletivos (Halbwachs, 1990: 128).

Halbwachs afirma que existem tantos tempos e espaços diferenciados, quanto indivíduos. Quando os indivíduos passam a manter relações entre si, o tempo e o espaço individual dá origem a uma duração comum, nascida dessa relação. Assim, a idéia de um tempo e um espaço comum faz parte de um acordo entre os diversos grupos, como o religioso, o doméstico, o profissional e outros, para facilitar a relação entre eles. Podemos falar na memória de cada um desses grupos, ou ainda na memória de um grupo maior, composto por aqueles. Tal disposição nos lembra as bonecas russas *matryoshka*, uma guardada dentro da outra - bonecas inteiras, únicas e semelhantes umas às outras.

Como o indivíduo, os grupos também carecem de um sentido de unidade. Somente a partir daí eles podem se reconhecer e serem reconhecidos como tais. Nesse ponto, a memória exerce um papel fundamental para ambos, como salienta Michael Pollak (1992: 204), atribuindo a esse processo o surgimento do sentimento de identidade:

Podemos dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. [grifo do autor].

É nesse sentido que relacionamos memória e identidade, como o mecanismo que possibilita à relação em grupo, permitindo que os tempos e os espaços individuais sejam compartilhados numa experiência coletiva. Nesse sentido, o sentimento de identidade se traduz no sentimento de pertencimento. Quando o indivíduo se percebe incluído numa duração coletiva, compartilhado por um determinado grupo, no qual ele se insere.

É porque determinada pessoa ou determinado grupo possui existência enquanto tal, que podemos falar de uma “corrente de pensamento” correspondente. De modo geral, cada grupo e cada pessoa é o resultado específico, e provavelmente único, de um encontro entre um sem número dessas correntes. A maneira como essas “correntes de pensamento” se relacionam, entrecruzando-se constantemente, faz com que elas se submetam a um processo de negociação. Segundo Pollak, é em meio a essa negociação que o sentimento de identidade se produz: “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (idem).

Essa relação com o outro inevitavelmente força a sua maleabilidade, sua capacidade de se adaptar, ou sua rigidez, sua capacidade de defender uma integridade ameaçada. Em ambos os casos, a memória funciona como parte do arcabouço – do grupo ou do indivíduo - se adaptando até o limite em que a estrutura que sustenta o grupo corra perigo, quando então passa a resistir aos abalos, possivelmente, cedendo aos poucos.

Portanto, não há como falar de uma memória única, nem de sua existência isolada. Para onde quer que olhemos veremos a possibilidade de dissecação, proveniente da multiplicidade de memórias presentes em cada sujeito, mas cuja classificação não passa de uma representação inspirada na própria experiência do observador, em sua própria corrente de pensamento. As mesmas ponderações podem ser aplicadas ao conceito de identidade: longe de tratar-se de uma “essência” fixa, como assinalava a tradição metafísica, a identidade aponta para um confronto de forças, uma disputa, uma negociação entre diversos grupos. Com Pollak, concordamos numa visão fragmentária e polêmica da identidade, assim como a memória ela se constrói e é elaborada, individual e grupalmente, não é única nem atemporal, mas um processo, uma construção, uma negociação.

### **1.3. A interpretação da memória:**

O modo como percebemos o mundo à nossa volta está relacionado diretamente com os nossos sentidos. Suas limitações nos permitem dizer que o mundo que percebemos já está definido por esses limites. Não podemos olhar para todos os lados ao mesmo tempo, portanto, optamos por um. Para reconstruir essa totalidade perdida criamos um mapa mental, onde, acima e abaixo, à direita e à esquerda, à frente e atrás, longe e perto, são categorias que nos permitem integrar e relacionar esse mundo fragmentado que nós captamos. Essas categorias são convencionais e, por intermédio da memória, elas orientam nossa própria percepção.

Numa experiência simples, colocada em prática pelo historiador de arte Ernest Gombrich - citada por Fentress e Wickham (1992: 48) - foi pedido a uma criança de onze anos que fizesse uma cópia exata de um quadro de Constable. A “relva matizada”, as “nuvens delicadamente coloridas”, as pessoas e os animais, enfim, todo o estudo de “cuidadosa observação da natureza” feito pelo pintor ficou reduzido a “uma série de conceitos visuais”. Duas manchas homogêneas, uma verde e outra azul, representavam a relva e o céu respectivamente, enquanto as pessoas e os animais estavam deslocados para frente do quadro, desenhados de forma simples, com elementos básicos.

Como conceito, a erva é uma “coisa verde”, tal como o céu é uma “coisa azul” e uma maçã uma “coisa vermelha”. Empiricamente, claro, erva, céu e maçãs podem ser de muitas cores. Se as crianças habitualmente pintam os céus de azuis e as maçãs de vermelho vivo, não é por sofrerem de falhas na sua visão ou na sua memória, mas sim porque é mais fácil conseguir uma imitação reconhecível pintando o conceito. (idem)

O conceito não é só uma forma de expressão, mas também uma forma de lidarmos com o mundo a nossa volta. É somente porque nossa memória é armazenada de forma conceptual que podemos perceber o mundo como o percebemos, que podemos agir sobre ele da maneira como agimos. O conto de realismo fantástico *Funes, o memorioso*, de Jorge Luiz Borges, pode nos dar uma idéia de como a conceptualização se faz necessária em nossas vidas. Nele, o personagem título, após sofrer um acidente, passa a se lembrar detalhadamente de cada percepção que atravessa seus sentidos. Num artigo em que analisa este conto, Gondar nos esclarece a relação entre a memória e o conceito:

Assim, o cão percebido às quatro e quinze, de perfil, era lembrado tão vivamente, com todas as suas inumeráveis nuances, quanto o cão percebido às quatro e dezesseis, de frente; ora, diante de tantas diferenças claramente percebidas e lembradas, o que permitiria a Funes dizer que se tratava do mesmo cão? De que modo ele poderia delimitar esse conceito? Pois a formulação de um conceito, no sentido clássico do termo – aquele que implica em postular a identidade e a permanência de alguma coisa – exigiria o esquecimento dessas diferenças imutáveis. E se nossos interesses práticos, aqueles que as necessidades da vida nos impõem, que nos levam a crer em categorias como identidade, permanência e constância, devemos ter claro o quanto essas categorias implicam o esquecimento. Uma memória plena, como a de Funes – onde não houvesse distinção entre consciência e memória, ou entre percebido e lembrado – não seria apenas insuportável: seria impossível. (Gondar, 2000: 36)

Uma das formas de conceptualização do mundo que nos cerca é a linguagem. Como vimos anteriormente, Halbwachs a considerava “o instrumento decisivamente socializador da memória” (Halbwachs, 1925: 68) e afirmava sua influência constante sobre nós, a ponto dela se fazer presente inclusive na percepção de nossos sonhos. Outros estudiosos também assinalam essa ligação, como é o caso de Jacques Le Goff, que considera os fenômenos de memória, “tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos”, como “resultados de sistemas dinâmicos de organização” (Le Goff, 1996: 424-425). Le Goff cita Pierre Janet, quando este “considera que o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’”; e também Henri Atlan, que estudando os sistemas “auto-organizadores”, também aproxima “linguagem e memória” (idem):

A utilização da linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isso significa que antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob forma de armazenamento de informações na nossa memória (in: Le Goff, 1996: 425).

Dessa linguagem, anterior à própria expressão verbal humana, ressaltamos a presença de um sistema de classificação. Esse processo envolve a seleção que, num

primeiro momento, podemos localizar na nossa percepção do mundo, limitada por nossos sentidos. No entanto, é na organização da memória que ela encontra suas características mais marcantes, onde, como ressaltou Jô Gondar (2000: 36), o esquecimento cumpre um papel essencial. Ele é importante para o processo de seleção que define aquilo que deve ser lembrado, mas também está presente na conceptualização que permite a integração da memória com a percepção.

Em nossa sociedade, onde a informação é um bem precioso, o esquecimento tende a ser visto como um problema, um mau funcionamento da memória. Porém, diversos pensadores reconheceram sua importância para a vida mental. Montaigne foi um grande defensor de suas qualidades e um reconhecido desmemoriado, que optou por ver vantagens onde os outros normalmente vêem um defeito. Ele valorizava “a possibilidade de ler um livro já lido como se nunca o tivesse sido, a vantagem de formar novas impressões, por terem as velhas saídas da lembrança, ou então a de esquecer as ofensas, colaborando assim para a ordem social” (Lovisolo, 1989: 19). Em sua visão, o que estaria em jogo seria uma relação negativa entre a memória e o bom senso, o discernimento, o livre pensamento e o entendimento. Como afirma Hugo Lovisolo, nesse ponto Montaigne e Borges têm a mesma opinião. Sem desconhecer sua importância, percebiam que uma memória sem esquecimentos iria contra a possibilidade do indivíduo construir sua própria identidade. Esse seria incapaz de gerir sua própria vida mental, caso fosse vítima de uma reconstrução perfeita daquilo que via e ouvia, incapaz de julgar por si mesmo, pois estaria sempre apegado às apreciações alheias. “Enfim, parece que a memória seria um obstáculo para a constituição do indivíduo autônomo, independente na formulação do juízo. Obstáculo, então ao desenvolvimento de valor central da modernidade: a autonomia do indivíduo” (Idem.).

Assim, é na possibilidade de escolher os traços que serão legados à memória e os que serão entregues ao esquecimento que reside o processo de conceptualização que estamos explorando. Ao mesmo tempo, ele é importante na constituição do indivíduo e dos grupos, envolvendo a posse de suas memórias, ou seja, a capacidade de selecionar experiências vividas e a possibilidade de esquecer. Pois essa seleção entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido não é tão livre quanto possa parecer, ela envolve valores, interesses e desejos, tanto no plano individual quanto no plano coletivo.

Se nossa memória é fortemente conceptualizada, possuindo uma linguagem própria, fica evidente que o caminho inverso, pelo qual temos acesso às nossas memórias, é habitualmente trilhado pela interpretação. Como já vimos, essa idéia corresponde ao ponto de vista de Halbwachs, para quem o ato de recordar é uma reconstrução de nosso passado (Halbwachs, 1990: 71).

Temos algumas imagens, impressões, sensações, que desafiam a nossa capacidade de interpretação, são praticamente indizíveis, e nos parecem fora do nosso alcance. Elas vêm à tona como imagens evanescentes, difíceis de serem classificadas ou interpretadas. São as inexplicáveis sensações do *déjà vu*, a impressão que temos de lembrar algo involuntariamente, uma imagem, uma sensação ou um cheiro que não parece se relacionar com nada e que normalmente temos dificuldades para traduzir em palavras

Outras são completamente esquemáticas, e sua existência é quase tão somente esse ato interpretativo. A própria linguagem, falada ou escrita, é um exemplo dessa organização. Frequentemente não nos lembramos de como tivemos acesso a ela, no entanto ela é uma constante, presente em nossas vidas, na qual estamos imersos. Esse é o caso da *memória-hábito* de Bergson, que não se refere a um fato específico, mas à repetição constante, ou seja, uma reinterpretação contínua de um esquema conceptualizado. Encontramos esse tipo de memória na nossa habilidade de dirigir um automóvel e no respeito às leis de trânsito, bem como na nossa capacidade de nos comunicarmos por meio de uma linguagem, respeitando a sua gramática.

Porém existem memórias em que a interpretação não se apresenta de forma tão evidente. Essas podem ser exemplificadas pela *imagem-lembrança* de Bergson. Gostamos de tratar nossas lembranças pessoais, aquelas que nos parecem as mais importantes, como se pudéssemos revivê-las com detalhe na nossa mente. Por exemplo, um dia importante, como o da formatura na faculdade, o do casamento, do nascimento dos filhos, aqueles com que normalmente nos preocupamos em registrar materialmente por meio de fotografias ou pela guarda de relíquias. Esses dias são revividos com riqueza de detalhes impressionante, se comparados aos menos interessantes, como um dia comum de trabalho, ou uma segunda-feira cinzenta. Mas para mantermos essa riqueza de detalhes, recorremos a construções que preenchem os buracos de nossa percepção, ou que vencem ao próprio estrago que o tempo faz sobre a preservação de nossas lembranças. Procuramos as pessoas que neles estiveram



envolvidas e completamos nossas falhas com diferentes pontos de vista, recorremos a fotografias e, às vezes, até mesmo à nossa imaginação, e, no entanto, gostamos de manter a ilusão de nos recordarmos dos acontecimentos como se os revivêssemos mentalmente. Essas são reconstruções que apelam para diferentes elementos, individuais e sociais, para manter a ilusão de que eles se preservam intactos<sup>7</sup>. Todavia, mesmo aquilo que evocamos como *imagem-lembrança* não está isento de determinações sociais. E mesmo aquilo que nos parece automático e repetido é fruto de uma reinterpretação. Lembremos que a memória é sempre um processo de construção, seja ela individual ou coletiva, esteja ela ancorada em hábitos ou em lembranças singulares.

#### **1.4. Lugares de memória.**

Para Pierre Nora, a missão da história para com a memória seria “destruí-la e a repelir” (Nora, 1993: 9). É assim que ele percebe as sociedades modernas, com sua perda crescente de memória, diante da “aceleração da história” (idem: 7). Aceleração pela crescente revisão dos postulados estabelecidos, tornando evanescente sua própria narrativa. Aceleração pela marcha em direção a domínios mais propriamente identificados com a memória.

A historiografia, anteriormente, assumia a tarefa de narrar o desenvolvimento nacional, se constituindo “na mais forte das tradições coletivas” (idem: 10). Mantinha-se numa esfera superior, acima da existência diária da maior parte das populações, alcançando-as apenas em suas conseqüências, na parte onde a história resulta na formulação do presente, na construção e na justificativa de um estado de coisas. Torná-la viva, fazer com que essa construção histórica se tornasse popular e fizesse parte da

---

<sup>7</sup> Ver Halbwachs 1990.

memória coletiva era tarefa dos *lugares de memória* que, neste caso, são reconhecidos por Nora como resultado da ausência de uma memória espontânea.

Os *lugares de memória* nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (idem: 13)

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e associações, são exemplos desses *lugares*, “são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade” (idem: 13). Eles são erigidos, ou assim determinados, guardados e defendidos, contra o próprio movimento da história, que, “sem a vigilância comemorativa”, “depressa os varreria” (idem: 13). É nesse sentido que o autor propõe o estudo dos *lugares de memória*, “aprofundamento decisivo do trabalho da história” (idem: 12), e por isso se atém a essa relação topográfica no desenvolvimento desse conceito, mas não deixa de apontar outros caminhos.

Para Nora, o surgimento dos *lugares de memória* substitui a forma como as sociedades que não estavam dominadas pela história vivenciavam sua memória. Elas próprias representando os *meios de memória* responsáveis pela conservação e transmissão dos valores, assegurando uma passagem regular do passado para o futuro, prescindindo da necessidade de erigir lugares, já que a sua memória era fixada no seu próprio corpo e revivida dentro de uma concepção cíclica do tempo. Para o autor “Há *locais de memória* por que não há mais *meios de memória* [grifo nosso]” (idem: 7) A família e a igreja representariam aqueles espaços que ainda sobrevivem como *meios de memória* na nossa sociedade contemporânea, onde a escola e o Estado trouxeram consigo os *lugares de memória* originados na concepção historiográfica vinculada por essas instituições. No entanto, ainda vivemos essas transformações, evidenciada no avanço da concepção histórica, que alcança todos os *meios de memória* de nossa sociedade.

Pierre Nora reconhece, nesse movimento de aceleração da história e no seu encontro com a memória, uma mistura, uma troca de posições e um envolvimento, fruto de uma convivência mais íntima entre esses domínios. Pelo lado da história houve um deslocamento na sua formulação, ampliando seu campo de atuação, das temáticas

nacionais, políticas e econômicas, para as temáticas sociais mais próximas da vida dos indivíduos, seus costumes, hábitos e tradições, ou seja, incorporando no âmbito de suas preocupações questões que estavam restritas à memória dos povos. Na reflexão sobre a memória, Nora reconhece que uma postura historicista passa a ser assumida em sua formulação, atingindo grandes porções da população, pelo menos na França. O discurso histórico finalmente teria penetrado mais fundo na população e se tornado mais que comum, uma exigência contemporânea. A memória pura estaria se perdendo por causa das exigências historiográficas. A repetição, o hábito, a comemoração e a tradição, já revistos pelos estudiosos, agora passam a ser vistos com desconfiança por seus próprios participantes. Assim, a memória, deixando de ser vivida com naturalidade, passaria a ser uma obrigação.

A passagem da memória para história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. Não há mais nenhuma família na qual pelo menos um membro não se tenha recentemente lançado à reconstituição mais completa possível das existências furtivas de onde a sua emergiu. O crescimento das pesquisas genealógicas é um fenômeno recente e maciço. (idem: 17)

Com a multiplicação dos “historiadores de si mesmos”, Pierre Nora, percebe que o conceito de *lugares de memória* ganha outro contexto no plano individual. Assim, ele reconhece na “cena primitiva” de Freud e na “pequena madalena” de Proust, “dois *lugares de memória* íntimos e ao mesmo tempo universais” (idem: 18). Mais do que uma localização do conceito na vida íntima, o próprio indivíduo é reconhecido pelo autor como um *lugar de memória*.

Aparentemente tudo pode tornar-se um *lugar de memória*, e Pierre Nora reconhece que o conceito é interessante, mas também complexo. Seus limites são “simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao

mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração” (idem: 21). Essa imponderabilidade é reconhecida como uma de suas características; para ele, “todos os *lugares de memória* são objetos no abismo” (Idem: 24). Sua existência está condicionada a sua própria vontade de existir e seus significados estão ensimesmados. Eles fogem da realidade, num movimento contrário ao da história. Os acontecimentos, que são a base das preocupações históricas, se transformam em lugares, perdem seu vínculo com a realidade ao se transformarem em “acontecimentos fundadores” ou “acontecimentos espetáculos”. A memória não se interessa pelo próprio acontecimento, “sua exclusão é que a delimita: a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (idem: 25).

Diferentemente de todos os objetos da história, os *lugares de memória* não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou histórica; ao contrário. Mas o que os faz *lugares de memória* é aquilo pelo que exatamente eles escapam da história (Idem: 27).

Nora, ainda ressalta, que para ser possível essa auto-significação, se faz necessária a presença de uma *vontade de memória*. Sua presença se faz notar tanto na seleção entre o que deve ser lembrado e esquecido, como na própria apresentação daquilo que se quer lembrar. Para nossa sociedade envolta na história, essa *vontade de memória* cria lugares específicos, que comunicam, mais do que revivem aquilo que se pretende oferecer à memória.

Através do conceito de *vontade de memória*, Pierre Nora evidencia o caráter de construção que envolve a memória. Esse processo também envolve a negociação, necessária a constituição dos *lugares de memória*, e que requer deles uma aptidão para a metamorfose. O autor afirma que “nenhum *lugar de memória* escapa a seus arabescos fundadores” (idem: 23), mas percebe seu movimento migratório entre várias situações. Assim, um *lugar de memória* constituído para um determinado grupo em um determinado tempo, pode ter outro significado quando se altera o contexto, servindo a uma *vontade de memória* e guardando a ligação com a sua origem. É, nesse sentido, que ele situa toda a obra histórica e o próprio gênero histórico como um *lugar de memória*.

Nora ainda reconhece que os *lugares de memória* deverão manter três características básicas, três sentidos que não lhes podem faltar: o material, o simbólico e o funcional, “simultaneamente, somente em graus diversos”. Assim, ele ressalta o simbolismo de que devem ser investidos os lugares puramente materiais ou funcionais, para que esses passem a ser reconhecidos como *lugares de memória*. Mesmo um momento puramente simbólico, como *um minuto de silêncio*, “ganha o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada à lembrança” (idem: 21).

### **1.5. Memória familiar.**

A *vontade de memória*, necessária à constituição dos *lugares de memória*, segundo Pierre Nora, precisa de um foco onde ela se irradie. Como tal, ele reconhece a existência dos *meios de memória*. Se pudermos ver a história como um *lugar de memória*, precisamos identificar o *meio* de onde vem a *vontade* que lhe possibilita a existência. Em um determinado momento de sua construção, o projeto historiográfico estava ligado aos Estados Nacionais, foco irradiador de uma *vontade de memória* e, portanto, um *meio de memória*. Outros *meios de memória*, apontados pelo autor, são a igreja, a família e a escola. Essa última estaria, na maioria das vezes, ligada ao projeto historiográfico.

Nesse trabalho escolhemos uma família, que, para nós, ocupará a condição de *meio de memória*. Procuramos observar as manifestações de sua *vontade de memória*, principalmente no que diz respeito à constituição de um bloco carnavalesco. Na ótica dessa família podemos compreender o Cacique de Ramos como um *lugar de memória*, pois, como demonstraremos, nele se expressa sua *vontade de memória* nos três sentidos que o conceito precisa para se sustentar: material, simbólico e funcional. É nesse sentido que falamos de uma memória familiar.

A constituição desse núcleo familiar pode ser narrada dentro de um padrão histórico, ligando acontecimentos a sua evolução no tempo, partindo da história de vida de

cada um dos cônjuges e seguindo o desenvolvimento de sua relação, o nascimento dos filhos e sua criação. Da mesma forma, a empreitada comum, realizada pelos rebentos dessa união, a criação de um bloco carnavalesco, possui sua historicidade. O desenvolvimento dessa narrativa é importante para a compreensão de suas relações, nos dá pistas sobre a presença da memória familiar no Cacique de Ramos, mas não a define, já que, como veremos, existem outros fatores que a constituem.

Pierre Nora reconhece que o próprio homem é um *lugar de memória* (idem: 21). Se apontamos uma família como um *meio de memória*, teremos em cada um de seus indivíduos um *lugar* de sua memória. A narrativa histórica apenas nos indica as relações sociais que se estabelecem: a relação conjugal e a filiação, que podem ser expressas por documentos: as certidões de casamento e nascimento. Mas é na memória que podemos encontrar o seu sentido mais profundo. São nas recordações de cada um de seus membros que a instituição familiar melhor se manifesta, e estas não dizem respeito apenas aos acontecimentos, mas a todo o complexo de significados que se expressa na memória.

Algumas datas marcantes são comemoradas e relembram a seus membros o desenvolvimento individual e do grupo. São os aniversários de casamento, nascimento e morte, desenhando o quadro temporal da história familiar. A comemoração dessas datas exige uma certa precisão. Existe um esforço coletivo para se manterem os registros temporais corretos, facilmente reconhecidos na repetição anual de tais datas. Mas encontramos também uma gama de acontecimentos que não se prendem a datas, e sim a períodos. Eventos que não possuem uma localização exata na linha do tempo, mas que podem ser relacionados a momentos distintos, cujo balizamento se dá pelos mais diversos indicativos, como as lembranças dos tempos de namoro entre os cônjuges, os acontecimentos relacionados com a infância das crianças, os diversos períodos da formação escolar ou uma mudança de endereços. São marcos menos precisos, mas que nem por isso deixam de contar uma história. Por outro lado, esses eventos não possuem uma narrativa única, a não ser como fruto de uma negociação entre os diversos envolvidos e cuja sintonia só pode ser garantida no momento em que é proferida. A necessidade de uma renegociação é grande. Uma pesquisa que se preocupe com uma reconstituição histórica dos acontecimentos procuraria minimizar essas irregularidades, ao mesmo tempo em que procuraria fixá-los com maior precisão na linha do tempo. Não é o nosso caso. O que nós

estaremos analisando aqui está relacionado com a construção de uma memória coletiva, com toda a multiplicidade e irregularidades que ela comporta. A memória coletiva é uma esfera essencial no exercício e na transmissão da cultura; interpretando-se cultura, aqui, no sentido que lhe é dado por Clifford Geertz (1989: 56), segundo o qual, ela é uma conjunção de mecanismos de controle para governar o comportamento<sup>8</sup>.

A família é fonte dos primeiros valores e costumes, que permitem ao indivíduo se relacionar em sociedade, e esses não são retidos como uma narrativa, mas como uma forma de ser, um hábito, parte da identidade individual. Nesse quadro, as narrativas sugerem parábolas, carregando uma lição que reforça um determinado padrão de comportamento. Sua evolução no tempo também marca essa negociação, e tal padrão varia de acordo com as mudanças que se processam no seu decurso. Marcadamente, a diferença entre as gerações revela esse processo. No caso estudado, notamos uma tendência à continuidade dos valores familiares. Uma valorização da memória que nos permite reconhecer o seu desenvolvimento dentro do bloco carnavalesco Cacique de Ramos, ou seja, o processo de envolvimento dos membros da família Félix do Nascimento com o bloco se dá pela continuidade das tradições familiares e não por uma ruptura com essas.

Falamos de uma cultura familiar, não como um exemplo isolado de seu meio social, mas como um exemplo escolhido por nós para esse estudo. Sua inserção no contexto mais geral não deve ser esquecida. Existem grupos circundantes nos quais a família Félix do Nascimento se insere e com os quais se relaciona através de seus membros como a vizinhança, os amigos e os parentes. Mas existem dois grupos com os quais seus membros possuem relações intensas, e que merecem destaque: os grupos formados pelas afinidades religiosas e pela ligação com o samba. Esses dois grupos são as principais referências para os membros da família Félix do Nascimento, aparecendo constantemente no seu discurso. Porém, eles não são simplesmente citados, mas estão intrinsecamente ligados ao discurso de nossos entrevistados, nas suas representações e no uso de termos específicos.

Tanto o samba como a Umbanda – orientação religiosa predominante na família Félix do Nascimento – podem ser inseridos no conceito apresentado por Alfred Schutz (1979) de *províncias do significado*, segundo o qual diferentes grupos possuem uma

---

<sup>8</sup> O autor também ressalta que “o homem é precisamente o animal que mais necessita de tais mecanismos de controle, estratégicos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar o seu comportamento” (Geertz, 1989: 56).

relativa autonomia no que diz respeito à produção de suas próprias fronteiras simbólicas. É nesse sentido que podemos falar no *mundo do samba* ou no *mundo da Umbanda*, porque esses formam *províncias de significados* que lhes são próprias. Ambos possuem uma realidade própria, composta de muitas faces, mas que ainda assim podem ser tratadas como um todo. Existem vários estudos que se propõem a dar conta desses fenômenos de forma abrangente, assinalando suas diferentes manifestações e as relações entre elas. Porém, a nossa análise estará voltada apenas para as manifestações com as quais a Família Félix do Nascimento mantém relações. Nossas fronteiras interpretativas serão definidas pela própria família que pesquisamos. Estaremos, com isso, utilizando-nos do que a Antropologia convencionou chamar de *classificações nativas* (Heilborn, 1984: 3).

No discurso de nossos pesquisados, é recorrente o uso de termos muito próprios a um ou outro desses *mundos*, evidentemente eles dominam seus significados, mas para muitas pessoas eles serão obscuros. Para facilitar a compreensão de determinados termos utilizamos um glossário<sup>9</sup> no qual apresentamos definições de termos sobre a Umbanda ou sobre o samba, porém verificamos com nossos entrevistados a forma em que eles implementam esses significados, portanto não estamos nos referindo a explicações definitivas ou universais, mas sim relativas ao uso que é dado pelo grupo que pesquisamos.

---

<sup>9</sup> Os vocábulos que constam no **glossário** estão assinalados com **asteriscos** apenas na primeira vez em que eles aparecem na dissertação.



## *Capítulo 2*

### *A Influência Paterna*

#### **2.1. A família Félix do Nascimento e seu patriarca:**

A família Félix do Nascimento foi formada a partir da união entre o carioca Domingos e a mineira de São João del Rei, Conceição. Ambos pertenciam a famílias que migraram para a cidade do Rio de Janeiro, sendo a de Seu Domingos proveniente de Campos dos Goitacases, cidade situada na região do norte fluminense. Eram famílias grandes, compostas por vários irmãos e irmãs. Compartilhavam, entre elas, uma característica comum que era a longevidade. A mãe de Dona Conceição chamava-se Albertina e morreu com cento e quinze anos, tendo, inclusive, sido alvo de matérias jornalísticas que focalizavam a sua idade avançada. Já o pai de Seu Domingos morreu aos cento e quatro anos, depois de vários casamentos e muitos filhos, era profissional da estiva e, como nos conta seu filho, em um depoimento do filme *O fio da Memória* (Coutinho, 1991), era boêmio e “gostava também da orgia”.

As duas famílias se concentravam nos bairros suburbanos do Rio, como o Méier, Penha, Olaria e Bonsucesso. O início da relação entre o casal não é lembrado por seus filhos em detalhe, sobrevivem, apenas, poucos dados do que seus pais lhes contavam. Mas uma coisa está clara: o galanteio de Domingos envolvia a sua destreza com a dança.

Seu Domingos era muito conhecido por ser um exímio dançarino. Fato ressaltado por seus filhos e por vizinhos que chegaram a conhecê-lo em Ramos. Frequentava os bares do bairro, os bailes da época, e andava sempre bem vestido, característica marcante em sua personalidade. Frequentava também outros recantos da cidade, possuía uma ampla rede de conhecimentos, muitos deles ligados ao samba. Conta-se que quando saía para encontrar os

amigos podia passar dias fora de casa. Por essas características é normalmente reconhecido como um boêmio. Seu filho Ubirany assim o descreve:

Meu pai, pessoa muito tranqüila: Seu Domingos. Mas era um boêmio, também, adorava a noite, adorava dançar, principalmente. Como ele curtia a dança! A ponto dele ter até medalhas, troféus de concurso de dança, daquele tempo das valsas, do maxixe, e tal, daquelas coisas que se dançava naquela época. E meu pai tinha companheiros, amigos que ele chegava a tratar como irmãos, como Gastão Viana, como Honório Santos, Pixinguinha, Bidê. Meu pai freqüentava muito a casa dessas pessoas. Naquelas reuniões pra tocar, pra compor... Não que meu pai fosse um emérito músico, compositor, cantor... Meu pai nunca foi de tocar instrumento, nenhum, de cantar ou de compor. Mas ele vivia nesse meio como aquele cara que gostava, que participava ativamente.<sup>10</sup>

Conforme a opinião dos seus filhos, a dança parece ter sido a estratégia utilizada por Seu Domingos na conquista de Dona Conceição. Quando se casaram foram morar na Rua Teixeira Franco, onde nasceram os três primeiros filhos: Ubirajara, o primogênito, Ubiracy e Ubirany. Tendo o filho caçula atingido a idade de dois anos, a família se mudou para a rua Souza Lobo, no lado oposto da linha férrea que corta o subúrbio da Leopoldina, estabelecendo uma divisão geográfica importante para os moradores da região. Nesta nova residência, a família cresceu com a vinda de sobrinhos que passaram a ser criados pelo casal, quase todos com nomes indígenas: Jacimara, Jaciara, Juçara, Indaiá e dois Jorges. Também era comum a permanência de “agregados” - familiares que chegavam a morar alguns anos com eles. Esse fato fez com que a convivência familiar fosse compartilhada por vários indivíduos, ampliando consideravelmente suas proporções. O casal ainda teve mais uma filha, batizada com o mesmo nome da mãe. Conceiçãozinha, como ela é conhecida, nos detalhou o número de pessoas que chegaram a morar em sua casa quando ela era pequena:

Na mesma casa... Comigo seis. Birani, Ubiracy e Ubirajara... Com papai e mamãe são onze, não é? Fora aqueles que iam para passar, assim, uma temporada de ficar uma semana, nas férias, e essa semana se prolongava por

---

<sup>10</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

dois, três anos. Coração, assim de mãe, que mamãe tinha mesmo. Todo mundo tinha problema e corria pra casa da mamãe.<sup>11</sup>

Essa receptividade se estendia a amigos e vizinhos que costumavam freqüentar aquela casa. Era lá que aconteciam as reuniões do Cacique de Ramos e o calendário das festas de família era de conhecimento de todos, festas que duravam dias e que eram muito freqüentadas. Conceiçãozinha conta que o “aniversário da mamãe e do papai, todo mundo sabia, não precisava convidar, então, ia aquele povo todo do Cacique pra lá. Já ia de manhã. Não esperava dar a noite para ir não. Já ia de manhã, porque sabia que ia rolar comida o dia todo, bebida o dia todo”<sup>12</sup>.

Foi preciso muito trabalho para sustentar uma família tão grande, suas festas e sua generosidade. Esse é um valor marcante nas características familiares. Dona Conceição, por vezes, lavava roupa para fora e Seu Domingos era um profissional reconhecido no ramo da serralheria. Juntos conseguiram criar os filhos, chegando a pagar a faculdade para Ubirany e Ubiracy, os únicos que se interessaram em continuar os estudos, para além da formação básica.

Como serralheiro, Seu Domingos era um profissional bastante requisitado. Começou sua carreira sem oficina própria, mas devido à clientela que conquistou acabou ganhando uma participação na serralheria em que trabalhava. Mas foi quando a família se mudou para a Rua Carvalho Moutinho que ele conseguiu sua independência profissional, montando uma oficina na garagem de casa. Paralelamente mantinha um emprego na Marinha, por onde se aposentou, executando os mesmos serviços de serralheiro. Ubirany lembra como seu pai era um profissional querido pelos donos dos restaurantes que ele atendia, fazendo a manutenção de equipamentos:

Ele mexia com fornos, altos-fornos e tal, dessas churrascarias e restaurantes. Ele era muito solicitado. Meu pai consertava aqueles restaurantes todos que tinham em São Cristóvão... Nossa Senhora! E aquela turma, espanhóis, portugueses, adoravam meu pai. Era uma festa. Primeiro pelo trabalho que

---

<sup>11</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>12</sup> Idem.

ele fazia, ganhava o dinheirinho dele, depois era só farra. Era chopada, era: “Traz seus amigos aí prá tomar uma”, e tal. Já se vê que depois que terminava o trabalho, nessa comemoração depois do dia de trabalho, minha mãe já sabia que ele não voltava tão cedo. Era isso (...).<sup>13</sup>

Suas habilidades como serralheiro também foram importantes para o Cacique de Ramos. Era ele quem preparava as peças da bateria do bloco para o desfile, principalmente quando voltavam avariadas num dia e tinham que estar prontas para o uso já no dia seguinte. Conceiçãozinha ainda guarda o enorme tabuleiro que seu pai fez para levar a comida, que ela e sua mãe preparavam, até o Cacique, a fim de servir ao pessoal que costumava se reunir às quartas feiras na quadra do bloco, para jogar bola e cantar pagode.

Seu Domingos tinha o apelido de “Grampão da Praia de Ramos”, onde ele costumava nadar com fôlego de atleta. Ele atravessava o canal entre a praia e a ilha que ficava ao fundo com regularidade, num lugar de forte correnteza. Ubirany lembra que o apelido, por vezes, era interpretado como uma alusão ao poder de sedução de Seu Domingos, mas para Conceiçãozinha o apelido de “Grampão” se refere à sua aparência esbelta, de quem saía da água parecendo um “grande grampo”, mas ela também não esconde seu conhecimento do que seu pai fazia quando estava fora de casa:

Ah, o Grampão da Praia de Ramos não era mole não. O apelido dele era Grampão, na praia de Ramos. Ele dava as voltinhas dele direitinho. Dava mesmo pra mamãe. Mamãe fingia também que não via. Saía, ia lá para estação de Ramos, mas o ponto dele era ali no botequim do... Não sei se ainda existe isso, aquele lá da Portuguesa, mas o ponto dele era ali. Parava ali e ficava... Tomava uma rama... Papai gostava... Também gostava e era, como é que se diz? Não era de se embriagar e cair no chão. Gostava... Gostava de ir pro Cacique... Mamãe não, mamãe nunca foi ao carnaval.<sup>14</sup>

Ele também participava dos famosos banhos à fantasia, quando crianças e adultos, vestindo fantasias de papel, iam brincar o carnaval na beira da praia e se banhavam nas águas da Baía de Guanabara. Como carnavalesco, Seu Domingos também se sobressaía.

---

<sup>13</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>14</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/ 01/ 2003.

Ele era um dos Lordes do bloco Boi da Coroa, um antigo bloco que desfilava pelas ruas de Ramos com muito sucesso de público. A posição de Lorde se refere aos organizadores do bloco, aqueles que possuíam maior destaque e que comandavam a festa naquelas ocasiões. Ubirany ressalta esse fato como uma prova de que a participação no carnaval, a organização de blocos, é uma tradição herdada da figura paterna.

É... Tradição familiar. E esse bloco, o Cacique de Ramos, veio substituir uma das maiores tradições do subúrbio da Leopoldina. Era o chamado bloco Boi da Coroa. Meu pai participava desse bloco. Ele saía ali da rua André Pinto, tinha uma sede na rua André Pinto, quase esquina com a rua Barreiros. E esse Boi da Coroa, que era chamado Coroa, ali, o Clube. Por isso que o bloco era Boi da Coroa, porque tinha um boi, que vinha na frente, então o cara que vinha debaixo do boi, fazendo aqueles trejeitos e tal. E esse... Atualmente, esse Coroa chama-se Associação Atlética de Ramos, ainda está lá. Está lá na André Pinto, quase esquina com a Barreiros. Então esse bloco era um bloco tradicional, arrastava as multidões na Leopoldina (...) Desfilava só lá. E quando saía era uma coqueluche. Então tinha umas pessoas responsáveis pelo Boi da Coroa, que eram pessoas, assim, bajuladas. Então, as pessoas que comandavam o Boi da Coroa tinham um título. E esse título era título de nobreza, todo mundo ficava querendo chegar àquele lugar. Eram chamados Lordes. Então meu pai, Domingos, era um dos Lordes do Boi da Coroa. Então tinham os Lordes, eram não-sei-quantos, eram uns quinze talvez, mas eram as pessoas que tomavam conta dos blocos. O verdadeiro subúrbio, não é? Subúrbio de Ramos. Então, meu pai foi um dos organizadores do bloco. Com isso, talvez tenha nos incentivado, não é? Dado algum ensinamento, que nos levou, depois, a criar o Cacique de Ramos.<sup>15</sup>

Esse tipo de influência paterna em relação ao gosto pelo carnaval pode ser encontrado em outros integrantes do Cacique de Ramos<sup>16</sup>. Walter Tesourinha também foi um dos fundadores do Cacique. Naquela época, ele era mais experiente na organização de blocos carnavalescos. Ele morava em Olaria, numa região conhecida como Cariri, denominada, mais recentemente, como a Invernada de Olaria. Lá, ele organizou dois

---

<sup>15</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>16</sup> Isso não significa dizer que o gosto pelo samba e o carnaval seja uma exclusividade da parte masculina das famílias envolvidas, nem possuímos dados que nos possibilitem afirmar essa predominância. Apenas apontamos essa relação na família que estamos estudando e uma semelhança num outro caso. Mais adiante aprofundaremos a questão referente às diferenças nos papéis atribuídos aos gêneros, no Cacique de Ramos.

blocos, primeiro o Brinca Quem Pode, sem fantasias e sem restrições como sugeria o nome, depois o Cacique Boa-boca, com fantasias de índio confeccionadas ao gosto de cada participante e que teria sido a origem do nome Cacique de Ramos. Quando ele se muda para Ramos, do outro lado da linha do trem, se junta aos irmãos Félix do Nascimento e a Aymoré do Espírito Santo, reconhecidamente as três lideranças que deram forma ao Cacique de Ramos. Em seu depoimento, Walter nos conta sobre a influência paterna no gosto familiar pela música e pelo carnaval.

Aos sábados e domingos na minha casa era aquela comidaria, meu pai gostava daquilo, sempre tinha... Era feijoada, era... E nesse envolvimento vinha a música. Porque aonde tem bebida e comida tem a música. Aí é que começou. Naquele período a praia de Ramos era a praia de Ramos. Tinha aqueles banhos de mar à fantasia na praia de Ramos. Meu pai, então, fazia o bloco do banho de mar à fantasia. Meu pai é que fazia. Nós íamos tudo atrás dele, e ele fazia aquele bloco com aquele papel impermeável, aquele papel celofane. (...) Meu pai era do tempo dos ranchos, não é? Aí depois, naquele bom tempo, não é? Aí depois, ele também freqüentava as sociedades. Nós viemos tudo naquele caminho. Nós somos a continuação dele. Nós somos a continuação. Ele é que botou a gente nessa...<sup>17</sup>

Seu Domingos também influenciou muito seus filhos, introduzindo-os em padrões de comportamento que iriam formar suas personalidades. Na entrevista com Eduardo Coutinho ele relembra como foi a iniciação de seus filhos: “O samba deles começou foi com a idade de... Bira tinha sete anos, Ubiracy tinha seis anos, Ubirany tinha cinco anos. O batismo deles foi a Estação Primeira, Mangueira, no tempo que o presidente era o Pedro Palheta”<sup>18</sup>.

Ubirajara nos conta que seu pai costumava levá-los aos bares que freqüentava, onde eles travavam contato com a boemia. Muitas vezes se encontravam com personalidades importantes do mundo do samba e do universo boêmio carioca. Geralmente os levava de dia, retornava mais tarde com eles para casa e depois saía novamente para encontrar os amigos. Ubirany fornece um relato desses passeios:

---

<sup>17</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

<sup>18</sup> Entrevista de Domingos ao cineasta Eduardo Coutinho. 1991. *O Fio da Memória*. FUNARJ & Cinefilmes. Disponível em vídeo pela *Sagres*.

Meu pai adorava tomar aquela cerveja com tremoços, muito natural daquela época, e ele nos levava muito para um bar ali da Praça XI. Entende? Do tipo... aquelas cadeiras bem características, antigas; a mesa com aquele mármore por cima, e tomava ali a cerveja preta dele, à vontade, com muito tremoço. E nós fazíamos companhia a ele, quantas e quantas vezes.<sup>19</sup>

Não podemos dizer que o comportamento boêmio de Seu Domingos tenha sido a única determinante para que seus filhos repetissem o seu padrão. Esse é um comportamento comum aos jovens, em muitas épocas e lugares, mas certamente foi muito marcante para eles. Essa preferência pela noite, como horário privilegiado das atividades sociais também se refletia no “fuso horário” dos estudos para Ubirany, que nos conta como costumava atravessar as madrugadas estudando.

Sempre fui um boêmio inveterado. De chegar e estudar à noite prá poder ir de manhã fazer a prova. Sempre adorei estudar à noite. Virava uma noite estudando. Aí quando faltava umas duas horas prá prova, eu tirava aquele soninho de uma hora, tomava um banho e ia embora. Sempre fui muito de estudar de noite. Durante o CPOR<sup>20</sup>... Tinha CPOR na madrugada, tinha que estar lá às seis da manhã, porque lá o negócio é assim. Quantas vezes eu ia direto pro CPOR. Levava a farda numa bolsa. Naquela época diz que era mania dos bailes de formatura. A gente ia ver os bailes de formatura. A coqueluche daquela época era ir a um baile de formatura. Grandes orquestras, era época das orquestras, não é? Então todo mundo queria ver um baile de formatura. Era Tabajara, era orquestra... Aquelas grandes, não é? Spilman, eram só orquestras grandes. Então era uma moda naquele tempo da juventude. O baile de formatura. Então como eu tinha CPOR, e era fim de semana o CPOR, então eu ia com a roupa comum e a farda na bolsa. Acabava o baile... Muitas vezes eu ia cinco e vinte pro CPOR. E a minha ala era a artilharia, uma das mais exigentes. Mas tudo bem, tive esse momento, foi muito gostoso. Virei muita noite, agora, com uma grande responsabilidade.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>20</sup> Centro Preparatório de Oficiais da Reserva.

<sup>21</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

Esse depoimento ressalta a responsabilidade em relação às obrigações que norteavam o comportamento de Ubirany. Essa é uma característica também atribuída a Seu Domingos por seus filhos. Parece ser essa a lição mais importante passada de pai para filho junto ao comportamento boêmio, um modo de agir correto e responsável, preocupado com seus familiares e com suas obrigações. Mesmo que esse comportamento pareça bastante idealizado – não temos como comprovar isso – é importante notarmos que é essa a lembrança que eles guardam na memória.

Outro comportamento marcante em Seu Domingos era o gosto pela roupa. Como nos conta Ubirany, ele adorava vestir e falar de roupa. Suas roupas eram feitas sob medida, inclusive os sapatos, e possuía também o costume de usar chapéu. Ubirajara relata que seu pai também os levava para fazer roupa por encomenda e relembra o sapateiro que confeccionava seus sapatos. Era na Praça Onze, lugar muito conhecido e freqüentado por moradores do subúrbio que alimentavam o mesmo gosto pelo bem vestir.

## **2.2. A Religiosidade de Seu Domingos.**

No primeiro capítulo chamamos a atenção para o aspecto convencional das segmentações que aqui são empregadas. Assinalamos que a memória não se apresenta tal e qual as divisões que projetamos, elas apenas nos ajudam na dissecação e análise do fenômeno estudado. O indivíduo não está compartimentado como pode parecer em nossa narrativa, que separa em momentos estanques a religiosidade e a boemia, ou outras categorias aqui empregadas. Reafirmamos que a memória está a serviço da identidade do indivíduo, ela não se molda inteiramente às categorias que empregamos<sup>22</sup>. Esta é a nossa narrativa, uma interpretação do objeto estudado que procura se aproximar do fenômeno da

---

<sup>22</sup> Lembramos, conforme assinalamos acima, e concordando com Pollak, que consideramos tanto memória quanto identidade categorias dinâmicas, já que estão sempre sendo construídas, negociadas e disputadas socialmente.



melhor maneira possível e assim criar, experimentar e testar um vocabulário, colocando-o a serviço de outros pesquisadores.

Na entrevista com Conceiçãozinha, aparecem considerações vinculadas à identidade do indivíduo, de como a memória se alinha de acordo com suas imagens específicas. Falávamos do gosto de seu Domingos pela roupa, e a recordação de sua predileção pelo terno de linho branco fez com que ela imediatamente se lembrasse da devoção que seu pai tinha por São Jorge. Essa é uma passagem importante que vamos reproduzir na íntegra, introduzindo o relato de nossa participação:

Era tudo feito por encomenda [a roupa e os sapatos]. Isso é verdade mesmo. O Bira, Ubirany até hoje tem essa mania, ele pega, quando vai sair, antes de sair, ele bota cinco, seis mudas de roupa em cima da cama. Aí ele fica... Ele bota blusa, meia, sapato e lenço. Bota tudo junto e aí escolhe. Bira não... Bira, ele, não é de botar na cama, mas ele também é a mesma coisa. Ele mandava... Que o Bira tem alfaiate até hoje, ele te falou? Papai, também era tudo sobre medida. Papai, ele gostava muito de terno de linho, mas ele não usava, só usava terno de linho pra festa. Mas ele adorava terno de linho. Olha, uma coisa que papai fazia muito, dia de São Jorge, que era o padroeiro, que ele era filho de Ogum\*, então, ele era assim... Fissurado por São Jorge. Ele, numa ocasião, ele estava... Tinha que fazer a festa aqui. Isso foi uma passagem... Que eu peguei, essa passagem eu peguei. Tinha que fazer a festa aqui e ele estava se aposentando, Ubirany, na época, estava vendo o negócio de aposentadoria dele, então, estava todo mundo apertado, necessidade. Aí, ele saiu do quartel, que ele trabalhava na subsistência do exército, papai - Bira também trabalhou lá – aí, ele saiu do quartel todo sujo, com aquele macacão cheio de graxa, com o lenço aqui [aponta para o bolso], aí, foi assistir a alvorada de São Jorge. Todo ano ele assistia a alvorada de São Jorge. E ele ficou agoniado, porque não deu tempo dele ir a alvorada. Ele chegou lá na igreja, já eram dez horas da manhã, então, ele perdeu a primeira missa. A alvorada das cinco horas da manhã. E ele está na fila, e a preocupação dele era arrumar o dinheiro para poder fazer a festa do santo. O quê que ele fez? Foi para fila, para poder entrar na igreja de São Jorge, que tem ali na praça do Campo de Santana, aí foi pra ali. Ele rezando, ali, na fila: “Ô meu pai, me ajuda, eu tenho que fazer sua festa e eu estou sem um tostão”. E ele disse que falava aquilo chorando. Aí, daqui a pouco ele olha assim, vê aquela luz assim, ó, na vista dele. Aí, ele fez assim [faz o gesto de quem procura alguma coisa com a cabeça] Aí, ele mudava assim e a luz acompanhava ele. Ele mudava e a luz o acompanhava. E a fila andando e a luz só na vista dele, na vista de ninguém, não estava. Ele foi chegando e a luz está ali, assim, no chão. Quando ele chega perto, que ele olha, era um anel de ouro com três diamantes. Aí ele pegou o lenço dele sujo assim e

jogou em cima do anel. Pegou, botou no dedo, agradeceu São Jorge e foi jogar no bicho. Deu uma pancada no bicho.<sup>23</sup>

Nesse momento, ficamos na dúvida se Seu Domingos teria usado o anel para jogar no bicho ou se ele teria guardado o anel consigo e feito a aposta com seu próprio dinheiro. Pedimos esse esclarecimento à Conceiçãozinha e ela nos respondeu:

Não, meu filho, foi jogar no bicho com o dinheiro dele. Que ele botou o anel, agradeceu a São Jorge o anel que ele tinha ganhado. Porque, pela quantidade de gente, não é possível que ninguém não tenha visto aquele anel ali, três gemas de diamante, ali. Meu pai foi, botou o anel no dedo, saiu dali, jogou no bicho, ganhou uma bolada e na semana seguinte fez a festa de São Jorge. Ele não deixava... Ele, recém operado, que ele operou a próstata, ele me fez ir: “Vamos minha filha, vamos assistir a alvorada” – “Vamos embora pai!”. Ele com ponto foi lá assistir a alvorada dele. É muito devoto de São Jorge. Ele era.<sup>24</sup>

Pensando que o assunto havia se desviado de nossa questão inicial, que se referia ao bom-gosto com que Seu Domingos gostava de se vestir, pedimos a nossa entrevistada que esclarecesse a relação entre o que ela narrava e a nossa pergunta. Assim, se revelou que o caminho que levava Conceiçãozinha a se lembrar da devoção de seu pai por São Jorge estava relacionado, em sua memória, à vestimenta predileta de seu pai, com a qual ele fazia questão de honrar o santo: o terno de linho branco. No desfecho desse nosso diálogo Conceiçãozinha reiterou a influência de Seu Domingos na personalidade de seus irmãos:

[Respondendo a pergunta: Se havia relação entre a festa de São Jorge e o alinhamento de Seu Domingos?] Tinha... Ele ia todo de branco, alinhado. Papai sempre gostou de roupa e Bira puxou muito o papai, muito, muita coisa, mania, jeito de andar, aquelas canelas finas, tudo é papai.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

A Festa de São Jorge que Seu Domingos costumava financiar era realizada no terreiro de Dona Conceição, em Nova Iguaçu. Aquele era o único imóvel próprio da família, que pela vontade da matriarca colocava as “coisas do santo” em primeiro lugar. Segundo Conceiçãozinha, o terreiro foi adquirido por sua mãe e ampliado aos poucos por seu pai. Ela nos conta que Seu Domingos “virava a noite” no serviço para ter tempo de ir, no final de semana, cuidar das obras na casa-de-santo\*. Também lembra que seus irmãos fugiam dessa empreitada, e denuncia que eles “não eram muito chegados em serviço não”. Na construção e nas melhorias subseqüentes contaram com a ajuda de familiares e dos filhos-de-santo do terreiro. Aquele é um espaço ao mesmo tempo familiar e coletivo. Durante os anos em que Dona Conceição esteve viva ninguém morava lá e o espaço era utilizado somente para os cultos religiosos e as festas de santo. Depois que sua filha Conceiçãozinha assumiu o terreiro é que ele passou a ser habitado por ela e sua família, mas continuou sendo um espaço coletivo, aberto a seus freqüentadores.

Mas a participação de Seu Domingos na vida religiosa do terreiro era limitada a preparar as festas e a fornecer as condições necessárias para o trabalho de sua esposa. Nesse aspecto, ele se submetia aos preceitos da religião que sua mulher dominava. Sua filha nos conta que ele costumava “dobrar serviço” para ter condições de financiar as festas dos santos, mas que ele não podia ir muito além disso, pois os preceitos da religião o impediam de ter uma maior participação nos cultos devido a sua condição de esposo da mãe-de-santo: “sendo casado ele não podia ter acesso a certas coisas”<sup>26</sup>. O mesmo acontecia com os filhos do casal. Conceiçãozinha nos dá essa informação, mas não pode explicar com maiores detalhes, devido à complexidade dos preceitos religiosos:

Nós que somos pai e mãe, a gente não pode estar fazendo muitas coisas pelos filhos. Aí, sempre tinha uma pessoa de confiança da minha mãe que fazia as coisas pra eles. Minha mãe nunca pôde botar a mão na cabeça deles, devido a ser mãe, se não dava problema. Coisas que para mim te explicar, essa coisa do ensinamento, não dá pra mim te explicar direito.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem.

Os preceitos religiosos também alteraram a vida íntima do casal. A dedicação de Dona Conceição às “coisas do santo” era completa, e estava vinculada à caridade e não a uma atividade sustentável. Para melhor se dedicar a suas atividades de mãe-de-santo ela optou por um casamento celibatário, uma decisão que foi acatada por seu esposo. Com respeito mútuo, ela também não se preocupava com as relações extra-conjugais que porventura seu marido tivesse, pois ele se mantinha fiel ao seu casamento e a sua família. Reproduzimos aqui essa parte de nossa entrevista com a filha do casal:

Ele ficava triste, porque a minha mãe, ela não vivia do santo, ela vivia pro santo. Era uma preocupação da mamãe, do papai, às vezes tinha que fazer uma festa pro santo e tinha dificuldades. Papai dobrava serviço para poder as coisas pro santo, as festas que eram dadas aqui. Mamãe nunca se fez do santo não... Sempre foi uma caridade, sempre tinha muito respeito ao santo. Tanto é que... Com vinte... Trinta e poucos anos decidiu, deixou de ser a esposa do meu pai para se dedicar ao santo. Ela abriu mão da vida do casamento dela, mas os dois moravam juntos, papai respeitava muito, se amavam, entendeu? Se beijavam, namoravam, mas a parte de sexo não, entendeu?<sup>28</sup>

Nesse momento, quisemos saber como Conceiçãozinha interpretava essa decisão de sua mãe. Imaginamos que sua explicação pudesse estar contida na comunicação estabelecida entre a mãe-de-santo e seus “santos”. Seria, essa decisão, atribuída a uma “ordem superior” ou à própria Dona Conceição? Fizemos essa pergunta à Conceiçãozinha - “Decisão dela ou do santo?” – e obtivemos como resposta, que o celibato matrimonial havia sido uma decisão de sua mãe, a qual seu pai acatara com respeito.

Dela [a decisão]. Dela, porque o espiritismo é muito bom, mas tem seus preceitos, tem suas coisas que é por aí que funciona. Então ela preferiu fazer esse sacrifício, nem por isso meu pai deixou de amá-la, respeitou. A estrada dele eu não sei, por fora, não é? Ele aprontava por fora e a gente não sabia, mas ele respeitou esse lado espiritual da minha mãe, dava a maior força.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

Toda a família costumava freqüentar a igreja Católica e assistir missa, não com a regularidade que se costuma cobrar de seus fiéis, mas segundo a vontade de cada um. Conceiçãozinha declara que seu pai tinha a “mania de ir à igreja”, mas ressalta que isso era comum em sua família e que tinha muito a ver com a Umbanda também:

Todo mundo lá em casa era católico. Nós somos católicos, só que nós somos católicos, mas não somos apostólicos nem romanos, não é? Somos católicos de ir à missa quando a gente achar que deve ir. Não aquilo de ir todo o domingo, não, apostólicos nós não somos não, igual aqueles que tem que ficar lá, mas vamos à missa, tem muito a ver com a nossa religião, muito a ver. Você vê: O porquê que tem muito a ver? Todos os santos, quando vieram para cá, da África pra cá, não eram esses santos que você vê aí. Oxalá é Jesus Cristo, Iansã era Santa Bárbara, tem essa coisa, nós passamos a idolatrar os santos de imagem, por causa disso. Então, tem muito a ver a Igreja Católica com a nossa religião, principalmente na Umbanda, tem tudo a ver. Na Umbanda, você não faz nada se você não rezar uma Ave Maria, um Pai Nosso... No Candomblé\*, não, é uma coisa mais yorubá, mas na Umbanda você não faz nada se não rezar, compreende? De modo que a gente tem tudo a ver com a igreja. Tem mesmo, porque o pai-de-santo\* na Nação, quando se... Determinado período, sai da casa-de-santo, tem que assistir uma missa. É... Na Bahia é assim, aqui é assim, você sai da casa do santo, você cumpriu aqueles vinte e um dias, você sai dali e tem que assistir uma missa, é o primeiro passeio que você faz, é ir na igreja. Então a gente tem muito disso aí.<sup>30</sup>

Podemos ver, na vida religiosa de Domingos, essa síntese entre a Umbanda e o Catolicismo. Porém, sua participação, em nenhum dos dois credos, parece ocupar tanto espaço em sua vida quanto a Umbanda ocupa na vida de sua esposa. Apesar da “mania de ir a missa”, atestada por sua filha<sup>31</sup>, ele não parecia estar integrado plenamente a uma comunidade católica. O próprio vínculo que ele possuía com a Umbanda, impedia uma participação maior. Podemos interpretar esse aspecto religioso da vida de Seu Domingos como pertencente ao *catolicismo popular*, segundo a definição dada por Eduardo Galvão (1976), para quem a incorporação de elementos provenientes dos cultos afro-brasileiros e da mitologia indígena compõe essa forma de Catolicismo, predominante no Brasil. Por outro lado, sua porção umbandista parece estar cerceada pelo fato de sua mulher ser a mãe-

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem.

de-santo do terreiro que ele freqüentava. Não consta que Seu Domingos tenha procurado se desenvolver nesse culto, procurando um outro grupo ao qual se vincular. Ele permaneceu fiel ao terreiro de Dona Conceição, satisfeito com sua posição, limitado à organização material e excluído de maiores responsabilidades espirituais.

### **2.3. A influência paterna na vida dos filhos.**

Neste estudo de caso, vemos a influência paterna se refletir na identidade e na vida de seus filhos homens de maneira bem definida. Eles tinham um espelho de conduta na figura masculina. Seu Domingos fez questão de apresentar-lhes seu modo de vida, de introduzi-los em seu universo. Seja na dança, na boemia, na música, no galanteio, na elegância ou na moral, vemos que eles seguiram bem os passos do pai. Por isso, é natural que Conceiçãozinha reconheça em seu irmão Ubirajara o jeito de andar do pai, “a canela fina”. Mas essa influência pode ser estendida a todo o universo masculino, ao qual os meninos tiveram acesso por intermédio de seu pai. Na dança, por exemplo, Ubirany revela ter sido muito influenciado pelo estilo do sambista Donga, que conheceu nas reuniões que costumavam freqüentar com Seu Domingos. Seus dotes de bailarino chegaram a torná-lo um verbete no livro catalográfico *Dança do Samba, Exercício do Prazer*, do pesquisador do samba José Carlos Rego (1994:76). Assim ele o apresenta:

Fisioterapeuta, Ubirany Félix do Nascimento, além de vocalista e exímio tocador de repique de mão, é uma atração à parte nas apresentações do conjunto *Fundo de Quintal*, pela exibição de requintadas coreografias da dança do samba. E tal foi a repercussão de seu desempenho como bailarino que, o que era apenas uma diversificação cênica, passou a ser permanente exigência do público nos espetáculos do conjunto. (...) Seu aprendizado de samba foi nas reuniões de partido-alto que o pai Domingos Nascimento, o *Domingão*, freqüentava na casa de Pixinguinha, no período em que este morou num meio larguinho da então rua Fleutério Mota (Ramos) e que hoje tem o nome do autor de “Carinhoso” (Rego, 1994: 76).

Apesar de serem reconhecidos como bons dançarinos desde sua juventude, os irmãos Félix do Nascimento não eram os únicos a cultivar essa arte. Os bailes e os clubes de dança – *dancing*, como eram conhecidos na época – se espalhavam pela cidade atraindo um grande número de freqüentadores, como ainda hoje se vê com os novos ritmos que se desenvolvem na cidade, nos mais variados estilos. Naquela época, o ritmo que embalava a juventude era o *rock n’roll*. Walter Tesourinha (um dos fundadores do Cacique de Ramos) nos conta que ele conhecia os filhos de Seu Domingos por vê-los dançando pelas ruas, em frente às lojas de discos, que colocavam a música em alto volume, incentivando-os a dançar e se aproveitando da propaganda que aquela movimentação trazia para seus estabelecimentos. Ele relata que, mesmo no carnaval, os rapazes dançavam o *rock*. Naquela época, eles brincavam os dias de folia com uma formação denominada de “Ala”\*. Eram grupos que saíam juntos, normalmente compartilhando um mesmo tema em suas fantasias, fazendo o itinerário que lhes conviesse. Podiam ficar pelas ruas do bairro ou ir para outros lugares, muitas vezes se dirigindo para o centro da cidade onde se concentrava a maior parte dos foliões. Acompanhavam blocos ou faziam sua própria festa, e inclusive podiam dançar o rock na frente das lojas de discos, como lembra Walter Tesourinha:

Eles tinham uma ala, que eles eram tudo bailarino. A verdade se diga. Todos eles dançavam. E foi um período que as casas do comércio, estava muito em evidência, que eu já disse a você, o *rock*, e eles botavam o *rock* na rua e eles vinham com as garotas. Carnaval. Comércio até gostava, que aquilo, parece nada não, era uma propaganda. E eles tinham uma ala, e a ala deles, tudo bailarino, dançava bem, e o comércio botando aquelas músicas, eles dançavam na calçada (...).<sup>32</sup>

Walter Tesourinha, que na época também era conhecido pelo apelido de “Bom Cabelo”, nos conta que dançava quase todo o dia, em sua juventude, nas boates onde ele costumava trabalhar, agindo como “chamariz” para a pista de dança.

Dancei muito em *Dancing*. Dançava muito em casa de *Dancing*. Eu trabalhava. Eu ia pra lá pra dançar, não é? Para os fregueses entrar, não é?

---

<sup>32</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

Via a dama melhor, dançava, e eu divulgava a dança, a dama. Então, ia muito a *Dancing*, dançava todo o dia.<sup>33</sup>

Os bailes e as festas eram uma oportunidade perfeita para as exibições de elegância. Seus freqüentadores eram estimulados a se vestirem da melhor maneira possível. O gosto coletivo era orientado por concursos que elegiam o cavalheiro e a dama melhor vestidos. A realização desses concursos tinha se tornado muito comum na vida do Rio, eles se espalhavam pela cidade, segundo indicam os nossos entrevistados. Walter Tesourinha relembrou um desses eventos em sua entrevista:

Inclusive tinha um clube em Ramos, entre Ramos e Bonsucesso, chamado Barros Barreto. O nome do clube: Barros Barreto. O pessoal ali ia... E tinha aquele problema de concurso de blusão. Concurso de blusão pra homem e pra mulher. De roupa, não é? O cara que fosse mais alinhado. O blusão mais alinhado. Camisa que se destacava. (...) Ganhava um prêmio. Tive a felicidade de ganhar também. Eu também tive, lá na cidade, eu ganhei lá na Embaixada do Sossego. Já ganhei lá, concurso de blusão. Tinha muito, mas eu ganhei lá um concurso de blusão uma vez lá. Uma dama também espetacular. E eu também já fui capa de disco, não é? Fui capa... Já fiz propaganda também, eu dançava...<sup>34</sup>

Como vemos nesse depoimento, a vaidade era uma característica importante entre aqueles jovens. Também não é um valor restrito a esse meio, pois ela está presente em muitas comunidades e marca a competição juvenil pelo reconhecimento, principalmente entre os seus pares. Veremos ainda outros desdobramentos da vaidade entre os integrantes do Cacique.

Nos primeiros anos do Cacique de Ramos, a promoção de bailes e também dos famosos “concursos de blusão” eram uma constante. Foi através deles que o grupo conseguiu se estruturar para o segundo ano de desfile, quando eles realizaram várias festas, ao longo de 1961, arrecadando o dinheiro necessário para a compra de peças para a bateria.

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Idem.



Ubirany nos fala como a vaidade estava presente no grupo e como eles se aproveitavam dela, estimulando-a com os concursos.

Os bailes, nós promovemos muitos bailes, muito baile mesmo. Nós não tínhamos sede, então nós cansamos de fazer eventos, baile no Paranhos, no GREIPE da Penha, onde nós ensaiamos também, no Paranhos nós já ensaiamos também. Então, nós fazíamos muitas festas, e eram festas das mais lindas. A vaidade proliferava ali. A vaidade era o ponto marcante. Porque nós fazíamos concursos do casal, da dama mais bem vestida, do rapaz mais bem vestido. Então, a rapaziada chegava nos trinques [Ri]. As meninas também, com cada traje. Então, pegou isso, o pessoal do Cacique, nos eventos se vestiam muito bem. A gente fazia concurso, quer dizer, incentivando o pessoal a chegar sempre nos trinques, não é? Foi um tempo legal. Tivemos muito baile, muito baile com aqueles conjuntos da época: Devaneio, Copa Sete [...] <sup>35</sup>

A vaidade também é uma característica dos irmãos Félix do Nascimento. Sua irmã destacou que até hoje eles escolhem muito bem a roupa que vão vestir, espalhando as peças por cima da cama e experimentando combinações, como já foi mencionado. Também, até hoje, os irmãos cuidam bastante de sua aparência física, freqüentando academias. A carreira musical, com o grupo Fundo de Quintal, também é um fator importante, alimentando essa vaidade. A exposição pública no palco faz com que eles estejam constantemente preocupados com a sua imagem.

As vestes de um homem compõem uma linguagem que nem sempre é bem interpretada, apesar de ser valorizada nos mais diferentes meios. Vejamos o exemplo de uma experiência vivida por Ubirajara quando convocado a se apresentar para exames físicos na aeronáutica. Ele havia sido avisado de que deveria comparecer com o pior traje que dispusesse. Isso porque os oficiais não queriam se responsabilizar por qualquer estrago que pudesse ocorrer, ou pelo eventual furto de peças entre os praças. Mas Ubirajara não possuía em seu guarda-roupa nada mais simples do que uma camisa de seda, velha, mas ainda assim feita sob medida, bem como seus sapatos feitos por encomenda. Sua apresentação causou espanto ao sargento que lhe havia dado ordens de ir mal vestido, e essa aparente desobediência provocou antipatia. Ele foi enviado a um pelotão de serviços

---

<sup>35</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

pesados, onde se reuniam os piores elementos, numa tentativa de colocar aquele “almofadinha” em maus lençóis. Entretanto, Ubirajara desde garoto vinha treinando boxe com um vizinho seu, que possuía uma academia em seu quintal. Naquela época, essa era uma luta valorizada, e ocupava o espaço que hoje ocupam artes marciais como o Karatê, o Kung-fú e o Tae-kuon-dô. Suas habilidades no boxe, somadas a sua capacidade de se relacionar com pessoas dos mais diferentes níveis, fizeram com que ele passasse sem problemas pelo teste que lhe fora imposto ao chegar no quartel. Depois disso, seu serviço militar correu tranqüilamente, tendo conquistado a afeição de seus superiores. Ele lembra que gozava de longos períodos de dispensa, e um dos motivos dessa relativa liberdade dentro do quartel era justamente seu zelo com a roupa que usava. Seus superiores concediam dez dias de dispensa como prêmio para o recruta melhor arrumado, e a sua farda, que ele enviara ao alfaiate para os devidos ajustes, lhe garantia sempre a superioridade entre seus colegas.

A boa apresentação que possuíam os irmãos Félix do Nascimento, que lhes foi ensinada por Seu Domingos, foi, para eles, de muita valia. Apesar de compartilharem muitos valores com seu círculo de amizades e com o ambiente no qual estavam inseridos, eles se destacavam no seu comportamento. Essa é uma possível explicação para a ascensão de sua influência na formação do bloco Cacique de Ramos. Cremos também ser importante a colaboração ativa de sua família. Seu Domingos não só freqüentava os eventos promovidos pelos filhos e pelos amigos, como também colocava a serviço deles suas habilidades profissionais. Já Dona Conceição, apesar de não se envolver diretamente, prestava um apoio de “retaguarda”, seja utilizando-se de seus dotes culinários ou, o que será mais importante para a formação do grupo, de seus conhecimentos de mãe-de-santo. Sua influência será o tema de nosso próximo capítulo.

## *Capítulo 3*

### *A Influência Materna.*

#### **3.1. A vida religiosa de Dona Conceição.**

Conceição de Souza Nascimento nasceu em São João Del Rei, onde passou a infância. Lá, estudou em colégio de freiras. Sua filha lembra que sua mãe costumava passar muito mal no colégio e que era maltratada: “As freiras inclusive batiam nela, achavam que ela estava com o diabo no corpo, essas coisas, que elas não tem conhecimento”<sup>36</sup>. Veio para o Rio de Janeiro quando já era uma moça, com a sua mãe e suas tias. Catina, como era carinhosamente conhecida sua mãe Albertina, trabalhou em casa de família, na residência de um Comendador. Conceiçãozinha afirma que um conhecido de sua avó a alertou sobre os problemas de sua mãe: “Não. Isso que a Conceição tem não é doença, não está maluca, não é nada, estão maltratando a garota e não é... Isso é espiritismo”<sup>37</sup>. Conceiçãozinha não sabe ao certo como foram os primeiros passos de sua mãe no espiritismo, mas acredita que ela tenha começado a freqüentar a Umbanda a partir da orientação desse amigo de sua avó.

Ubirany lembra de uma senhora que morava em Botafogo, numa vila na rua Bambina, conhecida como avó Arcanja. Ele acredita que teria sido ela a responsável pela ida de sua mãe para Salvador com quatorze anos de idade. Lá ela ficou no Gantois, onde passou um ano de preparo e foi iniciada no Candomblé, tornando-se uma das primeiras filhas de santo de Mãe Menininha. Voltou para o Rio de Janeiro, mas continuou a ir regularmente para a Bahia, uma ou duas vezes por ano, a fim de cumprir as obrigações com seus santos que lá ficaram. Nessas viagens, ela continuava seus estudos sobre o Candomblé, mas no Rio de Janeiro mantinha seus conhecimentos da Umbanda. Conceiçãozinha não se

---

<sup>36</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>37</sup> Idem.

lembra dos detalhes da formação de sua mãe, dos professores que ela teve na Umbanda, pois quando ouviu essa história era muito pequena e seguia a orientação materna, que achava que seus filhos não deveriam se envolver muito com os assuntos de religião.

Porque ela tinha os santos dela de Umbanda, ela já tinha, até antes dela fazer os santos na Nação, ela já tinha os santos dela de Umbanda. Então eles não puderam, lá na Bahia, mexer nessa parte. Ela teve que vir, aí teve que continuar aqui no Rio, aí arrumou... Ela falou, ela até contava essa história pra gente, mas é aquele negócio, a gente, criança, não era de se ligar muito, tá entendendo? Então, nós não chegamos a lembrar quem era não, quem foi o pai-de-santo dela que cuidou dessa parte da Umbanda dela, entendeu? Dos orixás de Umbanda que ela tinha.<sup>38</sup>

Quando Conceição tinha aproximadamente vinte e um anos de idade, morando no Rio de Janeiro, conheceu Seu Domingos. Num raro depoimento dado pelo casal ao cineasta Eduardo Coutinho para o filme *O Fio da memória* (Coutinho, 1991), Conceição relata como conheceu Domingos, seu vizinho, e nos fala dos cuidados que tinha para namorá-lo.

Eu fui morar numa casa de frente à casa dele e lá nós começamos a namorar. Eu já tinha meu centro aberto. Atendia às pessoas ali de frente.(...) Era malandro, levado, boêmio. Eu tinha até medo dele, porque em Minas o pessoal mete muito medo na gente. De Carioca, sabe? Carioca faz isso, Carioca fazia aquilo. Que eu tivesse cuidado com os cariocas. Eu tinha muito cuidado. Eu não deixava ele nem me tocar, nem me dar o braço.<sup>39</sup>

Depois do namoro e do casamento, o casal foi morar na rua Teixeira Franco, número cento e dezoito, casa dois. Lá tiveram três filhos, Ubirajara, Ubiracy e Ubirany, nomes indígenas inspirados no envolvimento materno com a Umbanda. Essa relação aparece no relato de Dona Conceição em *O Fio da memória*: “É porque quase sempre, a gente de santo bota o nome nos filhos assim, tudo nome indiano. Naquele tempo era assim”<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Conceição de Souza Nascimento. Em COUTINHO, Eduardo. Op. cit.

<sup>40</sup> Idem.

Como vimos, a família passou por mais duas moradias e cresceu com a presença de sobrinhos, que conviveram com eles por terem ficado órfãos. Ubirany apresenta um relato dessa trajetória:

Começou assim... Esse negócio de criar sobrinhos, crianças... Começou na Souza Lobo. Na Rua Souza Lobo sessenta e um. Isso se prolongou até a rua Carvalho Moutinho um, nove, dois. Aquela rua, que sobe prá igreja de Nossa Senhora da Conceição. É aquela rua. A minha casa era a última da rua Carvalho Moutinho, depois é a subida prá igreja. Uma igreja lá no alto, Nossa Senhora da Conceição, lá em Ramos. Então nós íamos muito prá lá, prá igreja, lá prá uma pedreira soltar pipa, e tal. Lá a gente fazia a nossa bagunça, na nossa juventude. E essas crianças todas que a minha mãe criou, começaram na rua Souza Lobo, fomos prá rua Carvalho Moutinho, e dali, da rua Carvalho Moutinho, alguns já saíram dali prá casamento mesmo. Se casaram, constituíram família. Eles já estavam todos na faixa... Quer dizer, eu já estava com vinte e sete, eles já estavam todos na faixa de vinte, dezenove, dezoito; tudo namorando, já casando.<sup>41</sup>

Ubirany relembra que Dona Conceição exercia seu trabalho como mãe-de-santo na sua própria casa. Ele ainda era criança quando ela comprou um terreno em Nova Iguaçu e, com a ajuda de familiares e filhos-de-santo, construiu o Centro Espírita São Jerônimo. Esse centro era muito freqüentado não apenas pelos envolvidos com os cultos, mas por vários amigos, inclusive pelos integrantes do Cacique, muitos deles atraídos pelos festejos que lá se realizavam. A vida social do terreiro era muito intensa, com festas que duravam dias, sempre vinculadas aos santos. Eram como as festas na casa da família, como os aniversários, que com freqüência eram comemorados por muitos dias e noites seguidos. Conceiçãozinha lembra como seu irmão chegava sempre na companhia de amigos que ele levava nessas ocasiões:

Muita gente que vinha que agora eu nem estou lembrada. Muita gente que vinha. Bira quando chegava aqui ele chegava com dez, onze pessoas. Vinha todo o pessoal lá do Cacique, aí eles ficavam até a seção acabar, aí depois tinha o futebol, que tinha um campo aqui, que agora está cheio de casa, não tem... Aí tinha o futebol, aí tinha almoço, aí o pessoal só ia embora no domingo à noite. (...) Dormia... Forrava as esteiras aqui, ou então, lá dentro,

---

<sup>41</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

que o pessoal dormia lá dentro e os convidados dormiam aqui. Muita gente não dormia, porque tinha uma brincadeira de que quem dormisse ia ser pintado. Sentava assim e dormia sentado.<sup>42</sup>

Walter Tesourinha nos dá a versão de sua participação nessas festas e nos revela que seus interesses não eram religiosos, apesar do respeito e do envolvimento de sua própria família com a Umbanda. Ele ia ao terreiro de Dona Conceição mais interessado nas festas e no evento social que reunia amigos e, até quem sabe, alguma moça por quem ele pudesse se enamorar.

Eu ia só assistir. Ia pouco, mas ia. Eu ia pouco, mas o pessoal ia, não é? Porque tinha que ficar, geralmente, de sábado pra domingo, não é? Eu, na época, você sabe, não é? A gente novo, a gente vai, na hora, ali, a gente leva a sério, mas depois a gente quer namorar, essas coisas todas, sabe como é que é, não é? Namoradinho... Então, se a pequena fosse era uma força – “Vai lá e tal” – “Então vamos” – “Fulana está lá, e tal...”. Aí eu ia e tal... Mas eu acreditava naquilo, ainda acredito, porque a minha família também era umbandista, essas coisas. A Chiquita era mãe-de-santo. A Chiquita, que era, era mãe-de-santo. Então, a gente também era, mas tudo já veio dos antigos, não é?<sup>43</sup>

O Centro Espírita São Jerônimo é reconhecido como um terreiro de Umbanda e está regularizado pela Federação Espírita, uma entidade que controla esses espaços, conferindo alvarás, sem os quais um terreiro não pode funcionar. Ela regulamenta tanto os terreiros de Umbanda como de Candomblé. Conceiçãozinha relembra uma história que marcou o período em que houve repressão ao funcionamento desses estabelecimentos religiosos, inclusive com ação da polícia.

Era, era. Da polícia vir fechar. A polícia fechava os centros. Teve uma época, a mamãe sempre contava isso pra gente, meu pai, ele presenciou isso, teve uma época que veio... A polícia estava fechando todos os centros espíritas. Aí, vieram para fechar o daqui de casa, os policiais entraram e

---

<sup>42</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>43</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/12/2002.

quem estava em terra nessa época era Xangô, o dono da casa. Aí, Xangô olhou pra ele e falou para ele: “Você só fecha a minha casa se você jogar fora o que tem dentro do teu bolso”. Ele tinha um breve, o policial. Por que ele ia fechar a casa se ele era espírita? Aí, ele foi, bateu cabeça pra Xangô: “Eu não posso fazer isso, porque aqui tem santo”. Aí foi embora. Passou a ser freqüentador da casa. E eles passaram... Traziam pessoas para cá. Uma vez trouxeram... Pegaram um homem na rua e levaram pro hospital e o hospital: “Não, ele não está maluco não”. Aí, acorrentaram ele e trouxeram ele pra cá. Aí, a entidade\* veio, ele saiu daqui bonzinho, agradecido, andando! Andando... É... Era muita perseguição mesmo. Eles fecharam centro espírita. Fecharam muito. Se o atabaque\* tivesse tocando mandava parar o atabaque e levava o pai-de-santo, a mãe-de-santo, quem tinha que ser. Era terrível naquela época.<sup>44</sup>

Apesar de ter sido feita no Candomblé, Dona Conceição optou por manter sua ligação com a Umbanda. Sua filha nos explica como se dá a orientação espiritual de seu terreiro, que apesar de ser da Umbanda, mantém os fundamentos do Candomblé:

Mamãe fez o santo no Candomblé, entendeu? Mas ela optou pelo lado da Umbanda porque ela tinha os santos dela de Umbanda. Ela tinha a preta-velha\* dela... E esse lado puxa mais pro lado da Umbanda, porque que ela teve que dar... Teve que se preparar para fazer o lado da Umbanda dela. E ela não largou esse lado. Apesar de que essa casa aqui, que você está vendo, os fundamentos são todos de Candomblé, mas eu continuo tocando a Umbanda da mamãe.<sup>45</sup>

Conceição ia regularmente a Salvador cuidar de obrigações que tinha com seus santos de Candomblé e se encontrar com sua mãe Menininha. Ia sempre acompanhada de um ou mais de seus filhos (sem se referir a seus filhos-de-santo). Em Salvador ela ficava numa hospedaria localizada em frente ao Gantois, e que foi construída para receber os filhos-de-santo em suas visitas. Mãe Menininha também precisou vir diversas vezes ao Rio de Janeiro, por problemas de saúde. Foi nessa cidade que ela fez sua operação de catarata. Aqui, se hospedava na casa de uma sobrinha sua, chamada Mercedes. Conceiçãozinha nos

---

<sup>44</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>45</sup> Idem.

conta que, nessas visitas, Mãe Menininha não comia outra comida que não fosse a que sua mãe preparava. Ela dominava perfeitamente a culinária baiana, mineira e outras especialidades. Mas além da preferência pela comida, Dona Conceição era procurada por Menininha também para consultas espirituais. Sua filha nos conta que ela incorporava uma preta-velha que era muito procurada. Esse é um tipo de entidade\* presente somente na Umbanda, difícil de se encontrar na Bahia, onde predominam os terreiros de Candomblé.

Tia Mercedes que a gente diz é porque ela era sobrinha da avó Menininha, sobrinha mesmo carnal dela. Aí vinha, ficava, aí às vezes vinha aqui no centro, entendeu? Vinha aqui porque ela gostava muito de falar com a preta-velha da minha mãe. A vovó Maria Conga, a avó Menininha gostava muito de falar com ela. Porque na Bahia você quase não via preto-velho, porque é mais do Candomblé, você quase não vê essa parte: Preto-velho, eles correm muito dos exus\*. Então, ela tinha uma devoção muito grande a essa preta-velha. Então, era... Mamãe chegava na Bahia, mamãe tinha que chamar a preta-velha para ela conversar com a preta-velha. Isso era de praxe.(...) Gostava. Ih! Como todo mundo, não é? Tia Neném, tia Mercedes, a falecida tia Creuza, todo mundo gostava dessa preta-velha. Porque é diferente dos santos de Nação. Ih! Todo mundo procurava... Como é que pode, não é? A mamãe tinha que cozinhar para ela. A mamãe ia, fazia a comida, levava! Cozinhava lá em Ramos, aí preparava tudo, aí mandava levar para avó.<sup>46</sup>

Como vimos, a participação de Seu Domingos e dos filhos do casal estava limitada pelos preceitos da religião, que impediam um envolvimento maior da mãe-de-santo com seus familiares. Assim sendo, eles eram desestimulados a terem uma participação mais efetiva; isso fazia parte dos desejos de Dona Conceição, que não queria para seus filhos as mesmas responsabilidades que ela possuía com a vida religiosa, pois as considerava muito desgastantes e queria preservá-los. Conceiçãozinha foi quem nos revelou essa idéia de sua mãe:

A vida espiritual é uma coisa muito difícil, muito desgastante, a mamãe a princípio não queria, nem eu, nem meus irmãos, nem Ubirany, nem Ubiracy... “Não, meus filhos não. Vou preservá-los”. O que tiver que ser, o que o santo determinar vai ser. E foi assim.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Idem.



Sendo assim, eles não se envolviam completamente com a vida espiritual de sua mãe, apesar de contarem sempre com seus auxílios, inclusive em relação ao Cacique de Ramos. Posteriormente veremos como Dona Conceição agia em prol do bloco carnavalesco.

### **3.2. Distância da Boemia.**

Da mesma forma como seus filhos estavam afastados dos compromissos religiosos que a envolviam, Dona Conceição não participava do samba e da boemia, a não ser em sua própria casa. Assim se estabelecia uma fronteira entre o universo paterno e materno, nessa família. Na entrevista de Eduardo Coutinho, ela conta como estava afastada dos sambas e dos pagodes:

Agora... Eles iam pro samba, mas a mim, ele nunca me levou. Até hoje eu não sei como é que é uma roda de samba. Eu queria ir ver. Ele dizia que mulher séria, mulher direita não anda em samba. Aí não deixava eu ir. Nunca fui numa Mangueira. Nem Mangueira, nem Escola de Samba nenhuma.<sup>48</sup>

Nas entrevistas que fizemos com seus filhos, tivemos a confirmação da ausência de Dona Conceição das festas que não fossem na sua casa ou no seu terreiro. Conceiçãozinha ainda acrescentou que nem cinema ela freqüentava:

Mamãe não, mamãe nunca foi ao carnaval. (...) Nem no cinema. Ela não sabe o que era... Ela não sabia o que era isso não. E era verdade mesmo, não sabe não. Não saía mesmo. Não saía não. Mamãe era assim. E ela ficava...

---

<sup>48</sup> Conceição de Souza Nascimento. Em COUTINHO, Eduardo. Op. cit.

Às vezes ela ficava, ela falava pro papai: “Tá vendo, você não me leva...” – “Vou te levar, vou te chamar, você não vai, pra que eu vou te chamar?” Ela só ia em festa quando era na casa de parente, assim, também era muito raro.<sup>49</sup>

Dona Conceição confirma pessoalmente que ela gosta de ver as pessoas sambarem e se divertirem, mas que preferia manter distância e não participar diretamente. Assim, contou para Eduardo Coutinho: “Não, eu gosto de ver todo mundo sambar, brincar, gosto, agora eu fazer não. Não tenho graça mais pra isso, meu tempo já passou. Quando eu devia ir, não ia, agora...”<sup>50</sup>.

Conceiçãozinha lembra também dessa distância que sua mãe mantinha das rodas de pagode. Ela conta, que nas festas em sua casa, os mais velhos sempre ficavam na frente da casa, na sala ou na varanda, enquanto nos fundos os mais novos cantavam pagode. Hábito que terminou por inspirar o nome “Fundo de Quintal”, com o qual foi batizado o grupo musical de seus irmãos e amigos. A certa altura das festas os rapazes chamavam os mais velhos para irem dançar na roda que havia se formado no quintal. Segundo sua filha, Dona Conceição cedia ao apelo, mas se sentia desconfortável:

Em toda casa, de todo mundo que nós íamos, fomos criados... Todo mundo ia quando tinha festa, era no Fundo de Quintal, era nos fundos da casa, aí foi assim... Engraçado que sempre quem ficava na frente, na sala, não é? Na varanda que fosse... Eram as pessoas com mais idade, entendeu? Aí ficava a vovó, ficava a minha tia, todo mundo lá na frente, na sala, aí o pagode começava lá nos fundos, aí todo mundo ia lá pros fundos, não é? Aí, de vez em quando, aí formava uma rodazinha pra botar todo mundo pra sambar, aí, iam pegar a vó lá na frente pra vovó vir sambar nos fundos, entendeu? É... Todo mundo tinha que sambar um pouquinho. Mamãe não gostava muito de fazer isso não, mas... No dia que ela estava inspirada, até entrava no meio da roda, ia lá um pouquinho, mas não gostava não.<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>50</sup> Conceição de Souza Nascimento. Em COUTINHO, Eduardo. Op. cit.

<sup>51</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

Mesmo em relação ao Cacique ela mantinha uma certa distância. Sua colaboração com a empreitada dos filhos estava restrita aos bastidores. Costumava fazer uso de seus dotes culinários e providenciava o alimento nas reuniões que eram feitas em sua casa ou então nos pagodes que ocorriam na quadra do Cacique. Ubirany relembra especialmente esses encontros, quando ele levava seus amigos da Faculdade de Reabilitação para jogarem futebol. A quadra do bloco ficava cheia e logo depois do futebol se realizava um pagode. Conceiçãozinha assinala que ela e sua mãe providenciavam a comida naquelas ocasiões:

Às quartas feiras tinha pelada, não é? Essa pelada, quem fazia a macarronada era eu e minha mãe. Era um tabuleiro desse tamanho, era cinco quilos de macarrão. Aí, mandava para lá, pro povo comer. (...) O povo ia lá buscar na Kombi, de carro, porque o tabuleiro do papai, papai era serralheiro, conforme eu te disse, então ele fez um tabuleiro... Acho que está até aí esse tabuleiro, desse tamanho assim... E dava era macarrão ali, dessa altura. Aí ia embora para lá. Minha mãe gostava muito de cozinhar. Ela tinha uma mão pra cozinha, fora de série. Vatapá, tudo que você imaginar, e era mineira, hein!<sup>52</sup>

Mas era principalmente no aspecto espiritual que Dona Conceição ajudava o Cacique de Ramos. Na percepção de Walter Tesourinha, era ela quem dava proteção ao bloco através da Umbanda:

Ela é que cuidava da gente, não é? Porque nós tínhamos que ter uma fé, não é? Uma coisa, e ela sabia. Porque graças a Deus, no bloco, dificilmente tinha problema. Problema que tinha era natural, uma discussãozinha, tinha, mas isso aí é coisa natural. Mas problema mesmo, sério, de crime, de morte, nunca houve, nunca houve, nunca teve isso. Porque mau ou bem nós tínhamos uma segurança, que era a mãe do Bira. Através, não é? Tinha que sair, mas carnaval, tinha sempre aquela segurança... Foi uma baluarte também, não é? Para os filhos dela e os amigos deles.<sup>53</sup>

Dona Conceição realizava ritos para favorecer o Cacique de Ramos em várias datas importantes, mas o carnaval necessitava de uma atenção especial porque, como explica

---

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

Conceiçãozinha, esse era um momento perigoso, quando “os santos se recolhem”. O perigo iminente que a data carrega necessitava de cuidados que eram solicitados aos santos por intermédio da mãe-de-santo.

(...) Nessa época era só com o carnaval, mas tinha outras coisas que eram feitas ao longo do tempo, do ano... Tinha que fazer, como na época de São Sebastião, que é o padroeiro do Cacique, mamãe ia lá, fazia determinados preceitos, entendeu? Antes da missa, porque tinha missa lá, realizava a missa lá, essas coisas, entendeu? Tinha esse lado, não era só na época do carnaval. Na época do carnaval, na nossa religião, é uma época muito perigosa, porque os santos se recolhem, aí ficam só as outras... Aí só ficam coisas que não são boas para nós seres humanos. Aí a mamãe tinha que fazer determinadas coisas, não é? Para proteção.<sup>54</sup>

Esses ritos, que garantiam a segurança para os desfiles do bloco, eram feitos sem a participação de seus integrantes. Nem mesmo os filhos de Dona Conceição participavam deles. Apenas os filhos e filhas-de-santo estavam presentes nessas ocasiões, e era imprópria a presença de outras pessoas. Conceiçãozinha esclarece essa restrição à participação dos não iniciados:

É, eram só as pessoas da casa, do terreiro. Pessoas de fora não tinham acesso. Tinham não. Nesse aspecto, o Bira... Nesse ponto ele sabia que a mamãe não gostava de fazer as coisas com platéia, nada disso. Não só por isso, mas pelo que se era feito lá, não tinha o porquê ficar todo mundo olhando. Além disso, inclusive, poderia até atrapalhar. Então não tinha o porquê ficar lá. Aí, o Bira ia, deixava a mamãe, nos deixava lá e depois saía, ou às vezes ficava lá esperando acabar. (...) Era muito difícil o Bira participar. Muito difícil... Até porque ele... As coisas que eram feitas lá tinham que ser feitas pela mamãe e pelos filhos-de-santo. Bira não era filho-de-santo da mamãe. Então não podia estar botando...<sup>55</sup>

Assim sendo, Dona Conceição estava afastada da vida boêmia de seu marido e de seus filhos. Não era um isolamento propriamente dito, mas uma reserva em relação a essas

---

<sup>54</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>55</sup> Idem.

atividades. Em certa medida, eram os preceitos de sua religião e a posição ocupada por ela que definia esse estado de coisas. Mas um outro fator que certamente define esse afastamento consiste na sua condição feminina. Notamos que ela repete o pensamento de seu marido quando este dizia que “mulher direita não anda em samba”. Esse conceito de preservação da figura feminina pela parte masculina, essa divisão de domínios exclusivos é uma das características herdadas pelos filhos do casal. Da mesma forma como Dona Conceição era preservada por seu Domingos, as meninas da família eram protegidas por seus irmãos, como veremos mais adiante.

### **3.3. A influência materna na vida dos filhos.**

Como dissemos, o modelo da imagem feminina para a família como um todo, mas principalmente para os homens, deriva da imagem materna. Os papéis desempenhados por Seu Domingos e Dona Conceição estavam sendo definidos pelos moldes do boêmio e da mãe-de-santo. Essa é uma definição presente em todos os depoimentos de Ubirany e Ubirajara. Sempre que são indagados sobre as influências que pesaram sobre eles para a formação do Cacique de Ramos, respondem frisando essa “delimitação de fronteiras”. Assim, o filho mais velho do casal nos apresentou o Cacique em entrevista concedida diante de uma câmera de vídeo no dia 17 de fevereiro de 2002:

O Cacique foi fundado em 1961, através da minha pessoa – Bira Presidente, como eu sou conhecido, mas meu nome é Ubirajara Félix do Nascimento. A minha família, através dos meus pais: Domingos Félix do Nascimento, um grande boêmio que nasceu no Estácio, e a senhora minha mãe, Conceição de Souza Nascimento – Tá chovendo, mas a gente supera a chuva. O meu pai, pelo lado da sua vida boêmia, com largo relacionamento com o mundo do samba, como tinha, ele era ligado a dois amigos, que eu considerava meus tios, que eram irmãos de criação do meu pai, que era o Gastão Viana e o Honório Guarda. Esses dois faziam parte da velha guarda, essa velha guarda do Rio de Janeiro, que tinha Pixinguinha, Bide, João da Baiana e outros mais. Através deles eu tive, não só um colégio, mas, também, uma faculdade

na qual me proporcionou conhecimentos que eu transporte para essa agremiação que é o Cacique de Ramos. (...) A minha mãe, ela tinha sido feita espiritualmente, na Bahia, pela minha avó, falecida Menininha do Gantois. E essa identificação espiritual muito contribuiu para que o Cacique de Ramos se tornasse esse expoente no carnaval e tivesse essa energia tão positiva pelo lado espiritual, que eu até hoje não deixo de esquecer. Por que a minha mãe foi de suma importância nessa trajetória toda do cacique de Ramos<sup>56</sup>

Também, lembrando dessa “delimitação de fronteiras”, seu irmão, Ubirany, nos falou sobre seus pais, quando o entrevistamos, em 31 de outubro de 2002:

Minha família... Meus pais, já falecidos. Seu Domingos... Dona Conceição... Foram as pessoas mais importantes da nossa criação. Desenvolveram a nossa personalidade, a nossa forma de agir... Minha mãe, pelo lado espiritual. Ela tinha um terreiro, era mãe-de-santo. Ela, aos quinze anos de idade, foi à Bahia prá fazer a cabeça. Foi das primeiras filhas de santo da, também falecida, mãe Menininha do Gantois. Minha mãe foi filha-de-santo\* dela... Então, tinha muita orientação. Aliás, até dando um pulo lá na frente, foi lá que foram meus primeiros passos, minha primeira atividade com a pele do instrumento. Essa percussão que eu gosto de fazer até hoje. Foi tocando no terreiro da minha mãe. Sem grande envolvimento com os rituais... Eu não era muito fanático. Agora, adorava aquele ritmo, aquela percussão. E minha mãe disse bom... Nunca obrigou a nenhum de nós, filhos, a participar efetivamente, a “tem que ser”, “você tem que ser do santo”, não sei o quê... Não. Então, na medida em que nós quiséssemos, no limite que nós quiséssemos, nós participávamos. E eu curti, o que acontecia no terreiro com o maior respeito. Não é dizer que eu não acredito. Só não tenho aquele fanatismo, mas eu acredito. Até hoje eu porto uma guia... Isso minha mãe... Pessoa da maior importância na nossa criação. E meu pai, pessoa muito tranqüila: Seu Domingos. Mas era um boêmio, também, adorava a noite, adorava dançar, principalmente. Como ele curti a dança! A ponto dele ter até medalhas, troféus de concurso de dança, daquele tempo das valsas, do maxixe, e tal, daquelas coisas que se dançava naquela época. E meu pai tinha companheiros, amigos que ele chegava a tratar como irmãos, como o Gastão Viana, como o Honório Santos, Pixinguinha, Bide. Meu pai freqüentava muito a casa dessas pessoas. Naquelas reuniões prá tocar, prá compor... Não que papai fosse um emérito músico, compositor, cantor... Meu pai nunca foi de tocar instrumento, nenhum, de cantar ou de compor. Mas ele vivia nesse meio como aquele cara que gostava, que participava ativamente. Tanto que eu me lembro as festas lá em casa eram

---

<sup>56</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.

festas duradouras, festas que começavam um dia e às vezes durava dois, três dias de festa. E muitas vezes eu via essas pessoas. Eu era bem novo nessa época, mas via essas pessoas, contatava com eles. E sempre tinha um Regional tocando. Sempre aquele Regional tocando chorinho, o pessoal dançando na sala, curtia-se muito isso nas festas dos meus pais.<sup>57</sup>

Portanto, essa divisão entre a boemia e a religião foi assinalada por alguns dos membros da família. Encontramos uma correspondência dessa divisão nos papéis femininos e masculinos. A boemia era quase exclusiva do lado masculino da família, e Conceiçãozinha foi enfática ao afirmar que nessas atividades “as mulheres não acompanhavam”. Ela assinala que, apesar da insistência, só conseguiu desfilar no Cacique de Ramos com quatorze anos, e atribui esse impedimento ao lado masculino da família, principalmente aos irmãos, que ela chama de “cães de guarda”.

Com quatorze anos... É, porque tinha aquele problema, devido a eu ser a única filha mulher... Porque eu não podia, tinha os meus cães de guarda, que se chamavam Bira e Ubirany, não deixavam. [...] Olha, eu estou casada há vinte e cinco anos. Pro meu marido me namorar se fazia reunião de família. Teve que juntar meus irmãos... Pra você sentir como é que era a coisa... E era assim com as minhas primas que mamãe criava, era assim... Era a mesma coisa, não mudava nada. Ih! Quantas vezes o Bira botava os namorados delas pra correr. Elas namoravam escondidas, o Bira vinha e pegava no meio da rua: “Vamos embora! Passa todo mundo.” Deixava não. [...] Vai ver que ele não queria que o que ele aprontasse na rua, que aprontassem com as garotas da família dele, não é? Não é bobo! Acho que era por aí. Ele é muito... Era, não é? Mas também não era só ele não, Ubirany também. Mas agora eles estão quietinhos.<sup>58</sup>

Um fato interessante, citado por Conceiçãozinha, revela a forte moral masculina presente na atitude de seus irmãos: a reconhecida aversão de Ubirajara por homossexuais. Tal aversão era tão propagada que ele se transformou num personagem conhecido em toda a cidade através de um programa de rádio. Andréia Gasparete era um transformista, que no

---

<sup>57</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>58</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/ 01/ 2003.

início dos anos noventa, apresentava um programa numa das maiores rádios FM do Rio, a rádio *Cidade*. Ele costumava se dizer namorada de Ubirajara para desmoralizar sua postura ultraconservadora em relação aos homossexuais. Conceiçãozinha lembra essa história após revelar um desentendimento de seu irmão com outro homossexual conhecido, o pai-de-santo Joãozinho da Goméia. Reproduzimos a narrativa de Conceiçãozinha desde o momento em que ela introduz o tema do homossexualismo no Candomblé, quando Mãe Menininha teve que levantar a voz para defender sua afilhada Conceição.

Aí, fomos pra Bahia. Aí, chegou lá... Eu estava sentada assim perto da avó Menininha, assim... Que ela não saía do quarto. Até no dia da festa, era muito difícil ela ir assistir a festa de santo e tal... Aí, a mamãe foi fazer não sei o quê lá na cozinha, porque a cozinha do Gantois é isso aqui, enorme. Você se perde dentro da cozinha. Aí ela falava [outra filha-de-santo de Mãe Menininha]: “Ô Concessa, você é de Xangô e eu sou da Oxum, então, eu sou sua esposa”. Aí a avó Menininha, lá do quarto, lá de dentro: “Olha que Concessa é vinho de outra pipa, ela não é igual a vocês”. Ela, lá do quarto, não é? Os ouvidos dela estavam lá na cozinha. Aí, tá: “A Concessa é vinho de outra pipa.” É, era assim que funcionavam as coisas: “A Concessa é vinho de outra pipa.” Bira, não suporta adé, sabe o que é adé? Viado. E Joãozinho era meio esquisito. Ah... Mas naquele dia nós rimos tanto. Porque o Joãozinho da Goméia chegou assim pertinho dele e falou assim: “Ô Concessa, que moreno lindo que você tem de filho”. Ah... Pra quê? Aí o Bira: “Vou dar um soco na cara desse cara daqui a pouco mamãe”. Aí, a mamãe: “Calma Bira, ele é pai-de-santo” – “Vou dar um soco na cara dele já, já, mãe”. Conhece o Bira? Não gostava não. Até hoje ele não gosta. “Ih! Não gosto dessas coisas não” - Quando encarnavam nele, que ele... Aquela fase de Andréia Gaspareti. Encarnava nele a bessa: “Ah... o Bira” dizia: “Que era o meu cacho”. Bira era ele, que ela falava era ele. Ih, ele ficava para morrer, ficava igual uma fera com aquele menino. Aí era assim, lá no Gantois era bom, a gente gostava muito de ir pro Gantois. A mamãe toda a vez que ia levava eu, Bira, era difícil ela ir sozinha.<sup>59</sup>

Da mesma forma que no ambiente boêmio e no Cacique de Ramos se erguia uma barreira à participação feminina, o terreiro de Dona Conceição limitava a participação masculina dos filhos, com o argumento espiritual de que não era permitido que a mãe-de-santo exercesse o seu poder espiritual sobre seus filhos e marido. O curioso é que

---

<sup>59</sup> Idem.



Conceiçãozinha, a única filha mulher do casal, terminou assumindo o Centro Espírita São Jerônimo quando sua mãe faleceu, ocupando o posto de mãe-de-santo que ficara vago.

Mas a frequência dos filhos ao terreiro, apesar de limitada, deixou neles marcas profundas que iriam repercutir em suas vidas. Mesmo não podendo seguir os caminhos que a Umbanda reserva aos seus adeptos, a religião marcou a sua formação. Eles não possuem um conhecimento profundo, como repetiram várias vezes nas entrevistas, mas o pouco que conhecem o guardam com respeito e carinho, honrando os ensinamentos de sua mãe.

Outra influência marcante no convívio deles com os terreiros foi a iniciação nos instrumentos de percussão. Já reproduzimos uma passagem da entrevista de Ubirany onde ele comenta como os atabaques do Centro Espírita foram seu primeiro contato com os instrumentos. Em outro momento, ele repete o teor dessa relação, explicando sua afeição pelo couro dos instrumentos, a necessidade de um contato direto da mão, sem a utilização de intermediários, como as baquetas\*. Nessa mesma passagem, ele ressalta a importância de sua educação familiar, como ela foi decisiva para que ele fosse respeitado no seu meio, e dentro dessa formação ressalta a importância do terreiro e dos ensinamentos religiosos, elementos fundamentais na cristalização de um tipo de conduta que lhe rendeu bons frutos e muitas amizades, motivo de orgulho particular.

Graças a Deus! Aonde chegamos [Ubirany e seus irmãos] somos bastante conhecidos de forma positiva, graças a Deus! Sempre bem chegados em qualquer lugar, até hoje. É que eu não saio mais tanto como eu saía. Na quinta-feira eu fiquei bobo. Eu saí, fui aqui em Vila Isabel, me convidaram, Carlinhos tocou, tava com o grupinho dele lá, tocando ali e tal, num barzinho ali na Vinte e Oito de Setembro: “Passa lá Ubirany! Passa lá!” Eu Fui... Tive o prazer que eu tive de encontrar tanta gente amiga. Eu sei que eu fui da primeira à última mesa cumprimentando as pessoas, sabe por quê? Todos eram conhecidos. Quer dizer que as pessoas ainda estão aí... Quer dizer, ali você tinha da juventude às pessoas mais contemporâneas minhas, entendeu? E isso não é gostoso? O carinho que rola. Então, graças a Deus, nós construímos um relacionamento legal no meio do samba, somos queridos, graças a Deus, respeitados, sabe? Que tudo isso tem a ver com a sua conduta, com o que você se prestou, com o que você deu como exemplo, não é isso, meu chapinha? Então, com o tempo, graças a Deus, eu sou um cara muito tranquilo. E quando a gente fala desse lance religioso, relação com a música, eu cheguei a citar isso no início do nosso papo, tipo: Eu comecei a ter intimidade, mais assim, com a percussão, nas festas lá de casa. Não tinha repique, não tinha nada disso, mas a gente pega uma intimidade maior, um instrumento ou outro que a gente pega, e no decorrer das sessões

lá no terreiro, o atabaque eu chegava a tocar e tal, e tal, eu adorei esse negócio de tocar...<sup>60</sup>

Nesse momento, perguntamos a Ubirany se ele ocupava alguma função na hierarquia do terreiro de sua mãe. Imaginávamos que ele pudesse ser “Ogã” no Centro Espírita São Jerônimo, ou seja, a pessoa responsável por tocar atabaque durante as sessões.

Não, não cheguei não... Simplesmente foi uma coisa assim como eu te falei: descompromissada. Aí, você vê: Eu toco um repique-de-mão; se tiver que tocar um tantã, eu não sou um exímio tocador, mas toco. Eu adorei, não sei se foi a partir dali essa relação mais íntima: Pessoa/ instrumento, músico/ instrumento. Então, adoro tocar em pele, adoro percussão. Agora, se você me der um instrumento intermediário, ou seja, uma baqueta, eu não sou bom tocador, não vai sair nada. Agora, eu adoro essa relação íntima, a mão com a pele. Ali eu tiro onda [Ri]. Adoro, adoro, adoro! Então, essa é a minha relação com repique-de-mão, adoro tocar com as mãos. Pegar um atabaque e [vocaliza:] plé que plé que plé, plé plum, aí rola. Repique-de-mão, peguei esse lance meu aí não é? Tamborim eu adoro tocar com o dedo: [vocaliza] té tum tá, tí qué tum tum ta. Ah! Vai numa boa. Agora, falou em: [vocaliza] teré queté, teré queté; em baqueta, eu não... Adoro essa relação.<sup>61</sup>

Conceiçãozinha lembra que o mesmo ocorria com o seu irmão Ubirajara. Ele costumava chegar para tocar nos atabaques, mas a casa possuía os seus instrumentistas oficiais, os “ogãs”, e seus irmãos não estavam incluídos nesse grupo. Por isso, ela explica o afastamento de seus irmãos em relação a atividades de maior compromisso do terreiro, devido ao fato deles serem filhos da mãe-de-santo.

É... O Bira vem aqui... Bem, essa parte como eu te falei é uma parte que eu não me lembro, eu era pequenininha... Ele vinha aqui, nas seções, não é? Ele chegava aqui de madrugada, mas tocava, ia tocar atabaque, Ubirany também tocava, só quem não tocava era o Ubiracy. Ubiracy não. Porque tinha os ogãs da casa, não é? Aí eles vinham, tocavam também, mas quando tinha

---

<sup>60</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>61</sup> Idem.

que se cuidar da parte espiritual deles, mamãe... A gente... Nós que somos pai e mãe, a gente não pode estar fazendo muitas coisas pelos filhos.<sup>62</sup>

Apesar de não estarem profundamente envolvidos com as questões da Umbanda, os irmãos Ubirany e Ubirajara mantiveram sua fé, cumprindo com as poucas obrigações que lhes cabiam, ou se utilizando da via espiritual para fazerem pedidos, como é comum entre os fiéis do Espiritismo. Conceiçãozinha nos revela que Ubirany manteve maior contato com a religião, sendo que suas obrigações eram dirigidas por outra mãe-de-santo, chamada Sílvia. Já Ubirajara ainda solicita os serviços da irmã, sendo que, por falta de tempo, devido aos seus compromissos profissionais, ela quase não vai ao seu encontro. Normalmente ele faz uso do telefone, por onde encaminha seus pedidos. Conforme ela revela, Ubirajara geralmente solicita sua ajuda desta forma: “Ah... minha irmã, estou precisando disso... Vê aí com o santo”<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>63</sup> Idem.

## *Capítulo 4*

### *A Presença da Família Félix do Nascimento no Cacique de Ramos.*

#### **4.1. Uma entre várias famílias.**

Como afirmou Ubirany Félix do Nascimento, em um depoimento já transcrito por nós, a vaidade imperava entre os membros do Cacique de Ramos. Pudemos notar isso em nossas entrevistas, principalmente quando procurávamos saber da origem do bloco carnavalesco. Além dos membros da família Félix do Nascimento, tínhamos outros dois personagens importantes nessa história, que nunca deixaram de ser lembrados pelo atual presidente do bloco, Ubirajara Félix do Nascimento. Aymoré do Espírito Santo preferiu não conceder entrevista, por problemas pessoais de saúde, mas não deixou de endossar, de antemão, qualquer informação que viéssemos a obter com seus colegas sobre a fundação do bloco. Já Walter Tesourinha – da família Oliveira, como nos informou Bira Presidente – nos concedeu uma entrevista na qual ele se coloca como autor de várias idéias que vingaram dentro do bloco, como as cores, a fantasia de napa e a diretoria. Ele nos foi indicado pelos próprios irmãos Félix do Nascimento, que atualmente são os principais responsáveis pela sobrevivência do bloco, e que já nos primeiros anos ocupavam uma posição de destaque. Por sua vez, num determinado momento, Walter Tesourinha formou um outro bloco, o “Vinte de Ramos”, para concorrer com o Cacique e assim reaver uma posição de liderança que ele teria perdido logo nos primeiros anos. Esse bloco teve uma vida curta, apesar de ter tido uma estréia de relativo sucesso.

Na narrativa dos irmãos Félix do Nascimento, acerca de sua participação e de seu envolvimento com o Cacique de Ramos, ficamos com a mesma impressão de que estamos diante de um discurso de autovalorização. Isso não deve surpreender. Acreditamos que para

cada indivíduo ou grupo envolvido com o Cacique de Ramos teremos a reprodução de uma visão muito particular, com ênfase nas suas próprias experiências. Assim, temos um fenômeno que é próprio da memória. Como vimos em nosso primeiro capítulo, a memória é uma construção, existindo uma pluralidade de memórias, de acordo com o número de sujeitos envolvidos. Podemos ver, aqui, a presença das várias “correntes de pensamento”, apontadas por Halbwachs (1990: 128) coexistindo dentro de um todo que é o Cacique de Ramos.

Para fundamentar e ilustrar essas afirmações, vamos reproduzir o depoimento de um dos componentes do bloco, concedido a nós e gravado em vídeo no carnaval de 2002. Marcelo Batista de Almeida é um folião que desfila no Cacique de Ramos há aproximadamente vinte anos, ele reivindica a inclusão do uso do chapéu como adorno de cabeça e outras inovações na fantasia do bloco, como sendo suas.

Porque é o seguinte: Eu posso dizer que eu sou um cara que criei muita coisa dentro do bloco. A diretoria do Cacique não reconhece isso. Não vê isso. Por exemplo: Em 90. Em noventa não, na década de 80, eu e uns colegas meus na época. O Cacique o que é que usa? Uma faixa com a pena. A fantasia tradicional é essa. Da ala da napa. A ala que eu uso. O que é que eu fiz. Como o cetim, ou a napa, incomoda, eu usei o chapéu. O chapéu dobrado com a faixa no chapéu de palha, com as penas aqui. No ano seguinte todo mundo usou chapéu. Uma moda. No outro ano, mais depois, eu botei o chapéu preto, de veludo, com a aba dobrada, símbolo do Cacique, com pena. No outro ano seguinte, todo mundo estava com o mesmo chapéu. Em 90 eu comprei um cocar, a partir de 90 prá cá eu só usei o cocar. Passou muita gente usar cocar no bloco, no outro ano seguinte. Então eu sempre inovei, por exemplo: ráfia laminada. Entendeu? Pessoal no bloco não usa. No braço, na perna, esses adereços. Isso aqui é uma fantasia infantil. Compra ali na Alfândega isso aqui prá botar uma sainha na criança. Isso aqui é uma saia. Então o que acontece. Cada um tem a sua criatividade. Inventar armamento: espingarda, lança. Cada um cria de uma maneira. Entendeu? Então o que eu tenho prá dizer é isso...<sup>64</sup>

Devemos ressaltar que as décadas de 1980 e 1990 marcam um momento em que o bloco teve uma queda radical em número de componentes, descendo de números que beiravam os dez mil integrantes para menos de mil. Isso fez com que a rígida estrutura

---

<sup>64</sup> Marcelo Batista de Almeida. Depoimento concedido ao autor. 11/02/2002.

empregada para organizar os desfiles fosse abandonada, abrindo um espaço maior para a criatividade individual. A necessidade de se destacar no meio da massa é importante para os indivíduos que permaneceram no bloco. É comum vê-los rivalizando em relação ao tempo que cada um tem dentro do bloco. A maioria dos novos componentes, como é o caso do Marcelo Batista de Almeida, está na faixa dos quarenta anos de idade, tendo entrado para o Cacique nos seus tempos áureos quando ainda eram adolescentes. Sendo assim, normalmente, eles contam entre duas e três décadas de participação no bloco. Poucos são os que acompanharam o Cacique desde o início e ainda podem ser encontrados em seus desfiles, e entre eles está o presidente Ubirajara Félix do Nascimento, contando hoje com sessenta e seis anos de idade e quarenta e três anos de bloco. Grande parte de sua arte como presidente se deve ao fato dele conseguir minimizar os conflitos que surgem dessa rivalidade interna entre os componentes. No carnaval desse ano (2003), tivemos a oportunidade de ver como ele é exigido nesse aspecto. Diante de uma briga entre um garoto da bateria e um componente mais velho da ala dos Apaches, ele tirou sua camisa e chamou o garoto, que estava irredutível, para enfrentá-lo. Essa atitude, partindo de um senhor, respeitado por todo o grupo, fez com que o garoto imediatamente se aquietasse.

Dentro dessas múltiplas visões particulares que surgem dentro do Cacique escolhemos a da família Félix do Nascimento por motivos que já foram expressos anteriormente. A consideramos o eixo de nossa narrativa, mas também incluímos dados que nos remetem a outros depoimentos, considerando a pluralidade de memórias que existem em torno do bloco. Basicamente, nos utilizamos da narrativa de Walter Tesourinha como contraponto.

#### **4.2. A Fundação do Cacique de Ramos.**

Segundo Walter Tesourinha, ele era o único dos fundadores com uma experiência anterior na formação de blocos carnavalescos. No final dos anos 1950 e início dos anos

1960, ele participou de duas experiências. O bloco Brinca Quem Pode e o Cacique Boaboca, do qual o Cacique de Ramos teria se apropriado do primeiro nome. Ambos desfilando em Olaria, na região conhecida como Invernada, bem distante da linha do trem e da região de Ramos. Quando Walter se mudou para Ramos os blocos se dissolveram, e da união com Aymoré do Espírito Santo, que comandava a ala Chapeuzinho de Prata e dos irmãos Félix do Nascimento, que dirigiam a ala Homens das Cavernas, fundaram o Cacique de Ramos.

A falta de experiência no início do bloco não é negada pelos irmãos Félix do Nascimento, que inclusive se disseram surpresos com o sucesso que teve o primeiro desfile do bloco em 1961, como atesta Bira Presidente, no depoimento ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS), de 1968:

Então, em 1961, na data de 20 de janeiro, nós organizamos um blocozinho. Inclusive já participaram conosco, e no domingo de carnaval deste ano eu esperava sair uma média de uns vinte e poucos elementos, entre moças e rapazes, então, até que eu não estava tão preocupado com a coisa. Quando eu cheguei na Rua das Missões, atualmente Nossa Senhora das Graças, aonde eu tinha marcado o local do encontro da turma, tinha uma média de duzentas e poucas pessoas. Eu então fiquei surpreso. Aquilo me entusiasmou mais ainda. Digo: Mas será possível que com poucos dias faltando para o carnaval eu procurei criar um blocozinho e a coisa tá se tornando um... O que eu não esperava. Então com instrumentos de sopro, alugados, com apenas uma caixa\* fazendo um barulho tremendo, saímos brincando os três dias de carnaval. Após disso, então, a turma se incentivou e disse: Ô Bira, vamos dar continuidade a coisa? Eu digo: Vamos mesmo! Aí começamos a produzir festas sociais todos os meses, arrumava um clube aqui, arrumava outro ali, se era a casa de um amigo ou de outro.<sup>65</sup>

O primeiro desfile do bloco Carnavalesco Cacique de Ramos aconteceu nas ruas de seu bairro de origem. Eram aproximadamente duzentas pessoas que desfilaram pelo bloco, que foram acompanhadas por uma banda, alugada pelos organizadores com o dinheiro arrecadado entre seus participantes. Essa banda era semelhante às que costumam tocar nos bailes carnavalescos realizados em clubes, diferente das baterias, mais comuns na formação

---

<sup>65</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som. 10/ 02/ 1968. Entrevistadores: Ricardo Cravo Albim, Sebastiana Arruda e Antônio Barroso Fernandes.

de um bloco de carnaval. Era composta de instrumentos de sopro, e como ressaltava Ubirajara, possuía apenas uma caixa na percussão: era uma banda de pequeno porte.

Animados com o relativo sucesso atingido nesse primeiro desfile, os organizadores se prepararam, durante o ano seguinte, visando o aperfeiçoamento do bloco. A realização de bailes foi o meio encontrado para conseguir angariar fundos. Ao mesmo tempo, esses eventos mantiveram as pessoas reunidas em torno do bloco, servindo para divulgar a sua existência e atraindo novos integrantes. O que vemos, nesse primeiro momento, é a criação de um bem sucedido espaço de *sociabilização*, segundo a definição dada por George Simmel (1971: 129), onde diversos *atores* envolvidos – os integrantes do Cacique de Ramos – se empenham na criação de um espaço cujo valor principal está na interação em si mesma. No depoimento registrado no MIS em 1968, Ubirajara fornece um relato de como transcorreram as atividades em torno dos bailes sociais durante o ano de 1962:

Nos reuníamos e íamos arrecadando dinheiro todos os meses, promovendo festas sociais, um bailezinho na casa dos amigos, num clube que a gente conseguia... E guardando o dinheiro no banco. Quando chegou no outro carnaval, já em sessenta e dois, o Cacique, no sábado de carnaval já era o Cacique de Ramos. Conseguimos comprar as peças, sendo um surdo\*, dois tarol\*, uma marcação\* e reco-reco\*. E a coisa então, já tinha aquela organização, era um pouco mais experiente. E, já em sessenta e dois, nós saímos com uma média de setecentas e poucas pessoas, que também me surpreendeu. Daí para frente, lógico, organizamos mais as coisas, criamos a diretoria. Essa diretoria onde estou.<sup>66</sup>

Nesse segundo ano, o Cacique de Ramos, além de desfilar no seu bairro de origem, também estreou entre os blocos do Centro da Cidade. Foi nesse ano que ocorreu um episódio que muito marcou a vida do bloco, quando ele foi literalmente “jogado para fora da Avenida” por outro bloco, o Bafo da Onça, uma agremiação com sede no Catumbi (bairro próximo ao local do desfile), mais antigo e com um maior número de componentes do que o Cacique. No depoimento de Ubirany, temos um relato desses eventos:

Nesse ano foi ainda lá, mas aí cresceu muito. Cresceu muito e aí foi quando nós começamos a ir para o Centro. Mas então, no primeiro ano que nós

---

<sup>66</sup> Idem.



fomos tinha um bloco já, era o Bafo da Onça que nos encostou uns dois anos. Que naquela época não tinha essa organização lá na Rio Branco, as pessoas desfilavam pelo lado que queriam, então, o Bafo vinha de um lado e o Cacique de outro, o Bafo imprensou a gente, fez um corredorzinho assim pra gente e a rua toda do Bafo, e a gente ali encolhido.<sup>67</sup>

Ubirajara também relembra esse episódio, que, como ele mesmo diz, muito o marcou e incentivou no desenvolvimento de seu trabalho com o Cacique de Ramos. Temos esse relato no depoimento de 1968, arquivado no MIS:

Nós estávamos indo pela Avenida, vínhamos cantando: “Não tem mais jeito” e tal... E vinha esse fabuloso bloco, o Bafo da Onça, aquela imensidão de gente, eu encostei numa mangueira, fomos obrigados... A tradição, não é? Então, eu, comigo, logicamente, eu disse: – aquilo me incentivou mais a trabalhar – Nós temos que ser como o Bafo da Onça. Nós vamos pra lá!<sup>68</sup>

Logo no ano seguinte, o Cacique de Ramos conquistou grande destaque com seu desfile e já não tinha mais que se afastar para deixar passar nenhuma outra agremiação. Ubirajara conta que no ano de 1963 o bloco desfilou com uma média de mil e seiscentos componentes, praticamente se igualando ao Bafo da Onça<sup>69</sup>. Nesse ano, o bloco de Ramos trouxe para a avenida um samba que fez muito sucesso e que acabou ficando consagrado como o “hino do Cacique”<sup>70</sup>. Seu título é “Água na Boca”, e seu compositor, Luis Mendes, também prestou depoimento para os arquivos do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, juntamente com o presidente do bloco, Ubirajara Félix do Nascimento, em 1968. Nesse depoimento, ele lembra como foi emocionante a repercussão de sua composição naquele carnaval:

Sessenta e três foi o ano de ouro do Cacique de Ramos. Foi o ano em que todos nós da agremiação... Muita gente passou mal e chorou, exclusive a mim, que foi uma das maiores emoções da minha vida, foi o ano em que o

---

<sup>67</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>68</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento Concedido ao MIS, op. cit.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.

Cacique arrasou a cidade, com uma música que todos nós conhecemos: “Água na Boca”.<sup>71</sup>

Nesse momento, Ubirajara interrompe seu colega para confirmar o que ele está dizendo, acrescentando sua versão sobre a penetração do bloco junto aos meios de comunicação, a partir do sucesso de “Água na Boca”:

Inclusive Dr. Ricardo [se dirigindo ao entrevistador Ricardo Cravo Albim], Esse ano, foi o ano que o Cacique chegou na Avenida e acabou... A Avenida inteira cantou a música do compositor Mendes. Inclusive nós fomos a agremiação mais televisada, mais filmada.<sup>72</sup>

Em nossa entrevista com Bira Presidente, ele relembra os primeiros anos de desfile da agremiação por ele presidida e a importância que a composição de Luiz Mendes teve na história do Cacique de Ramos. Nesse depoimento, ele também se considera o responsável por ter trazido o compositor de “Água na Boca” para o bloco, a partir de uma amizade que surgiu quando os dois prestaram, juntos, o serviço militar na aeronáutica.

No segundo ano nós, através do compositor Mendes, que era um amigo meu que eu trouxe, que ele serviu comigo na aeronáutica, e eu trouxe ele pro Cacique, e ele então criou um samba, o “Água na Boca”, que é o hino do Cacique:[canta] “Nesse Carnaval eu não quero mais saber ê ê/ De brigar com você (bis)”. Aí tinha o refrão: [canta] “lá lá iá, lá lá iá, laiá laiá, hei! Lá, laiá laiá Hei!” E isso aí tomou conta da cidade de uma forma, que se tornou o hino do Cacique.<sup>73</sup>

Grande parte do sucesso dessa música é atribuído ao refrão. Como analisa Antônio Onça (um dos integrantes mais antigos do bloco e atual zelador da quadra do bloco), foi no

---

<sup>71</sup> Luis Mendes. Depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som. 10/ 02/ 1968. Entrevistadores: Ricardo Cravo Albim, Sebastiana Arruda e Antônio Barroso Fernandes.

<sup>72</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao MIS, op. cit.

<sup>73</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.

“Larará Hei! Que o bloco cresceu”<sup>74</sup>. Esse refrão era acompanhado de uma coreografia simples e espontânea, juntamente com o grito final: “Hei!” que se repete três vezes consecutivas, os foliões davam um pulo. Muitas variações desse pulo foram registradas, como o erguer as mãos, ou jogar alguma coisa para o alto. O compositor Mendes relata essa coreografia dizendo que “subia tudo! Os índios tiravam a camisa fora e jogavam”<sup>75</sup>. Ainda hoje, podemos ver essa coreografia se repetir nos desfiles do Cacique de Ramos, pois, desde o sucesso inicial, “Água na Boca” nunca deixou de ser cantada em seus desfiles.

É interessante notarmos, que o próprio compositor considera sua música como uma obra coletiva, por achar que o seu sucesso dependeu da maneira como ela era executada pela bateria do bloco e pela forma como ela era cantada por seus integrantes. Ele narra que antes de apresentar essa música no Cacique de Ramos, ele a havia levado a vários cantores, na esperança de que eles pudessem gravá-la. Sua composição foi recusada por todos, que a consideraram “fraca”. Nesse momento, somente a sua mãe acreditava na “força” da música e animava o filho a continuar investindo nela:

Antes de eu apresentar essa música e pôr essa música no Cacique de Ramos, essa música foi apresentada a vários cantores de nome dentro do rádio brasileiro que não acreditaram na música. Vários deles viraram pra mim e: “Garotão, você não dá pro negócio, essa música é fraca pro carnaval”. E eu fui pra casa, eu chorei na condução, perto da minha mãe eu chorei. Cheguei, contei a história pra minha mãe. Minha mãe: “Meu filho, procure botar essa música em algum lugar, que essa música será sucesso”. Voz de mãe, não é? E por isso eu não acreditava. Porque quando eu lancei essa música no Cacique, já vinha meio desconsolado, porque quem me disse foi gente boa dentro do rádio.<sup>76</sup>

Foi quando apresentou sua música no bloco de Ramos que ela cresceu, acompanhada do arranjo feito pelo diretor de bateria Dinho, que introduzia a pausa junto ao grito de “Hei!” do refrão, abrindo espaço para a coreografia, que faria dela um sucesso em toda a cidade. Mendes conta que inicialmente ele não teria gostado dessa inovação do

---

<sup>74</sup> Antônio Onça. Entrevista concedida ao autor. 02/12/2000.

<sup>75</sup> Luiz Mendes, op. cit.

<sup>76</sup> Idem.

diretor de bateria em sua composição e se justifica dizendo que essa é uma atitude comum entre os compositores, que não costumam gostar das alterações feitas em suas obras. Mas esse desgosto durou pouco, pois logo depois de ter ouvido sua música cantada no ensaio do bloco reconheceu o bom senso do diretor de bateria:

Esse pulinho... Quando foi criado esse pulinho... Não existia esse pulinho quando eu fiz a música. Ela tinha esse estribilho... Tinha as paradas do nosso amigo de bateria aqui, que criou. A parada na música não existia. Tanto que no dia que eu lancei a música no Cacique de Ramos, eu me aborreci com ele demais: “Não, não tem! Essa música não tem isso!” – “Mas Mendes... Mas fica um negócio gostoso” – “Não! Mas não foi feito assim. Pelo amor de... Não toca assim não”. Todo autor é assim, ele se aborrece quando o negócio não sai como ele fez. Mas ele [Dinho] fez e eu me aborreci com ele. Saí dali e fui sentindo um negócio... Então eu: É... Acho que o Dinho é que está certo... E eu fiquei naquela...<sup>77</sup>

Sobre o aspecto da criação de uma música para o desfile de um bloco carnavalesco, o compositor Mendes ainda teoriza acerca da participação do seu público alvo. Ele faz uma comparação com as composições feitas nas Escolas de Samba, que segundo ele, seriam simplesmente assimiladas pelos integrantes, num processo que ele classifica como “doutrinário”. Por outro lado, as composições feitas para um bloco carnavalesco necessitam ser aceitas pelos seus integrantes. São eles que vão dizer se uma música é boa ou não, se deve ser cantada ou não, e essa escolha é capaz de fazer com que músicas consideradas de baixa qualidade sejam alçadas à categoria de grandes sucessos. No seu depoimento, ele ressalta que esse apoio a uma composição está, no fundo, na mão das mulheres. É para elas que o compositor deve olhar quando escreve uma música, pois é o sucesso entre elas que realmente confirma a sua aceitação. Se a música não empolga as moças, então, certamente não serve para o bloco. Sem o coro feminino, a música não alcança a beleza necessária para a apresentação do bloco na avenida:

O detalhe é o seguinte: Por exemplo, a música de bloco é criada pelo autor, ele cria o que vem na mente, desde que dê certo, mais ou menos, a história, que seja uma coisinha assim pequena, uma coisinha que não dê cansaço. A

---

<sup>77</sup> Idem.

música é feita nesse sentido. Quer dizer, ela vai normalmente entrando, penetrando no público, que no bloco, quem canta são as moças, elas que levam a música, que dá aquele “belo” na música. Na Escola de Samba é diferente, eles são doutrinados, eles cantam... O autor da música apresenta a música. Já no bloco não. No bloco canta-se a música, se ela tiver conteúdo ela vai embora. E às vezes não é uma grande música, às vezes é uma musiquinha, mas com uma boa melodia e um bom ritmo. [...] Então, a música tem que ser empolgação. Empolgação pra poder as pastoras brincar. Porque elas querem brincar. Se a música não tiver fogo, não adianta que ela fica na Avenida reclamando que não tá surrada, reclamando que não dá sede... Entendeu? Quer dizer, as coisas tem que ser assim, quer dizer, a Escola de Samba tem aquela organização, é tudo alas, é tudo... E a música do bloco é diferente [...] É carnavalesca pura. Então, o negócio tem que ser assim, que cante mesmo, com vontade. A Escola é doutrinada, canta aquilo com doutrina, e a música carnavalesca não, todo mundo canta lá em cima, canta cá em baixo... É uma beleza.<sup>78</sup>

Foi somente a partir do sucesso da música junto ao bloco e, posteriormente, na Avenida, que “Água na Boca” ganhou o interesse das rádios e das gravadoras. Mendes relata que muitas pessoas o assediavam querendo comprar os direitos de sua composição:

Depois que a música estourou em sessenta e três – a música estourou com o Cacique na Avenida. Sessenta e quatro, na minha repartição eu não trabalhei mais, porque foram vários cantores me procurar, inclusive os compradores de música me ofereceram dinheiro na própria música.<sup>79</sup>

No terceiro ano desfile, em 1964, o Cacique de Ramos voltou a desfilar ao som de “Água na Boca”, só que agora já devidamente gravada e lançada no rádio. Isso aumentou a popularidade do bloco e atraiu novos foliões. Ubirany relembra esse momento:

E tinha aquelas... “Água na Boca”: [canta] “Nesse carnaval eu não quero mais saber, ê, ê,/ de brigar com você.” Foi o carro chefe da gente. E foi uma coisa que aconteceu de nós desfilarmos dois anos seguidos com essa música. Porque, num ano, a música estourou, no carnaval, espontaneamente, sem ter sido gravada nem nada e no ano seguinte, porque nós gravamos e lançamos

---

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.

no rádio, a música estourou no carnaval todo, do Brasil inteiro e nós desfilamos com ela mais uma vez<sup>80</sup>.

Com o sucesso do Cacique atingindo os meios de comunicação de massa, o bloco cresceu a ponto de intimidar o Bafo da Onça, o bloco que o tinha colocado para fora da avenida em 1962. Ubirany assinala que o confronto entre os dois blocos se repetiu em 1964, só que naquele ano foi o Cacique que imprensou o Bafo, dando início a uma rivalidade que marcou a vida de ambos os blocos.

Aí teve o retorno. Dois anos depois o Cacique numa direção e o Bafo na outra direção, aí o negócio ficou feio, porque não dava pra encostar não, que nós já tínhamos um volume de pessoas já imenso. Ta entendendo? Aí foi quando organizaram: Não! Todo mundo no mesmo sentido, que isso aí não vai dar certo.<sup>81</sup>

Com o crescimento do bloco, que começou a atrair multidões a partir de 1964, o grupo inicial precisou se reorganizar. O que havia começado como brincadeira, passava a exigir uma atenção maior por parte deles. Isso se faz notar pela adoção de uma diretoria estruturada como uma “agência”, segundo a definição de Ubirany<sup>82</sup>. Mesmo nos primeiros desfiles, havia um grupo responsável pela organização do bloco, mas a rigor, eles não se destacavam entre os outros integrantes. Tinham uma tarefa a realizar, mas nos desfiles todos eles se integravam, usando as mesmas fantasias de napa. Algumas reuniões eram realizadas na casa da família Félix do Nascimento. Nessas ocasiões, a euforia tomava conta daqueles rapazes, que invadiam a madrugada, atrapalhando o sono dos vizinhos e dos donos da casa. Ubirajara relembra como eram esses encontros na entrevista de 1968, ao MIS:

As nossas reuniões eram feitas na minha residência. Na minha residência e na residência do Aymoré. [...] Os vizinhos ficavam revoltosos, porque a nossa reunião era reunião mesmo, começava oito horas, terminava era duas,

---

<sup>80</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> Idem.

três horas da manhã. Porque minha mãe ainda chegava e dizia: “Meu filho, você tem que descansar, porque amanhã você tem que ir pro colégio”. E aquele negócio nos entusiasmando tanto que eu esquecia dessa responsabilidade, esquecia que a minha mãe tinha que descansar também, meus pais, mas tudo isso teve êxito.<sup>83</sup>

Nesse primeiro momento, os organizadores do bloco formavam um grupo no qual as funções não estavam pré-definidas, sendo distribuídas de acordo com as necessidades do momento. Quando se consolida uma diretoria, as funções são divididas entre os organizadores, o que sugere o surgimento de uma hierarquia, que passa a ser expressa pelos cargos ocupados. Ubirany alude a esse momento de transição, quando seu irmão Ubirajara passa a ocupar a função de presidente do bloco:

Foi logo no início. Foi logo no início e tal, quem é quem, quem tem mais prática numa determinada atividade, quem tem mais prática numa outra atividade, e tal e tal... Aí teve Waldir, foi diretor também da antiga. Alomar também foi diretor durante um longo tempo, Alomar é cunhado do Sereno. Aí teve um momento em que tinha que se escolher uma diretoria. Definitiva, não é? Cada um tinha sua atribuição de acordo com a sua aptidão. Exatamente. Mas depois foi necessário que se fizesse uma diretoria, porque aí também [ o bloco ] já tinha crescido... Mas ficou o Bira... Nem sei qual foi o sistema, se foi votação ou foi aclamação. Não sei. Ficou o Bira como presidente, eu fiquei como vice-presidente, mas um vice-presidente que cuidava das finanças; Arnô: diretor social; Aymoré também: diretor social... Quem mais? Eu me lembro que era uma diretoria formato agência. Não me lembro assim... E a gozação era a seguinte... Quer dizer... Que o Bira era presidente vitalício, que ele é até hoje...<sup>84</sup>

Os outros integrantes do bloco também percebem as hierarquias, no bloco. Os membros da diretoria são naturalmente vistos como pessoas de maior destaque. Sua própria fantasia passa a se diferenciar da dos foliões. Eles deixam de usar a fantasia de napa, para usar uma camisa que os identifica como diretores. Ubirajara destacou essa alteração na entrevista de 2002:

---

<sup>83</sup> Ubirajara Félix do Nascimentoira. Depoimento concedido ao MIS, op. cit.

<sup>84</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

Era de napa. Napa é uma fantasia criada por nós mesmos, e todos tinham que estar com aquela fantasia no início, depois, como foi crescendo a agremiação, a gente foi abrigado a criar uma roupa na qual identificasse numa condição bem melhor, numa postura bem melhor a sua diretoria, que era uma bermuda e uma camiseta.<sup>85</sup>

Essa hierarquização dentro do bloco, em princípio pode sugerir que o grupo teria se afastado do modelo de sociabilização que vínhamos empregando para defini-lo. De acordo com a definição dada por Simmel (1971: 29) a sociabilidade requer uma equivalência entre os atores envolvidos. Segundo o autor, esse grupo deve abolir determinados fatores externos como “riqueza, posição, social, cultura, fama, méritos e capacidades excepcionais” (idem:130). Porém, Simmel constrói seu modelo dentro de uma estrutura formal, é natural que sua aplicação possa se dar sem uma completa observância dos fatores apontados. Ele afirma que a sociabilidade é um fenômeno que pode ser verificado, principalmente, na arte, no jogo, no lazer e na recreação. É difícil excluirmos desses grupos a hierarquização, pois ela surge de acordo com a própria dinâmica do grupo, que, como o autor reconhece, dá grande ênfase ao “desempenho”, aos “aspectos estilísticos” e a “boa-forma” (idem: 129). É comum que eventuais “fatores externos” sejam acionados nessa disputa interna. No caso do Cacique de Ramos podemos perceber a influência da família Félix do Nascimento agindo como um desses fatores. Na disputa pela presidência do bloco, podemos notar que Ubirajara teve o decisivo apoio familiar, inclusive com a presença de seus irmãos, que também integravam aquela primeira diretoria, além de uma série de fatores que se expressavam no seu desempenho como figura de destaque entre os colegas do bairro.

#### **4.3. O Nome do Bloco.**

---

<sup>85</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.



Walter Tesourinha lembra da herança que o seu Cacique Boa Boca legou ao nome Cacique de Ramos. Ele valoriza a figura de sua mãe, que era contrária ao uso do nome Boa-boca, por causa de seu caráter pejorativo:

Aí, daí, foi, foi, foi... Eu nem pensava do bloco se tornar a ser um vulto, aquele vulto que teve. Nessa época eu morava em Olaria, aí me mudei pra Ramos, aí minha mãe falou assim: “Meu filho... Cacique Boa Boca fica meio chato, assim, aí a rapaziada... vai pegar mal, que *boa boca* é que faz tudo...” Aí falei com dois ou três, quatro falaram: “É Walter, vamos mudar? Porque, Walter, é o seguinte: Nós não estamos agora aqui? – Porque eu fui pra Ramos - Então por quê que não bota Cacique de Ramos? Nós estamos aqui, então vamos botar Cacique de Ramos.” Aí eu disse: “Então tá”. Aí virou Cacique de Ramos.<sup>86</sup>

Já nos depoimentos dos irmãos Félix do Nascimento, vemos ressaltada a presença de nomes indígenas de sua família como um dos fatores que influenciou a adoção do nome Cacique de Ramos. No depoimento ao MIS, de 1968, Ubirajara faz essa associação:

É Cacique de Ramos. Essa é a realidade... A minha mãe é espírita, e deu nome, a mim e aos meus irmãos, que somos três, Ubirajara, o do meio: Ubiracy, e o mais novo: Ubirany. Tudo indígena. E o meu amigo Aymoré, que também foi um dos fundadores do Cacique, a família dele também, através do pai, também espírita... Então, como nós éramos assim... muito ligados um ao outro, nós procuramos, através do nosso nome, dar, tirar o nome da tribo do Cacique. Porque, fora a parte: Eu, meus irmãos, Aymoré, existia muitas pequenas com o nome indígena também, uma coincidência tremenda, uma coisa incrível. E com isso então denominamos a nossa agremiação como Cacique de Ramos.<sup>87</sup>

A mesma informação foi apresentada por Bira Presidente, na entrevista que fizemos em 2002, desta vez, acrescentando uma preocupação política com os índios brasileiros que não figurava no discurso anterior. É interessante notarmos que o índio do Cacique guarda poucas semelhanças com os índios brasileiros. Nas

---

<sup>86</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

<sup>87</sup> Ubirajara Félix do Nascimentoira. Depoimento concedido ao MIS, op. cit.

fantasias, nos desenhos e no nome das alas (Siox, Apaches e Comanches) predominam referências aos índios norte-americanos.

Eu acho que principalmente pelo lado espiritual, não só pelo lado espiritual, como na identificação, em termo de nomes. Na minha família somos três homens e uma mulher, eu sou o mais velho, meu nome é Ubirajara, o meu irmão do meio é Ubiracy e tem o Ubirany. Tenho parente da parte de primos: Jaciara, Jussara. Entendeu? Ubiratan, sobrinho. Entendeu? E o Aymoré também é um nome indígena, ele também foi um dos fundadores. Isso tudo concorreu muito. E já o Walter, o Walter Tesourinha, o problema já era a irmã dele, que era espírita também, que era a Chiquita, que foi uma das grandes compositoras, uma das primeiras compositoras do Cacique de Ramos. Então, essa identificação toda. Entendeu? E a gente sempre achando que o índio, o índio brasileiro, sempre foi muito explorado e precisava que alguém levantasse uma bandeira, e nós levantamos essa bandeira em função dos índios brasileiros.<sup>88</sup>

Ubirany conta a mesma história, mas em seu depoimento afirma que primeiro surgiu a fantasia, obra da Betina, a irmã de Walter Tesourinha. Essa fantasia lembrava claramente o índio, que junto com os nomes indígenas inspirados na orientação espiritual das famílias dos integrantes sustentou o nome de Cacique para o bloco que se formava:

A fantasia, quem costurava era a Betina, irmã do Walter, do Sereno, que hoje em dia é do grupo Fundo de Quintal. Aí a Betina bolou uma fantasia. Era tipo um saiote, estilizado, assim como de índio. E um corpetezinho, com uns negócios... Umas listras assim, umas coisas pendentes... Quer dizer, dava toda a idéia de um... Uma peninha aqui... Aquele negocinho com uma peninha na cabeça. Então dava toda a característica de alguma coisa de índio. Aí veio a idéia: Pô! Nesse bloco tem Ubirajara, Ubiracy, Aymoré, Ubirany, tinha uma turma de nome de indígena... Aí fomos: Por que não Os Cacicques? Agüenta aí, Os Cacique não! Cacique de Ramos... Aí foi quando surgiu o nome Cacique de Ramos. Entendeu? Todo mundo com nome indígena e a primeira roupa do primeiro ano foi assim... E no primeiro ano tinha o seguinte... Não teve aquele negócio de bateria... lá [vocalizando o som da bateria]: ta quiti catã cari catá cará catã... Não... Não... Nós saímos com uma banda. Tinha um surdo lá, bumbão não é? E banda [imitando instrumento de sopro]: Tam tam... Aquelas músicas de carnaval... [Ri] Maior

---

<sup>88</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.

barato. A gente saiu pelas ruas do bairro de Ramos. Daí, no ano seguinte já botou mais alguma coisa de bateria, mas ainda era banda. Aí pronto... Aí começou aquele negócio da bateria organizar, já uma coisa mais trabalhada. E assim foi vindo o Cacique de Ramos que foi uma ascensão em termos de número assim astronômica. Nós começamos com umas cento e cinquenta pessoas, daqui a pouco quinhentas, pulou prá quase duas mil e foi embora... Chegou um ponto que a gente botou quase dez mil pessoas na avenida. Brincadeira, não é?<sup>89</sup>

Podemos notar que tanto a versão de Walter Tesourinha como a dos Irmãos Félix do Nascimento não são necessariamente excludentes. Nesse depoimento de Ubirany vemos como a influência da família Oliveira foi fundamental na origem do nome Cacique. Mas também, a profusão de nomes indígenas contribuiu para a aceitação da maior parte do grupo, em relação ao nome, pois havia uma identificação mútua. Curioso é que apesar da família Oliveira também possuir uma orientação Umbandista, nela não vemos a presença de nomes indígenas. A contribuição, nesse caso, viria do próprio nome do bloco que era organizado por Walter Tesourinha. É importante lembrar que uma empreitada como essa, que necessita da união das partes envolvidas de forma espontânea, não permite que interesses individuais sobrepujem os interesses coletivos, ressaltamos aqui o caráter de *sociabilidade* presente na formação do bloco carnavalesco. Foi essa união de interesses que tornou possível àqueles jovens colocarem seu bloco na rua. Mesmo assim, vemos que cada uma das partes envolvidas mantém o sentido que mais se aproxima da sua experiência pessoal. Conjugam-se, nesse ponto, a pluralidade e o consenso, que marca a experiência do bloco carnavalesco e que possibilita o seu desenvolvimento, por garantir a sobrevivência da experiência individual no interior de uma realização coletiva.

---

<sup>89</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

#### 4.4. As Cores do bloco.

Walter Tesourinha conta que o seu bloco, Cacique Boa-boca, desfilava com a combinação vermelha e branca por influência de sua mãe, dona Elza Soares, que tinha um carinho especial pela Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, cujas cores são exatamente o vermelho e o branco:

Agora, no Cacique Boa-boca é que era vermelho e branco. Cacique Boa-boca, que era vermelho e branco, porque a minha mãe adorava essa cor, que era salgueirense. Que tudo foi feito sempre através da minha mãe. Tanto é, que a primeira madrinha do Cacique de Ramos foi a minha mãe.<sup>90</sup>

Mas ele teve dificuldades para explicar o surgimento da cor preta na fantasia. De fato, para quem observa as fantasias de napa do bloco, principalmente as mais antigas, mas também as atuais, nota uma predominância do preto e do branco. Mesmo nas fotos dos desfiles, quando o Cacique reunia multidões, a impressão que se tem é de um mar de gente vestindo preto e branco. Walter Tesourinha interpreta o uso das cores do Cacique da seguinte forma:

Aí, bom, entrou. É porque o Cacique é mais preto, não é? É mais preto e branco, a cor. Mas tanto é, que ficou mais branco do que preto, porque a napa é branca. A pena é que era preta, vermelha, que é pra fazer aquela... Nas penas é que era colorido. Entrou preto, entrou vermelho, nas penas! Porque na roupa era branca. A napa é branca, você sabe disso. Então... Só aqui é que tinha o cocar, é que tinha variedade, podia sair de... A gente não botava: “Ó, a pena é individual”. Preta. O pessoal botava mais a vermelha, que é para sobressair. Quer dizer, muita vermelha, muita preta, muita coisa, mas a vermelha sobressaía mais. Que o bloco, você olhava assim, era um troço de louco, mais de cinco mil pessoas, tomava a Presidente Vargas quase até o Teatro Municipal. A Avenida toda. Brincadeira.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

<sup>91</sup> Idem.

Bira Presidente, quando perguntado sobre as cores do bloco, também citou a influência de sua mãe. Ele afirma que foi uma orientação de Dona Conceição, baseada em seus conhecimentos religiosos, porém não conseguiu entrar em detalhes e explicar o porquê dessas cores lhe serem favoráveis. Na sua explicação a presença do vermelho está minimizada diante do preto e do branco, como de fato acontece quando olhamos as fantasias do bloco ou as pinturas na quadra.

Olha... Prá falar em termos de santo eu não sei explicar. Eu sei que disseram que eu continuasse com essas cores pelo lado espiritual... Eu mantenho... Tanto é que sobressai mais a preta e o branco, que são cores bem natural não é? E o vermelho é mais fundo não é? É mais fundo.<sup>92</sup>

Quando perguntamos a Conceiçãozinha sobre a afirmação de seu irmão, pedindo para ela explicar essa relação do preto e do branco com a orientação espiritual de sua mãe, ela nos revelou que provavelmente estas seriam as cores de um caboclo\* que Dona Conceição carregava e que agora estava sob os cuidados da filha, o Caboclo Sete Montanhas. Ela diz não ter um conhecimento preciso sobre essa relação, alegando que quando o Cacique de Ramos foi fundado ela era recém nascida, mas confirma, que se o seu irmão diz ter sido orientação da mãe deles o uso do preto e do branco como cores do bloco, isso muito provavelmente estaria ligado a essa entidade espiritual com a qual Dona Conceição tinha um vínculo permanente:

É, porque é devido também, até por causa do caboclo que ela carregava, que hoje em dia quem carrega esse caboclo sou eu.[...] É o Caboclo Sete Montanhas [...] Tem a ver com preto e branco. [as cores] São preto... Ele puxa muito pras cores preto e banco. Entendeu? A borduna que ele carrega na mão é preta, porque a parte da lança é branca. Entendeu? Então, de repente, tem a ver... Não sei dessa parte, por quê, não é? Creio que seja por causa, também, tudo da lança... Que ela carregava na lança.<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.

<sup>93</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

Conceiçãozinha também nos revela que a cor vermelha teria sido introduzida posteriormente, a partir de um acordo de patrocínio feito com uma revendedora de eletrodomésticos. Bira Presidente não falou sobre esse acordo, apesar de, no seu depoimento, minimizar o valor do vermelho entre as cores do Cacique de Ramos. Como ele mesmo disse, as cores “naturais” do bloco são o preto e o branco. Porém, sendo presidente do bloco, ele deve ter participado das negociações para esse acordo, que, segundo a sua irmã, teria acontecido no início da década de 1970.

Conceiçãozinha revela como se deu essa intromissão da cor vermelha, que ela chega dizer ser uma cor “horrível”, que descaracteriza o bloco:

Não, porque o Cacique era preto e branco. Ele passou a botar o vermelho, depois, quando ele foi... Andou uma época sendo patrocinado pelo Ponto Frio, aí botou o vermelho, mas o Cacique era preto e branco [...] Não foi por nada não. Foi por causa do Ponto Frio [...] Esse vermelho aí, eu me lembro muito bem, foi na época do Ponto Frio. Porque o Ponto Frio ia patrocinar, essas coisas: “Ah... Vamos botar um vermelhinho”, aí botaram o vermelhinho e aí ficou esse vermelho horroroso aí [...] Eu lembro. Eu era solteira. Setenta e quatro, setenta e três, por aí.<sup>94</sup>

Podemos verificar que, na entrevista concedida ao MIS, em 1968, o vermelho não era mencionado como uma das cores do bloco, nem pelo presidente Ubirajara, nem pela entrevistadora que lhe perguntou sobre a origem das cores do bloco, ela citou somente o preto e o branco. A resposta, porém, tenta dissimular o significado religioso da orientação materna, evitando-se maiores esclarecimentos. Ubirajara responde com uma informação que, a princípio, não parece ter sentido:

**Sebastiana Arruda:** E a cor? Porque nasceu preto e branco?

**Ubirajara:** O preto e branco porque a maioria dos Caciques era tudo escurinho. [risos]<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Ubirajara Félix do Nascimentoira. Depoimento concedido ao MIS, op. cit.

Como vemos, as cores têm um significado especial para as pessoas envolvidas na sua escolha. É interessante perceber que tanto Bira Presidente como Walter Tesourinha atribuem essa escolha de cores à influência materna. Por outro lado, o fato delas terem se alterado com o tempo, indica que o bloco tem uma existência própria, de caráter coletivo, e que mesmo as pessoas de maior influência dentro dele, não possuem o controle total sobre os rumos que ele toma. Existe um espaço para a diversidade. Mesmo assim permanecem as visões pessoais, num processo de atribuição de significados do qual participam desde os fundadores do bloco até seus mais novos integrantes. Esse movimento reflete as influências da sociedade que o circundam, ao qual o bloco está sujeito e lhe é permeável.

#### **4.5. A Organização do bloco e a participação feminina.**

Na percepção dos irmãos Félix do Nascimento, a aventura bem sucedida que foi a criação e a implementação do bloco Carnavalesco Cacique de Ramos teve origem nas alas de tamancos<sup>96</sup> organizadas por eles junto com os amigos. O nome pelo qual suas alas eram conhecidas variava de acordo com a fantasia que estivesse sendo usada naquele ano. Ubirany conta sobre uma fase na qual eles ficaram conhecidos como “Os Homens das Cavernas”, antes de formarem o Cacique de Ramos:

É, era um grupo... Éramos um grupo de rapazes que curtiam o ano, indo no baile e tal, festas e tal, nos reuníamos prá tudo isso. Então nós saíamos durante os dias de carnaval com uma roupa única, todo mundo com uma roupa igual. Uma característica era o tamanco, que a gente fazia ritmo ali no tamanco, nos blocos que a gente se infiltrava lá pelo centro da cidade, pelo subúrbio e tal. Aí chegamos até a ter um nome... No ano em que nós saímos com um short estampado, uma camiseta assim tipo Lotar, só com um lado. Toda assim... Tipo pele de onça e tal. Nós até chegamos a dar um nome

---

<sup>96</sup> Assim chamadas porque seus participantes saíam sempre de tamancos, com os quais faziam barulho, arrastando ou batendo com eles no chão.

nesse momento: Homens da Caverna... Os Homens da Caverna e tal, sempre com aquele tamanco. A gente se reunia, fazia uma vaquinha, comprava um barril de chope, deixava num determinado lugar no centro da cidade e nós tínhamos o nosso chopinho ali naquele lugar ali. Normalmente era o quarto de um amigo que morava lá... Como é que era o nome dele? Luis, mecânico. A gente ia lá, tomava um chopinho, descia, e nós estávamos sempre com o nosso copinho cheio, curtindo aquilo que acontecia ali no centro da cidade. Então, assim nós fizemos, durante vários anos, sempre essa turminha saindo junta, até que já estava uma turma grande. Era um início de doze, daqui a pouco vinte e tantas, estava com quarenta e tantas...<sup>97</sup>

Essa ala era composta somente de homens, que se reuniam para brincar o Carnaval. Mas as namoradas e amigas daquele grupo não estavam satisfeitas com essa confraria masculina e fizeram pressão para que eles abrissem espaço também para elas. Assim, Ubirany continua a sua narrativa, que desemboca na criação do Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos:

Aí, chegou o momento em que as namoradas, as esposas, noiva, lá o que fosse, companheira... Começaram a reclamar, entendeu? Já estava demais. No momento atual, diriam que estava parecendo o *clube do Bolinha*... Reclamaram nesse sentido: Pô! Só homem? Não sei o que, não sei o que lá... Aí, que as mulheres, tanto reclamaram que... Já tinha, nessa época, uma aproximação feita com outros grupos de rapazes. Que era muito comum, turma. Mas era naquele tempo, porque hoje não, hoje é gangue, um briga com outro, aquelas coisas... Naquele tempo não, eram turmas que se entrosavam, que se davam, era outro clima... Então tinha uma turma do Aymoré, Aymoré do Espírito Santo, parceirão da gente. Tinha uma turma do Walter, Walter Tesourinha, uma turma legal, doze... Aí nós decidimos juntar essa turma, decidimos juntar todo mundo. E as mulheres reclamavam, dizia que só tinha homem: Por quê só homem? Por que só homem? Foi aí que surgiu o Cacique.<sup>98</sup>

Seu irmão, Ubirajara, também conta a mesma história. No depoimento dado ao MIS, em 1968 ele dizia:

---

<sup>97</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>98</sup> Idem.



Então começamos a fazer aquele bloquinho de tamanco. Saía pela cidade, tomando chopinho e sempre procurando... Procurando então o que eles faziam... E com esse tom a coisa foi tomando um efeito que sinceramente eu não esperava. Não sei se foi devido à organização, ao entusiasmo da rapaziada, então as meninas do bairro começaram a me solicitar que deixasse elas participarem da coisa, porque elas achavam a rapaziada construtiva e que elas também queriam... Como nós saíamos de tamanco, com uma bermudazinha, um blusãozinho – aquilo tudo idealizado por nós – e aquilo foi me dando inspiração pra que eu realmente procurasse organizar um bloco carnavalesco, com bateria, com esse ritmo fabuloso.<sup>99</sup>

Bira Presidente repetiu a mesma história na entrevista que fizemos em 2002:

Eu tive um grupo, que era o grupo dos homens da caverna. Nesse Homens da Caverna também participou a família do Aymoré, mas era só homens, entendeu? Era a parte de homens dessas famílias, que tinha a parte do Aymoré e tinha a parte do Walter, daí então, dos homens das cavernas que surgiu o Cacique, essa agremiação na qual teve a participação feminina.<sup>100</sup>

Mas, apesar de abrirem espaço para as mulheres, essa participação passava por delimitações próprias, que definiam os espaços entre os gêneros. Não encontramos uma fórmula única que estabeleça o lugar de todas as mulheres do bloco; cada indivíduo ocupou o seu lugar segundo uma história particular. Podemos, porém, encontrar um padrão geral que é essa “delimitação de fronteiras”. Como vimos, no caso das mulheres da família Félix do Nascimento elas sempre estiveram afastadas do bloco, ou pelo menos do seu lado carnavalesco e sambista, fixando-se no espaço religioso, de grande influência, mas ainda assim bem delimitado. Já outras mulheres conquistaram um certo espaço dentro do bloco, como a irmã de Walter, Chiquita. Por ser uma grande compositora, ela conseguiu se fixar num espaço que era geralmente reservado aos homens, a ala dos compositores. Ubirany recorda que ela era a responsável pela continuidade do lado espiritual da família Oliveira, que originalmente tinha na figura paterna o pai-de-santo da família, mais tarde ela ocuparia

---

<sup>99</sup> Ubirajara Félix do Nascimentoira. Depoimento concedido ao MIS, op. cit.

<sup>100</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.

esse lugar, tornando-se mãe-de-santo e chefe do terreiro comandado por seu pai quando era vivo:

Quem tinha o lance espiritual na família do Walter e do Sereno, era a Chiquita. Chiquita era uma das pessoas... de... pôcha... Faz parte da história do Cacique de Ramos. Faz parte da História do Fundo de Quintal. Grande compositora. As primeiras músicas que o Cacique desfilou eram músicas da Chiquita. Então, a Chiquita era aquela pessoa, também, muito carismática. Já falecida também. Então você vê, que quem tinha o terreiro, quem cuidava da parte espiritual, da família - mais assim: sério - do Walter era a Chiquita.<sup>101</sup>

Apesar de ser uma figura importante dentro do bloco ela não participava ativamente de sua organização. Conceiçãozinha conta que ela não freqüentava as reuniões da diretoria que eram realizadas na varanda da sua casa e reforça o fato delas não terem acesso ao que se passava entre os homens:

Não sei direito. Mas a Chiquita só ia mesmo era na parte que tinha pagode, essas coisas, dizer: “Ela fazia parte do Cacique” era como se assim... Fazia parte, mas não no papel. Sabe? Só consideração, aquilo tudo e tal. [...] Na diretoria não. Era só homem. Mas pessoa nas mesmas condições dela tinha. Tinha mais pessoas. Tinha outras delas lá, eu não sei quem era, sabe porquê? Porque a gente não tinha muito acesso, nem eu nem as minhas primas, a gente não tinha muito acesso. A gente não ia nem no ensaio do Cacique. A gente só ia à escolha da rainha. Aí a mamãe falava: “Ah! As garotas querem ir...”, aí o Bira: “Ah... Então tá...”. Mas dizer que éramos freqüentadoras assíduas, de jeito nenhum. Tch, tch, tch, tch, tch... De jeito nenhum. Não estou te dizendo que eu saí no Cacique com quatorze anos? Por aí você tira. Aí depois... A pressão era terrível naquela época.<sup>102</sup>

Mas havia uma outra expectativa quanto ao lugar das mulheres dentro do bloco. Ubirajara afirma serem elas as razões do sucesso do Cacique, mas não pela sua participação ativa, muito menos na organização do bloco. Essa exposição feminina fazia parte das

---

<sup>101</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

<sup>102</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/ 01/ 2003.

preocupações dos membros do bloco, como vimos no depoimento do compositor Mendes, que considerava as mulheres como as principais divulgadoras de um samba. Um dos interesses dos organizadores era fazer com que uma quantidade maior de mulheres participasse, por que isso chamava a atenção para o bloco, atraindo mais foliões. Mas para isso, eles tinham que se preocupar com a segurança e cuidado dessas moças, condição imposta pelas famílias que prezavam pela honra de suas filhas. Walter Tesourinha lembra como, nos tempos do Cacique Boa-boca, ele devia ir à casa das meninas para falar com seus familiares para que eles dessem autorização para elas desfilarem. Ele ressalta a importância que isso tinha para o crescimento do bloco:

Naquela época nós íamos nas casas das famílias e tal... As mães deixavam as filhas com a gente. Mas era perigoso. Quer dizer: Perigoso?! Nessa época, você sabe, garotinha a gente não pode... A diretoria conforme quer hoje, não pode ficar tomando conta, porque elas querem namorar e tudo... Mas na época, até que nós podíamos olhar assim e tal... Que elas também enchiam o bloco, não é? E no bloco tinham muitos rapazes, membros da família também.<sup>103</sup>

Na entrevista concedida ao MIS, o presidente Ubirajara Félix do Nascimento reforça a importância da presença feminina no bloco Cacique de Ramos. Ele fala sobre as festas sociais que eram feitas durante o ano, para angariar fundos e atrair mais componentes para o bloco. Essas festas conquistavam a simpatia de muitas mulheres, que naquela época desfilavam em número superior ao de homens, e que mais uma vez são apontadas como motivo de sucesso para o bloco. Ubirajara responde a uma pergunta do entrevistador Ricardo Cravo Albim sobre a organização do bloco durante o ano, no período após o desfile de 1962 e o do carnaval seguinte, de 1963, aludindo a essa presença feminina:

Eu vou explicar ao senhor: O Cacique de Ramos fugiu um pouco do só... Fator carnaval. Nós fizemos o convívio social durante o ano, agregando moças... Porque o que chama mais atenção no Cacique, principalmente no início, era o número de moças, superior ao de rapazes. Moças bonitas... E por isso então [...] Com isso, então, nós procuramos fazer a coisa mais social, fugindo um pouco ao carnaval, para congregar muito mais moças

---

<sup>103</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

ainda, porque é onde a rapaziada procura chegar também... Você está me entendendo? Resumindo: O que sucedeu foi o seguinte: O Cacique, no ano de sessenta e três, como o Senhor me fez a pergunta, aumentou para mil e seiscentas pessoas, tendo mais moças do que rapazes.<sup>104</sup>

No Cacique de Ramos, um bloco que cresceu até proporções inesperadas, a solução encontrada pelos organizadores para garantir a “segurança” das moças e “controlar o ímpeto” dos outros rapazes foi separar os sexos durante os desfiles. Assim, as mulheres vinham todas juntas na frente do bloco, enquanto que os rapazes ficavam reunidos atrás da bateria, fazendo a segurança dos instrumentistas e das suas colegas, amigas, namoradas, mães, filhas, irmãs e primas. Walter Tesourinha expõe claramente os motivos dessa organização:

Dividia que é para não estar agarrando um ao outro. Para não estar beijando um ao outro, entendeu? Que é para brincar à vontade no desfile. Agora, depois não! Terminava, cada um vai apanhar a sua mulher lá. Agora, para evitar esse problema de ir com a mão dada... Deixava brincar à vontade... E o homem brinca à vontade.<sup>105</sup>

Ubirany assinala o fato de que essa formação era uma exclusividade do Cacique de Ramos, não se encontrava em nenhum outro bloco da cidade. Era uma formação que acompanhava o bloco desde seu primeiro ano e que, apesar do trabalho que dava para organizá-la, eles nunca a abandonaram. No entanto, ela não existe mais e Ubirany não sabe dizer quando foi que se encerrou essa forma de desfile. Ele também não arrisca uma explicação para essa organização, mas conta como a opinião das mulheres estava dividida entre aprová-la e reprová-la.

Sei lá, meu chapa. É... A turma ainda era muito séria, tinha uns negócios, muito nosso mesmo e nós não abrimos mão disso. Mas dava muito trabalho isso. Dava muito trabalho... Era um tal de ter que ir lá tirar: “Ô rapaz o que é que você está fazendo aqui? Aqui é só mulher!” Toda hora... Olha, isso dava

---

<sup>104</sup> Ubirajara Félix do Nascimentoira. Depoimento concedido ao MIS, op. cit.

<sup>105</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

muito trabalho... Dava muito trabalho. “Quando parar, rapaz, você encosta, dá o teu papo aí... Mas agora não!” Era muito trabalho. [...] Isso era coisa do Cacique mesmo. [...] Se perguntar: “Por que isso?” Eu não vou saber te explicar não. Eu sei era assim e era um trabalho muito grande que a diretoria, a comissão, que a gente pegava vários amigos pra ajudarem, não é? Então dava uma roupa de comissão pra eles. Era o maior orgulho, aquela camisa escrita comissão atrás, pra eles todos. A guerra... Se bobeasse fazia um bloco só de comissão, que todo mundo queria ser da comissão do Cacique de Ramos. Aí dava um pouco de trabalho, e eles caíam dentro. Um dos maiores trabalhos da gente era manter essa formação.[...] Umas gostavam, outras não [as meninas do bloco]. Tinha uma corrente a favor e outra corrente contrária. Porque, também, quando parava era só confraternização. Era um lance gostoso. Diferente, não é? Diferente. Acima de tudo, diferente. Mas dava muito trabalho.<sup>106</sup>

Conceiçãozinha também não arrisca uma explicação tão enfática sobre esse fato, como a de Walter Tesourinha, mas aponta para o fato do Cacique ser um bloco familiar. Seria justamente por manter homens e mulheres separados que ele garantia a manutenção dessa sua condição, permitindo a presença de moças que de outra maneira não teriam permissão para participar de seus desfiles. Ela alude ainda à diferença entre o Cacique e os outros blocos que não praticavam essa formação, apontando para o clima de violência eminente, que imperava nos demais, enquanto no bloco de Ramos as pessoas se sentiam mais seguras.

Eu acho, que mais, porque o Cacique era um bloco familiar. Devido a ele ser um bloco familiar, não tinha como, porque tinha famílias que tinham, que dizer, conforme nós fomos criados, tinham restrições a certos tipos de coisas, então, nunca iriam admitir que muitas moças que freqüentavam, que ela fossem sair no mesmo bloco misturado com homem. Entendeu? Não tinha como. Você vê, o Cacique, porque que ele teve tanta projeção nessa parte? Porque era um bloco super familiar. No Boêmios de Irajá não era assim, Bafo da Onça nem pensar, entendeu? Você entrava dentro do Bafo, eu me lembro... Você entrava dentro do Bafo, passava pelo Bafo da Onça, aquilo dava medo, aquelas pessoas mal-encaradas, você via que ali não tinha coisa que prestasse. O Cacique conquistou esse lado porque ele tinha que ser um bloco familiar, entendeu? Tinha a parte exclusiva, aonde os homens não chegavam. Não tinha como, quando acontecia de passar um pra ali, o Bira já vinha e pegava, ou o pessoal da comissão e botava lá atrás de novo.

---

<sup>106</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

Entendeu? E aqueles índios... Que eram uns índios mesmo. Ficavam lá no fundo. Não tinha como. Poxa! Ir lá, como é que se diz, abusar, falar alguma gracinha pra... Porque tinha muito desse índio lá... Saía as crianças, todo mundo da família, começou a sair, então... Se antes disso já não podia haver esse tipo de coisa, depois então o negócio ficou mais rígido ainda. Aí todo ano nós passamos a sair no Cacique. Eu, minhas cunhadas, elas não saíam, as minha cunhadas, as esposas deles não saíam, passaram a sair depois. [...] Deixava não. Lorimar só veio sair no Cacique... Eu não saía, mas elas já saíam, Lorimar já saía, a Lolita já saía, entendeu? Aí depois é que passou a sair a família toda. [...] Era só o Cacique que era assim. Os outros blocos era tudo misturado. Tinha as alas, não é? Mas eram misturadas as alas, tinha homem, mulher, tudo junto, entendeu? E o Cacique não era. Sempre você vê os filmes antigos, não sei, documentário, você vê: desfilando a mãe carregando o filho. Entendeu? Nos outros blocos dificilmente você via isso, era muito raro. O Cacique era um bloco familiar. Aí todo mundo tinha acesso. Ali, Ramos inteiro saía. Ramos, Penha, Olaria, você não tem noção, tinha gente que vinha do Rio de Janeiro todo pra sair no Cacique. Cacique tinha ano que saía com dez mil pessoas. Você acredita nisso? Dez mil, era demais, era muita gente, devido a esse lance também, eu acho que isso pesou muito, entendeu? Naquela época dava muito valor a essas coisas, mas hoje em dia não, está tudo esculhambado mesmo.<sup>107</sup>

Como afirma Conceiçãozinha, o Cacique de Ramos possuía uma condição de “bloco familiar”. Essa definição remete à garantia de padrões morais próprios do ambiente familiar da época, que encontrariam sua continuidade dentro do bloco. Como disse a mãe-de-santo (em trecho já citado), o Carnaval é uma época perigosa, porque, na imagem oferecida pela concepção umbandista, é um período em que “os santos se recolhem”. Esse perigo pode ser interpretado como uma ameaça à integridade física daqueles que se dispõem a sair à rua durante essa época, mas também está relacionado como uma ameaça aos padrões morais. Segundo Roberto da Matta (1983: 91) uma das características do carnaval é justamente a inversão de valores, principalmente morais. Mas essa ameaça não recai igualmente sobre homens e mulheres. Como vimos, os rapazes tinham liberdade para brincar nesse período, enquanto as moças precisavam de uma autorização dos pais e da garantia de que seriam protegidas por parentes ou amigos de confiança.

---

<sup>107</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

Ao estudar a instituição familiar no mundo mediterrâneo, o antropólogo Pitt-Rivers (1971) percebe que a moral se articula entre duas esferas de atuação. De um modo mais geral, ela representa uma série de qualidades que são compartilhadas por todos. Mas sua atuação também ocupa uma segunda esfera, onde a sua definição é contextual e dependente da posição ocupada pelo indivíduo, num determinado sistema de relações: “Isso é particularmente evidente ao considerarem-se os dois sexos. A honra de um homem e de uma mulher acarretam modos de conduta diferentes” (Pitt-Rivers, 1971: 31). O autor percebe que, apesar das relações entre os sexos, na cultura mediterrânea, serem aparentemente definidos por uma supremacia masculina, o complexo simbólico da honra reside na figura feminina. Podemos encontrar essa mesma distinção moral entre os membros do Cacique de Ramos, que conseguiram organizar um bloco onde o ímpeto masculino convivesse lado a lado com a preocupação de se preservar a moral feminina. Essa confluência de interesses foi um dos motivos que permitiu à Conceiçãozinha definir o bloco como uma instituição familiar.

#### **4.6. A Tamarineira da Quadra e a Religiosidade no Cacique de Ramos.**

Foi no início da década de 1970 que o Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos conquistou aquela que seria a sua sede mais duradoura. Ubirany nos conta como ele e algumas outras pessoas procuraram terrenos públicos que pudessem ser utilizados, encontrando um na Rua Uranos, 1326. Através de contatos políticos conseguiram permissão para ocupar o terreno, onde o bloco se instalou e onde permanece até hoje.

Nós saímos lá da Tenente Pimentel, primeira sede lá em Olaria. Aí teve aqueles problemas todinhos, estávamos perdendo a sede. Aí viemos pra rua Uranos. Porque nós descobrimos esse terreno, eu e Wilton Viana - era funcionário público, diretor do Cacique de Ramos, gente muito boa. Nós andamos vasculhando... Aí vasculhamos não sei o quê de patrimônio, era na

rua Santa Luzia. Aí descobrimos que esse terreno lá em Olaria, na rua Uranos, estava ali e tal, com alguns problemas... Aí nós apresentamos... Descobrimos aquilo e nós corremos atrás. Bira, bem relacionado lá no palácio Guanabara... Com as pessoas e tal. Aí nós corremos atrás disso tudo, e conseguimos... A gente saindo já da Tenente Pimentel, faltando trinta dias pro carnaval, conseguimos uma autorização pra entrar nesse terreno, que nós estamos até hoje, na rua Uranos, mil trezentos e vinte e seis.

Sei que naquela época teve muita interferência do Miro Teixeira. Uma... quem era? Vereadora? Deputada federal? Rosa Maria, que morava na Ilha. Tô lembrando os nomes... As pessoas que nós mais contávamos nesse momento que a gente deixou de lado... Jorge Leite! Que o nosso salão... Festa de abertura e tal... Tinha o nome dele: Jorge Cordeiro de Leite. Mas na hora... Quando o bicho pegou, nós contamos com outras pessoas. Autorizaram a nossa entrada, em dois dias eles derrubaram tudo que tinha que derrubar de árvore ali, em torno daquela casa antiga, não é? Derrubaram e meteram asfalto, só isso, asfalto, e o asfalto tá lá até hoje. Onde foi feita aquela quadra da peladinha da gente, entendeu? Então, foi assim que nós entramos pra ali. Estamos até hoje lá.<sup>108</sup>

Ubirajara lembra a mesma história, mas acrescenta que as tamarineiras que ali ficaram foram consagradas religiosamente por sua mãe, Dona Conceição. Ele acredita que o poder que emana daquelas árvores seja o segredo do sucesso do Cacique e de todos aqueles que dele se aproximam.

Bom... Essa tamarineira já existia, aquelas tamarineiras, aquelas mangueiras ali são coisas de muito antigas. E quando nós saímos da Tenente Pimentel, que era tipo de um shopping, e tinha um salão muito grande no qual nós adquirimos prá poder fazer nossos ensaios. É... Nós fomos prá esse terreno na Rua Uranos, 1326, em Olaria. E esse terreno tinha essas tamarineiras e tinha a mangueira. Então, o que é que aconteceu? A minha mãe, por uma determinação, através da minha falecida avó Menininha, implantaram numa das tamarineiras, é... Algo espiritual. Tipo assim, dum assentamento, um axé. Entendeu? Que eu não sei nem explicar, e que dizia o seguinte, quando foi implantado esse axé ali dentro:

Que tudo aquilo que entrasse ali, no bom sentido, tudo aquilo que entrasse ali querendo bem a mim, que teria resultado satisfatório na vida dessas pessoas, principalmente pelo lado artístico. O exemplo está aí: O Cacique de Ramos é o único bloco que conseguiu, superando uma série de situações difíceis, conseguiu 41 anos sair no carnaval sem nunca deixar de sair, e se consagrar. O Fundo de Quintal, artisticamente, é um grupo artístico, que

---

<sup>108</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.



com as maiores dificuldades, que sempre houve contra o samba, que se tornou, modéstia à parte, uma referência prá todos os artistas/ sambistas das novas gerações. É uma identificação. Prá eles nós somos um símbolo de referência em tudo que eles fazem”<sup>109</sup>.

Ubirany ressalta a beleza das tamarineiras e a importância que elas adquiriram para a gente do samba, servindo-lhes de inspiração para diversas composições. Ele lembra de uma em especial, que na sua opinião seria a que melhor expressa esse sentimento. Ubirany ainda confirma a consagração feita por sua mãe, acrescentando a informação de que ela teria deixado lá uma estátua de São Sebastião. Ele liga São Sebastião, que é o santo padroeiro do bloco, à sua significação para a Umbanda, onde a figura do santo representa Oxossi, um caboclo do mato também representado pelo índio.

As tamarineiras tinham que ficar. Era a beleza. Até hoje é a beleza da quadra. E acabou sendo o ponto... Sei lá... Especial. Acabou sendo a essência da poesia. Tantos compositores já falaram daquela tamarineira. Agora, compondo, fazendo letras, melodias e tal... Agora, eu acho, na minha opinião, ninguém foi mais feliz do que Luis Carlos da Vila para cantar as tamarineiras. Não sei se você conhece a música *doce refúgio*: [canta:] “Sim, é o Cacique de Ramos,/ planta onde em todos os ramos/ cantam os passarinhos das manhãs./ Lá, do samba é alta a bandeira,/ e até as tamarineiras/ são da poesia guardiãs... Guardiãs!” Vai por aí. [...] Minha mãe, com esse lado espiritual, ela sempre ia, sempre fez lá os rituais junto da tamarineira, tem lá até hoje o São Sebastião, tá lá o altar dele, era uma coisa que minha mãe cuidava, mas até hoje é bem cuidado. Pode não se cuidar, pode se esquecer de muita coisa no Cacique, menos aquele cantinho do altar de São Sebastião. [...] São Sebastião é coisa de caboclo, caboclo lembra índio, entendeu? Então, São Sebastião tem tudo a ver com o vinte de janeiro que é o dia de São Sebastião.<sup>110</sup>

Todavia, é a própria Dona Conceição quem pode dar uma melhor explicação sobre a consagração da tamarineira. Ela não explica profundamente o que foi feito, mas as poucas informações que ela oferece em sua entrevista para o filme *O Fio da Memória* são bastante interessantes. Nesse trecho, ela diz que foi o Caboclo Sete Montanhas quem a ajudou nessa

---

<sup>109</sup> Ubirajara Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 17/02/2002.

<sup>110</sup> Ubirany Félix do Nascimento. Depoimento concedido ao autor. 31/ 10/ 2002.

tarifa, e esse é o mesmo caboclo que sua filha carrega e que teria sua representação nas cores preto e branca, as cores “naturais” do Cacique de Ramos. Dona Conceição lembra esse fato no diálogo com o diretor Eduardo Coutinho:

A árvore é preparada. Só não posso dizer como é que foi que eu preparei, mas ela tem segurança, aquela árvore. Seu Sete Montanhas é que mandou o axé pra botar... O axé é um preparo que a gente não pode dizer o nome, fala em africano, axé.<sup>111</sup>

Era grande a fé que os integrantes do bloco depositavam em Dona Conceição. Principalmente durante o carnaval, quando o bloco saía, havia uma confiança de que os santos, por intermédio da mãe-de-santo, iriam proteger o bloco. Walter Tesourinha declara sua confiança na força espiritual de Dona Conceição e acrescenta a importância do trabalho de sua irmã, que também era mãe-de-santo, segundo ele, uma outra força religiosa para o Cacique:

A mãe do Bira, o pessoal que auxiliou muita gente. Eles não deixavam a gente no ar, conforme se diz, não é? A gente fazia as coisas mas estava sempre amparado. Amparado, porque qualquer tempo é tempo. Qualquer tempo, você vê que antigamente não era igual hoje, a violência, mas tinha as maldades também, não é? Existia. Maldade não tem época. Então, a mãe do Bira auxiliava, olhava pela gente na gira dela, na gira. Esse problema de gira, só ela é que entendia, a gente batalhava e ela colaborava com a gente, dava toda a assistência. Depois a minha irmã também era muito forte. A minha irmã, tanto era compositora como também era chefe de terreiro, essas coisas todas. Quer dizer, conforme eu disse a você, juntava-se o útil ao agradável e a gente tinha aquela segurança. Tanto é que para comandar uma base de cinco mil pessoas numa cidade não era mole não.<sup>112</sup>

Mas a religiosidade do Cacique de Ramos era controlada de perto por Dona Conceição, que não aceitava a intromissão de outras pessoas nesses assuntos. Como vimos, a simbologia empregada, principalmente as cores do bloco que originalmente eram o preto e o branco, estavam intimamente ligadas a ela. O Caboclo Sete Montanhas é uma entidade

---

<sup>111</sup> Conceição de Souza Nascimento. Em COUTINHO, Eduardo. Op. cit.

<sup>112</sup> Walter “Tesourinha”. Depoimento concedido ao autor. 16/ 12/ 2002.

única, com uma relação íntima com a pessoa que o recebe, e que inclusive foi passado de Dona Conceição para sua filha, Conceiçãozinha, estabelecendo uma relação de hereditariedade. A tamarineira também guarda seus segredos e era defendida por ela e por seus filhos. Mas havia outras famílias que também possuíam seus laços espirituais próprios, como era o caso da família Oliveira. Conceiçãozinha nos fornece um relato dos ritos que sua mãe praticava aos pés da tamarineira nas datas apropriadas e mais uma vez se isenta de dar maiores explicações:

Fazia trabalho, e tem muita coisa, tem muito fundamento também lá no Cacique. [...] Eram coisas que eram preparados, eram feitos lá no sábado de carnaval... São coisas que eu não posso estar falando porque quebra o que tinha ali, entendeu? Mas era preparado lá, era dada comida aos exus, os exus comiam... Aquela tamarineira tem coisas ali embaixo. O Cacique pode bambear, mas não...<sup>113</sup>

Perguntamos a Conceiçãozinha sobre as outras pessoas que também eram umbandistas e sobre a participação delas nesses rituais que sua mãe realizava e que depois ficaram sob sua responsabilidade. Ela foi categórica afirmando que os símbolos religiosos depositados no Cacique eram de responsabilidade exclusiva de Dona Conceição. Para ilustrar esse controle sobre os elementos religiosos depositados por Dona Conceição na quadra do bloco, Conceiçãozinha revelou-nos um momento de conflito, quando Chiquita, a irmã do Walter Tesourinha, foi até a quadra da rua Uranos para realizar um ritual. A reação da mãe-de-santo da família Félix do Nascimento foi firme, e sua vontade foi respeitada. Conceiçãozinha conta que depois desse episódio não se teve informações de que outra pessoa tivesse realizado alguma interferência espiritual naquele espaço, estava assegurada a exclusividade de sua família nesse assunto.

Tinha a parte lá do pessoal do Sereno, mas eles não se reuniam, nessa parte era só a mamãe que mexia. [...] Não tinha nem o porquê, entendeu? Outras pessoas irem fazer alguma coisa, porque já tinha a mamãe. Até tentaram uma vez, fizeram umas coisas lá, sem o consentimento da mamãe, aí deu problema, teve uns probleminhas lá, aí pararam também. [...] Isso tem uns

---

<sup>113</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

quinze anos. Tem uns quinze ou dezesseis anos. Eu me lembro que eu só tinha só Paola e o Eduardo. Eu me lembro que a mamãe disse: “Th! A Chiquita foi lá, fez não sei o quê...” - A Chiquita também fazia parte da diretoria do Cacique – “... Fez um negócio lá, aí deu um problema lá, deu uma brigalhada danada. Não tem que... Não pode misturar as coisas. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Não pode... Panela que muito mexe ou sai salgado, ou sai sem sal”. Foram as palavras que a minha mãe usou. Daí, também, nunca mais fizeram nada, entendeu? Só a mamãe mesmo que mexia. Chegava na época do carnaval, aí ela ia... Ia ela e a tia Iara fazer a coisas lá.<sup>114</sup>

Além do carnaval, outra data de grande importância era o aniversário do bloco que se comemora no dia vinte de janeiro, data que também é dedicada ao santo padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, que é São Sebastião. Nesse dia, reza-se uma missa em homenagem ao santo, ao Cacique de Ramos e ao aniversário de Seu Domingos Félix do Nascimento, com a participação de toda a comunidade. Na véspera também era feito, por Dona Conceição, um rito umbandista aos pés da tamarineira, mas desse evento somente seus filhos-de-santo participavam. Até seus próprios filhos de sangue eram excluídos nessas ocasiões. Conceiçãozinha destaca a exclusividade desses ritos, afirmando que havia um entendimento tácito entre Dona Conceição e seus filhos para que não houvesse platéia e assim, eles próprios preferiam se ausentar:

É, eram só as pessoas da casa, do terreiro. Pessoas de fora não tinham acesso. Tinham não. Nesse aspecto, o Bira... Nesse ponto ele sabia que a mamãe não gostava de fazer as coisas com platéia, nada disso. Não só por isso, mas pelo que se era feito lá, não tinha o porquê ficar todo mundo olhando. Além disso, inclusive, poderia até atrapalhar. Então não tinha o porquê ficar lá. Aí, o Bira ia, deixava a mamãe, nos deixava lá e depois saía, ou às vezes ficava lá esperando acabar... Mas era muito difícil o Bira participar. Muito difícil... Até porque ele... As coisas que eram feitas lá tinham que ser feitas pela mamãe e pelos filhos-de-santo. Bira não era filho de santo da mamãe. Então não podia estar botando...<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Idem.

<sup>115</sup> Idem.

O dia vinte de janeiro reúne diversos eventos carregados de significados simbólicos – aniversário de Seu Domingos, do bloco e dia de São Sebastião (o Oxossi da Umbanda e santo padroeiro da Cidade do Rio de Janeiro). Conceiçãozinha acredita que havia uma simples coincidência, mas sim uma correlação intencional desses elementos, com a orientação de sua mãe:

Essa parte aí tem... Não foi feliz coincidência, foi uma coisa, que realmente, que isso deve ter sido bem estudado isso aí entre eles na época, não é? Deve ter sido uma coisa... Que com certeza teve opinião da mamãe nisso aí. Com certeza... Eu não sei te dizer, mas com certeza deve ter tido alguma coisa da minha mãe aí.<sup>116</sup>

Apesar dela acreditar na colaboração de sua mãe para reunir todo esse simbolismo em torno do dia vinte de Janeiro, Conceiçãozinha afirma que a missa que passou a celebrar-se todo ano na quadra do bloco foi uma iniciativa de seus irmãos para agradar ao patriarca da família, que ela afirma “ter mania de ir à missa”:

Ah... Da missa? Bem, começou a rezar a missa pelo seguinte: Que eu me lembre, era por causa que juntava com a missa do papai, papai fazia aniversário, papai tinha a mania de ir à igreja, apesar que meu pai era devoto, era de São Jorge, não era de São Sebastião. Devido dele ser filho de Ogum, ele sempre foi devoto a São Jorge. Ele sempre gostava de ir à missa, aí foi quando o Bira passou: “Ah... Meu pai, vamos usar que ele é patrono do Cacique para rezar as missas no Cacique”. Aí, o padre, lá da igreja São Sebastião ia... Foi dali desse período... Foi o quê? O Cacique ainda estava na Tenente Pimentel ainda, ele não estava nem lá na...<sup>117</sup>

No aspecto religioso da vida do Cacique de Ramos é marcante a influência da família Félix do Nascimento, mas essa presença se dá de acordo com uma negociação interna, própria das relações familiares. Por um lado, as influências umbandistas estavam intrinsecamente ligadas às mulheres da família, que mantiveram sua exclusividade, a partir dos rígidos preceitos de sua religião. Por outro lado, a presença católica, representada no

---

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> Idem.

ritual da missa, era uma iniciativa dos filhos homens do casal Conceição e Domingos em homenagem ao patriarca da família. Mas, como vimos, esses momentos de religiosidade não eram estanques. Na Umbanda, há uma forte presença de elementos católicos, inclusive com a prerrogativa de participação em missas como um elemento necessário aos rituais dos umbandistas, como Conceiçãozinha esclareceu em seu depoimento, transcrito anteriormente. A própria missa católica realizada todo dia vinte de janeiro na quadra da Rua Uranos, carrega em si uma simbologia umbandista que a vincula ao índio, num ciclo que remete ao próprio aniversário do Cacique de Ramos. Esse fato não passa despercebido para o representante católico. Na missa celebrada em 2003, que tivemos oportunidade de assistir, o Padre, capelão do Corpo de Bombeiros da Cidade, declarou-se especialista em se relacionar com grupos que não eram integralmente católicos – o que é o caso do Cacique, como Conceiçãozinha assinalou: “Nós somos católicos, só que nós somos católicos mas não somos apostólicos nem romanos”<sup>118</sup>. Esse padre<sup>119</sup> representa uma preocupação da igreja em não excluir o catolicismo popular, mas sim tentar atraí-lo. Ele se declarou um missionário, com a missão de catequizar. Portanto, sua postura inclui a perspectiva de conversão integral ao catolicismo, mas em nenhum momento essa proposta foi declarada incisivamente, nem foram comentados os vínculos com outras religiões.

A missa católica, em homenagem ao aniversário do bloco e de Seu Domingos, e os rituais umbandistas sob o controle exclusivo de Dona Conceição, mostram as diversas perspectivas presentes na família Félix do Nascimento, que transmite para o Cacique de Ramos as preferências/possibilidades religiosas de seus membros. Segundo os preceitos da Umbanda, os homens da família estava excluídos de uma participação mais efetiva no terreiro da matriarca. Ao mesmo tempo, Dona Conceição estava afastada, por princípios morais, de uma participação mais efetiva no Cacique de Ramos, que tinha suas ações voltadas principalmente para o samba e para o carnaval, ou seja, para a boemia, possibilidade aberta somente aos homens da família Félix do Nascimento. Os ritos

---

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> O capelão do Corpo de Bombeiros é o mesmo que celebra as missas de São Jorge. Outro evento importante no calendário do catolicismo popular e que, a partir de 2002 foi assumido pelo poder público da Cidade, que declarou ponto facultativo nessa data. São Jorge representa o Ogum das religiões afro-brasileiras e essa ligação atrai inúmeros fiéis. Seu Domingos era “filhos de Ogum”, como lembrou Conceiçãozinha, e não perdia uma alvorada de São Jorge.

realizados por Dona Conceição, na quadra do Cacique, representam bem essa delimitação de espaços. Deles participavam apenas os membros do terreiro São Jerônimo, criava-se assim um momento específico, quando o espaço passava para o controle integral da mãe-de-santo. Quando Dona Conceição ia à quadra do bloco, ela não penetrava no território boêmio ali constituído, mas carregava consigo a idéia de um solo sagrado, invertendo os dois lados da fronteira. Se Dona Conceição estava afastada da quadra quando esta cumpria sua principal função - a de servir de espaço para o exercício do samba e a preparação do carnaval - a situação se invertia quando ela ocupava aquele espaço para a realização dos rituais religiosos. Nesse momento, os portões se fechavam para aqueles que não estavam sob sua orientação.

Por outro lado, a missa católica se relacionava diretamente ao setor masculino da família. Era uma homenagem a Seu Domingos, que, como afirma sua filha: “tinha mania de ir a missa”. Era uma iniciativa de seus filhos - como vimos, foi uma idéia que partiu do presidente do bloco, Ubirajara. Assim, eles conquistavam um espaço de religiosidade mais aberto para a sua participação. Se todo o dia dezanove de janeiro a matriarca realizava os ritos umbandistas dos quais eles eram tacitamente excluídos, no dia seguinte a missa católica homenageava a criação do Cacique de Ramos, o espaço boêmio do qual estava excluída uma participação feminina mais efetiva. Homenagem também a Seu Domingos Félix do Nascimento, o patriarca boêmio. Enfim, com relação aos valores religiosos, vemos mais uma vez a presença de aspectos múltiplos e até mesmo conflitantes participando da construção da memória do bloco.

### ***Conclusão.***

Procuramos, nesse trabalho, analisar a memória coletiva de uma família através de sua relação com um bloco carnavalesco. Como vimos, a família Félix do Nascimento era uma entre muitas que estiveram envolvidas nesse processo. Inicialmente, distinguimos um núcleo central composto de três dessas famílias, com níveis de participação diferentes entre seus membros e optamos por trabalhar com aquela que se manteve por mais tempo e mais intimamente ligada ao bloco. Nossa escolha não foi aleatória, e não se baseava simplesmente nessa evidência. Tínhamos outros indícios, que foram se confirmando durante nossa pesquisa, de que a família escolhida tinha uma participação maior na construção da memória do bloco. Em muitos aspectos, elementos intimamente ligados à memória dessa família estão vinculados com a memória do Cacique de Ramos. Apesar dessa memória não estar sempre presente para os demais integrantes do bloco, ela emergia em determinados momentos, influenciando a memória coletiva de todo o grupo. Apesar de seus códigos não serem explícitos, pelo menos para algumas pessoas estava bastante claro seu significado. Apesar de existirem muitas leituras possíveis, que permitiam diferentes identificações com o mesmo código, pudemos localizar algumas marcas que direcionavam a nossa leitura. Marcas que expressavam a *vontade de memória* de uma família que, não por acaso, foi a que nós escolhemos para o desenvolvimento desse estudo.

O Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos é um grande feito coletivo. Quem vai a seus desfiles atualmente e observa aproximadamente trezentas pessoas que atravessam a Avenida Rio Branco cantando uma seqüência ritualística de sambas que fizeram nome no bloco, percebe na expressão daqueles fiéis foliões, como essa experiência marca profundamente suas vidas. Como já dissemos, a maioria dos que desfilam hoje em dia ingressaram no bloco num período em que se realizavam desfiles monumentais, mas não é apenas por isso que os índios continuam desfilando. O bloco está profundamente marcado



na vida dessas pessoas justamente por ter sido uma grande realização que se comemora todo o carnaval, ou em toda roda de pagode em que se canta um samba do Cacique.

Antes de tudo, esse é um feito coletivo. Não é possível atribuí-lo a uma só pessoa, ou apenas a um pequeno grupo, mesmo sendo este o grupo dos fundadores, ou seus mais famosos expoentes, que hoje são reconhecidos no Brasil inteiro, e até fora dele. Como Bloco Carnavalesco ou como centro privilegiado de criação do pagode, o Cacique de Ramos é uma obra de todos. Nele, porém, se inscrevem sinais muito particulares de uma família, sinais expressos através de códigos religiosos, que não são secretos nem exclusivos, mas que estão essencialmente ligados àqueles que ali os colocaram.

Na introdução de nosso trabalho lembramos as tamarineiras e a presença de um pequeno altar em seus galhos. Durante nossa pesquisa descobrimos ter sido Conceiçãozinha a responsável por tê-lo colocado ali. A herdeira de Dona Conceição, matriarca que deixou espalhados naquele espaço vários sinais de sua passagem. Um deles é a própria árvore onde a mãe-de-santo colocou o seu axé, ou melhor, o axé do Seu Sete Montanhas. O mesmo caboclo que acabaria por definir as cores do bloco em preto e branco, antes do Ponto Frio convencer a diretoria do bloco, inclusive os filhos de Dona Conceição, a introduzirem o vermelho de sua logo-marca na estampanaria das famosas fantasias de napa. Elementos díspares que se combinaram na construção da memória do Cacique de Ramos, mas que tiveram seu significado transformado ou diluído para seus integrantes. A referência religiosa é guardada em segredo por sua própria natureza, e o patrocínio comercial não é mais comentado porque não existe mais, restou apenas a cor vermelha que terminou por se fixar entre as cores do bloco.

Foi a própria Conceiçãozinha quem assumiu a autoria daquele pequeno altar, ali colocado depois da morte de sua mãe. Ela ainda disse que não mexia nem se aproximava mais dele porque seus irmãos estavam se afastando do bloco:

É, isso mesmo, bem naquela tamarineira ali de frente, numa bifurcação assim. Eu que botei... Quanto tempo? Mamãe já tinha falecido, continuei cuidando. Mas aí ele: “Ah! Minha irmã, arrendei o Cacique, não sei o quê...” – Então, não mexo mais, mas também ele sabe que aquilo ali não pode ser tirado dali. Não pode não. Deve ter uns sete anos que está aquilo ali. Aí, eu não mexi mais, porque enquanto meus irmãos estavam ali dentro é uma coisa, entendeu? Não porque aquilo ali vá deixar de existir, eles não estando.

Vai! Tem o fundamento? Tem! Tem a raiz? Tem! Mas... Com eles ali dentro é outra história. Aí eu pego de novo. Eles não estando ali não tem jeito.<sup>120</sup>

Todavia, quem está se afastando do bloco é ela e não os seus irmãos, pelo menos não Ubirajara, que continua lutando pelo Cacique a seu modo. Basta ir a um desfile do bloco e vê-lo arrancando a camisa para que o Cacique continue a representar aquilo que ele sempre foi para seus integrantes: um *lugar de memória*, um espaço de *sociabilidade* e um elemento importante na *construção de identidades*. Quando ela diz que muita coisa tinha mudado depois da morte de Dona Conceição, ela expressa a importância que a matriarca da família tinha para a vida do bloco, cuja memória continua viva para aqueles que a conheceram.

Bira Presidente, líder do Fundo de Quintal, afirma categoricamente que o grupo de pagode pertence ao Cacique de Ramos. Conceiçãozinha conta que após a morte de Dona Conceição o grupo viveu a sua pior fase. Na percepção dela, esse período durou até que o terreiro fosse reaberto sob seus cuidados:

Porque depois que a casa foi reaberta, o Fundo de Quintal começou de novo. Você se lembra que o Fundo de Quintal andava apagadinho. Aí, depois que mamãe morreu, aí foi feito o que tinha que se fazer, aí o Fundo de Quintal começou a aparecer de novo, porque estava quase acabando. É isso aí... Tem tudo a ver. Tudo a ver... O Grupo Fundo de Quintal tem tudo a ver. Não dizer que eles frequentam, mas os meus irmãos sabem que o fundamento parte daqui.<sup>121</sup>

Assim vemos como, para a família Félix do Nascimento, existe uma importante ligação entre o terreiro e o bloco. A esfera religiosa está profundamente inscrita naquele espaço. Antigamente era do conhecimento de todos que a comunicação de Dona Conceição com os santos propiciava a segurança do bloco nos desfiles, e o sucesso em suas empreitadas artísticas. Depois da morte de Dona Conceição, ficou apenas a tamarineira que é reconhecida por todos como um símbolo do Cacique, sendo que para alguns ainda

---

<sup>120</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>121</sup> Idem.

permanece viva a lembrança de sua consagração, reafirmando o dito de Conceiçãozinha, de que “os fundamentos ali plantados não deixarão de existir”<sup>122</sup>.

Em nossa entrevista número zero, Antônio Onça, o zelador da quadra do Cacique, nos contou que ele teve que cortar um galho da tamarineira que ameaçava cair. Ele o cortou com a ajuda dos bombeiros, mas teve que ouvir reclamações de várias pessoas, que diziam não poder tirar um galho sequer daquela árvore sem antes lhe render homenagem:

Tinha as árvores. Não tinha muro. Fizeram muro, cimentaram isso aí, botaram asfalto. E por aí fora... Aí foi, começou essa história da tamarineira... Essa tamarineira, tem uma ali que um dos troncos dela apodreceu, e o tronco estava muito arriado. E eu conversando com um amigo nosso, colaborador, o Coronel Caldeira do corpo de bombeiros, eu falei: Caldeira, eu acho que esse pé de tamarindo aqui tá dando problema, um dia pode quebrar isso aqui, e já pensou isso aqui apodrecer na hora que tiver um show. Pode ser também na hora do futebol, a gente cede aqui pro pessoal jogar bola, a gente cede durante a semana prá crianças do colégio, fazer educação física. Já pensou esse pé de árvore cair daqui, quebrar na hora, em cima do povo? Ele fez assim: Onça, vamos ter que cortar esse troço. Ele pegou, mandou uma equipe de bombeiros aqui, conversamos com a diretoria, os bombeiros vieram e cortaram esse pé. O pé todo não, o galho que sabia que estava podre. Quando a Beth Carvalho veio aqui, que viu cortado, arrumou uma briga comigo danada: Tu não podia cortar isso, tu não podia mandar cortar. Aí eu falei: estava podre Beth, está aqui, podre. Está ali, se você quiser ver, você vê. O Zeca Pagodinho soube, que a Beth Carvalho falou prá ele, veio aqui... Todo mundo me deu esporro, todo mundo. Ganhei esporro da Beth, ganhei esporro do Zeca, ganhei esporro do Almir, ganhei esporro do pessoal do Fundo de Quintal, menos o Bira, porque o Bira autorizou cortar. “E o Bira não podia ter cortado. Pró que cortar? Tinha que ter uma festa aqui.” Eles achavam que tinham que fazer uma festa pra poder cortar o tronco da árvore. Portanto, esse tronco hoje, é feito quatro bancos, foi cortado em quatro bancos. Eles vêm e sentam ali. Eles sentam no banco da tamarineira. É isso aí.<sup>123</sup>

Vemos que as marcas deixadas por Dona Conceição permanecem no imaginário das pessoas que se relacionam com o Cacique de Ramos. Sem dúvida, existem outras marcas que não são religiosas, mas penetração das que provém dessa esfera apresentam uma força

---

<sup>122</sup> Idem.

<sup>123</sup> Antônio Onça. Entrevista concedida ao autor. 02/12/2000.

peculiar. Assim, Conceiçãozinha fala da relação que a Madrinha do bloco, Beth Carvalho, tinha com o terreiro de sua mãe, lembrando que outras pessoas do mundo do samba compartilhavam a mesma ligação religiosa:

Até... Como é que se diz? Aquele povo... O pessoal, também... Além do Cacique, eles freqüentavam muito lá em casa, a Beth, Martinho, eles freqüentavam muito... A Beth, ela tinha mais uma proximidade com a parte do santo, mamãe fazia as coisas para ela. Quando ela pegou a gravidez da menina... É uma moça já, não é? Ela deve estar com vinte e...<sup>124</sup>

Podemos dizer que esses códigos fazem parte da memória coletiva daquele grupo, pelo menos de grande parte das pessoas que dali participam. Conceiçãozinha nos lembra que esses códigos não são exclusivos de sua família e que, em relação ao bloco, eles têm sua força no grupo que está afinado com eles. Ela afirma que a força espiritual do bloco é resultado de diversas contribuições, dentro do universo espiritual próprio de cada indivíduo, a partir de onde cada um faz a sua parte e traz a sua contribuição em prol do grupo:

Tem. Tem, porque muitas das coisas que se foi passado, até pro Bira, Ubirany, mamãe é que passava pra eles, entendeu? Essa parte entendeu? Então, se tem. Eles também, os outros componentes também têm a sua parte espiritual, também, suas mães-de-santo e tudo... Então, tudo se forma, é uma corrente, não é? Que não se quebra, mas não tem aquilo de dizer: “Faz parte porque veio da casa...”. Não, não é isso, tem aquela corrente que todos fazem um pouquinho. A mãe-de-santo do Sereno faz um pouquinho, a moça que cuida do... Daquele menino, faz um pouquinho. Tem muitos deles que não mexem com essas coisas. Pedem, mas não freqüentam.<sup>125</sup>

Ainda vemos uma quantidade relevante de sambas que, em suas letras, atualizam essa memória coletiva, mesmo para aqueles que não se identificam com o aspecto religioso. São composições que falam da tamarineira e da força que ela possui para o samba ou para as pessoas que ali freqüentam, como a letra de *Doce Refúgio* (já citada por nós e por

---

<sup>124</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

<sup>125</sup> Idem.

Ubirany), que reproduzimos aqui na íntegra, chamando a atenção para a ligação entre o Cacique a religião e a cachaça:

Sim é o Cacique de Ramos/ planta onde em todos os ramos/ cantam os passarinhos das manhãs// lá do samba é alta a bandeira/ e até as tamarineiras/ São da poesia guardiãs [BIS]// Seus compositores aqueles/ que deixam na gente aquela emoção/ seus ritmistas vão fundo/ tocando bem fundo em qualquer coração/ é uma festa brilhante/ um lindo brilhante tão fácil de achar/ é perto de tudo/ ali no subúrbio/ um doce refúgio prá quem quer cantar//[REFRÃO]// É o Cacique prá uns a cachaça/ prá outros é religião/ se estou longe o tempo não passa/ e a saudade abraça o meu coração/ quando ele vai para as ruas/ a vida flutua num sonho real/ é o povo sorrindo/ Cacique esculpindo/ com mão de alegria/ o seu carnaval.<sup>126</sup>

Outros explicitam a relação com a Umbanda e também com o Candomblé, cantando seus orixás e entidades, e identificando o Cacique com eles, como nos versos de ARERÊ:

“Ê ê ê / Ô ô ô / Prepara a mandinga Arerê/ Traz defumador [BIS]  
Você me jogou feitiço/ O feitiço não pegou/ Prepara a mandinga Arerê/ Traz defumador [REFRÃO]  
Eu sou filho de Oxóssi/ Sou cavalo de Xangô/ Prepara a mandinga Arerê/ Traz defumador [REFRÃO]  
Na demanda tenho a espada/ De Ogum meu protetor/ Prepara a mandinga Arerê/ Traz defumador [REFRÃO]  
Sou Cacique na Umbanda/ E na linha de Nagô/ Prepara a mandinga Arerê/ Traz defumador [REFRÃO].<sup>127</sup>

Essas músicas, contendo uma clara simbologia religiosa, são *lugares de memória* abertos a todos aqueles que participam do Cacique, sendo cantados aos quatro ventos. Mas outro motivo que podemos apontar para sua permanência é a sua própria natureza religiosa. Lembramos Clifford Geertz, em seu *A Interpretação das Culturas*, cuja abordagem

---

<sup>126</sup> Vila, Luiz Carlos da. *Doce Refúgio. LP Samba é no Fundo de Quintal*. Grupo Fundo de Quintal. Rio de Janeiro: RGE, 6025-2, 1981. Faixa 3 (CD).

<sup>127</sup> Américo Filho e Mendes. *Arerê. LP Cacique de Ramos*, Rio de Janeiro: Tapeçar. Reg. 005 TCDP/DR-CB. Lado B, faixa 7.

demonstra a força intrínseca do fenômeno religioso. Geertz afirma que esse é um fenômeno que está acima dos julgamentos, sendo sua existência uma questão de fé, ou seja, para participar desse universo codificado, basta acreditar, compactuar com ele.

A perspectiva religiosa difere da perspectiva do senso comum, como já dissemos, porque se move além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem e completam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre essas realidades mais amplas, mas sua aceitação, a fé nelas. Ela difere da perspectiva científica pelo fato de questionar as realidades da vida cotidiana, não a partir de um ceticismo institucionalizado que dissolve o “dado” do mundo numa espiral de hipóteses probabilísticas, mas em termos do que é necessário para torná-las verdades mais amplas, não-hipotéticas. Em vez do desligamento, sua palavra de ordem é compromisso, em vez de análise, o encontro. Ela difere da arte, ainda, porque em vez de afastar-se de toda a questão de fatualidade, manufacturando deliberadamente um ar de aparência e de ilusão, ela aprofunda a preocupação com o fato e procura criar uma aura de atualidade real. A perspectiva religiosa repousa justamente nesse sentido do “verdadeiramente real” e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo e, tanto quanto possível, torná-lo inviolável pelas revelações discordantes da experiência secular. Mais uma vez, a essência da ação religiosa constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos – da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam – de uma autoridade persuasiva.(Geertz, 1989: 128).

É, nesse contexto, que vemos a *vontade de memória* de uma família, através da influência materna, marcar os *lugares de memória* que pertencem à coletividade do Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos. Por outro lado, percebemos que essa memória está deslocada do universo onde ela mais seria esperada: o do terreiro. É da mistura com a influência paterna, na vida dos filhos, que se dá a criação de um bloco carnavalesco e de um grupo de pagode, difundindo-se a influência materna para um espaço que, em princípio, lhe era vedado.

Nesse universo do samba, os próprios irmãos Félix do Nascimento se tornam *lugares de memória*. Eles são reconhecidos por essa comunidade maior como expoentes desse grupo e levam consigo o nome de sua família e o nome do bloco que ajudaram a criar. Mas o universo do samba está cheio de disputas, onde, como foi ressaltado por

Ubirany, “imperava a vaidade”. Conceiçãozinha reconhece essa disputa, relatando que esse meio é cheio de amizades, mas também de falsidades:

Porque no meio de samba, tem muita gente boa, mas também tem muita ruim. E é um meiozinho meio podre. Tem muita coisa boa? Tem! Muita raiz? Tem... Então tem que ter muito cuidado.<sup>128</sup>

Nesse espaço, não é fácil para qualquer um escrever seu nome, e o fato é que os irmãos Félix do Nascimento conseguiram escrever o seu. O pesquisador do samba e compositor Nei Lopes escreveu uma música que fala da dificuldade para se conquistar um espaço nesse meio. Fazendo um dueto com Ubirany, no disco *A Batucada dos nossos tantãs*, do grupo Fundo de Quintal, eles celebram e cantam, juntos, essa conquista dos filhos de Seu Domingos e Dona Conceição. Na letra desta canção está valorizada a longa caminhada por eles percorrida. A experiência que eles trouxeram de seus pais e que carregam atualmente, deve servir de exemplo para as novas gerações que quiserem trilhar os mesmos caminhos. Assim, eles são classificados como os primeiros inscritos nesse seletor clube. Vejamos a letra de “Número Baixo”, que começa com um diálogo entre Nei Lopes e Ubirany:

**Nei Lopes:** Alô Bira Presidente, matrícula zero, zero, zero e Ubirany, matrícula zero, zero, zero, um. Vamos reunir a meninada em baixo da tamarineira para uma aula de humildade...

**Ubirany:** É Ney... Vou falar, heim!

A Humildade não existe em você/ Não é uma virtude sua/ Sua vaidade lhe impede de ver/ A verdade nua e crua. (Fica na tua!)// Que você veio depois de nós. (Muito depois!) É o que restou da raspa do tacho/ E quem chegou depois na vida tem mais/ Que respeitar número baixo.[BIS]

Número baixo, quem teve a coragem de ser pioneiro/ Quem teve o destino de chegar primeiro e comer o pão que o diabo amassou./ Pra depois então que a boca do mundo espalhou sua fama/ Se banhar na fonte se deitar na cama, colhendo tranqüilo tudo que plantou.

---

<sup>128</sup> Conceição Félix do Nascimento (Conceiçãozinha). Depoimento concedido ao autor. 17/01/2003.

Número baixo é todo velha guarda todo ex-combatente/ Todo fundador todo linha de frente que riscou seu nome com força no chão/ E aí você que ainda nem bem se livrou dos cueiros/ Vem cantar de galo no nosso terreiro/ Cuidado mané vê se presta atenção.<sup>129</sup>

Assim, se eles se tornaram os expoentes que são para a comunidade do samba, foi por influência de seu pai e pelo trabalho conjunto de sua criação materna. Ou seja, eles são produto de uma unidade familiar que conseguiu legar a seus filhos os seus valores.

Vimos, nesse trabalho, a maneira como isso se desenvolveu, principalmente, a distinção entre os gêneros na percepção dessa herança. Enfim, analisamos como a memória coletiva de uma família se organiza entre os indivíduos de acordo com a sua própria estrutura interna. Vimos também como ela se inscreve dentro das comunidades nas quais ela esteve envolvida, seguindo o mesmo processo de organização e como se dá a negociação dentro desses espaços. Mostramos como esse é um processo de longa história no ambiente que nos propusemos estudar. Trata-se de uma vida inteira, onde não podemos esquecer a coerência que resulta da imagem de uma família estável, como é o caso da família Félix do Nascimento. Essa estabilidade familiar, onde não se excluem os conflitos, garantiu sua forte presença na memória coletiva do Cacique de Ramos, ao mesmo tempo em que o bloco era um espaço privilegiado para a recriação da memória dessa família. Vimos como essa memória coletiva não se resume à recordação dos acontecimentos do passado, ela influencia os indivíduos nas suas atividades atuais, mas é também a partir dessa experiência no presente que a memória é construída. Vimos a transmissão de padrões morais e religiosos através da memória coletiva, tendo esses, atravessado as gerações e influenciado a experiência da criação de um bloco carnavalesco, que passaram por um processo de negociação que possibilitou a sua atualização pelas novas gerações. Confirmamos, assim, a idéia de que a memória é uma construção permanente, que responde às prerrogativas do tempo presente, ao mesmo tempo em que influi no seu desenvolvimento. Essa memória jamais se apresenta sob uma forma única, mas múltipla, entrecruzando lembranças, esquecimentos, narrativas e valores diversos num tecido ricamente matizado.

---

<sup>129</sup> Zé Luiz e Nei Lopes, Ed Tapajós (EMI) / Sony Music. *LP Na Batucada dos Nossos Tantãs*. 1993. Grupo Fundo de Quintal. Rio de Janeiro, Som Livre.



### ***Glossário:***

**Ala** – Nome dado às seções em que se subdivide uma Escola de Samba ou um Bloco Carnavalesco (Exemplos: Ala das Baianas e Ala da Bateria). Também designa o grupo de pessoas que participa, unido, das escolas de samba ou dos blocos carnavalescos.

Entre os fundadores do Cacique de Ramos era comum esse tipo de formação. Eles se reuniam em grupos, usavam uma fantasia comum e, dessa forma, participavam dos desfiles de blocos carnavalescos, bailes de carnaval ou simplesmente passeavam pelas ruas. Uma dessas alas ficou conhecida como “Homens das Cavernas”, por causa da sua fantasia inspirada em um personagem pré-histórico e por ser composta somente de homens.

**Atabaque** – Instrumento de percussão na forma de um grande vaso, feito de madeira e fechado na extremidade mais larga por um pedaço de couro animal, bem esticado, onde se bate com a mão ou com uma varinha de madeira (baqueta\*) para tirar o som característico. Essencial aos ritos das religiões Afro-Brasileiras, onde cada seqüência rítmica é relacionada a um personagem correspondente de seu panteão. Nessas ocasiões, normalmente se utilizam conjuntos de três atabaques, uma grave, um médio e um agudo, num arranjo musical característico. Os responsáveis por esses instrumentos são denominados Ogãs e estão incluídos na hierarquia das casas de Candomblé ou de Umbanda. Mas esse instrumento não é de uso exclusivo dessas religiões, podendo ser encontrados em outras manifestações da cultura afro-brasileira, como o afoxé ou a capoeira, sendo utilizado também por músicos das mais diversas expressões.

**Banda** – Corporação de músicos (exemplos: Banda da Guarda Republicana e Banda do Corpo de Bombeiros). Quando utilizada em relação ao carnaval, como Banda Carnavalesca, evoca a idéia de um conjunto musical composto, principalmente, por instrumentos de sopro e percussão.

**Baquetas** – Varinhas de madeira utilizadas para tocar em instrumento de percussão.

**Bateria** – Conjunto de instrumentos de percussão. Formação comum a Blocos Carnavalescos e Escolas de Samba.

**Bloco** – Grupo de pessoas que se reúnem para desfilar pelas ruas durante o carnaval, pode ser uma formação espontânea, sem acordo prévio e contando com a participação de quem queira segui-lo; ou pode ser organizado com hora e data marcada para o desfile. Pode ser acompanhado de qualquer formação musical, sendo mais comum o uso de bateria. Pode ter uma fantasia ou uma camisa que identifique os seus participantes ou até, não ter qualquer identificação. Pode ter uma música composta exclusivamente para o seu desfile ou cantar qualquer música carnavalesca. Alguns possuem alegorias e se aproximam das Escolas de Samba, possuindo inclusive um enredo para o desfile, mas a maioria não apresenta nenhuma alegoria.

No caso do Cacique de Ramos, ele é um bloco organizado que desfila na Avenida Rio Branco no domingo, na segunda e na terça-feira de carnaval, à noite. Não possui enredo, mas cantam músicas próprias, normalmente composições que fizeram sucesso em

carnavais passados. É acompanhado por um carro de som que amplifica a voz de um grupo de cantores e de um cavaquinho. Possui uma bateria composta por uma média de cem pessoas. Divide-se em alas com fantasias próprias, como a Ala da Napa, Ala Apaches (essas com fantasias de índio), Ala da Bateria, Ala da Capoeira, Ala do Cura Ressaca e Ala da Diretoria (essas identificadas por uma camiseta). Possui duas alegorias: um índio de aproximadamente dois metros de altura que abre o desfile e um carro alegórico que sai atrás dele, levando as rainhas e princesas da agremiação. (Essa é uma descrição comum aos desfiles que se realizaram nos anos de 1999 até 2003).

**Boemia** – Atividade relacionada à vadiagem, vida airada, vida cigana. Muito comum para se descrever o gosto por divertimentos noturnos, relacionados ao samba e à bebida.

**Caboclo** – Entidade da Umbanda que representa o índio ou o homem do campo, como por exemplo o boiadeiro. É também conhecido como Oxossi, o Deus da guerra da mitologia africana e é associado ao Santo Católico Sebastião, o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

**Caixa** – Ou Taról. Instrumento de percussão de pequeno porte. Formado por um círculo de madeira com aproximadamente quinze centímetros de largura, e com uma circunferência de aproximadamente quarenta centímetros de diâmetro, fechado em ambos os lados por uma película plástica bem esticada. Na parte inferior é atravessada por um feixe de molas que repercute conforme o instrumento é tocado. Na parte superior é atingido por um par de baquetas, com o qual o músico executa uma marcação característica. Pode ser carregado sobre os ombros, quando é mais propriamente conhecido com o nome de caixa; ou pode estar pendurado por uma faixa que cruza os ombros (talabarte) fixando o instrumento à altura da cintura, quando ele recebe o nome mais apropriado de taról.

**Candomblé** – Forma de culto religioso Afro-Brasileiro, normalmente considerado como a forma mais próxima de uma origem africana. É mais difundido na Bahia, mas pode ser encontrado em todo o Brasil.

**Casa-de-santo** – Local onde se reúnem as comunidades das religiões afro-brasileiras, envolve o terreiro propriamente dito (onde se realiza o culto), bem como toda a propriedade onde esse está localizado.

**Entidade** – Santo, divindade. Diz-se a respeito dos personagens do panteão religioso Afro-Brasileiro.

**Escola de Samba** – Grupo de pessoas que desfila de forma extremamente organizada, segundo um enredo que é representado através de uma música exclusiva, fantasias e carros alegóricos. Competem entre si por um prêmio que definido em conjunto, sendo observadas por uma comissão julgadora especializada que atribui notas à diversos quesitos como enredo, alegorias, harmonia e bateria. Alguns desfiles são grandiosos, como é o caso das Escolas de Samba do Grupo Um no Rio de Janeiro, onde é cobrado ingresso da audiência, sendo, o desfile, televisionado para todo o país e para o exterior.

**Exu** – Entidade comum ao Candomblé e à Umbanda, ligado aos caminhos e às encruzilhadas. Desde muito cedo foi identificado com o demônio pelos missionários cristãos.

**Filho(a)-de-santo** – Nome dado aos iniciados nas religiões Afro-Brasileiras. Membros de um determinado centro religioso, sujeitos às orientações de um líder que é conhecido como pai ou mãe-de-santo, daí a denominação filho(a)-de-santo.

**Mãe(pai)-de-santo** – Nome dado à líder ( ou ao líder) de uma casa em que se pratiquem os cultos Afro-Brasileiros. O ponto mais alto da hierarquia espiritual, a(o) chefe espiritual de um terreiro.

**Marcação** – Função daqueles que marcam. Diz-se a respeito dos instrumentos que marcam a cadência da música. São os instrumentos que marcam o compasso, fornecendo o andamento que deve ser seguido pelos demais instrumentistas.

**Napa** – Couro sintético.

**Ogum** – Orixá (Divindade) que representa a guerra. Associado ao São Jorge do catolicismo.

**Oxossi** – Entidade associada ao índio e aos caboclos na Umbanda.

**Pagode** – Divertimento, pândega, festa. Reunião de pessoas para cantar e tocar o samba. Nome dado às composições musicais que se executam nessas ocasiões. Nome com que ficou conhecido o estilo de samba que se desenvolveu durante a década de 1980 na cidade do Rio de Janeiro e que teve no Cacique de Ramos um de seus principais centros de desenvolvimento.

**Peças** – Nome dado aos instrumentos que compõe uma bateria de escola de samba ou de um bloco carnavalesco.

**Preta-velha** – Entidade da Umbanda que é representada por velhas e velhos pretos, normalmente associados a ex-escravos e antigos feiticeiros.

**Reco-reco** – Instrumento de percussão feito de madeira, bambu, cabaça ou metal. Deve ter uma superfície estriada onde se esfrega a baqueta com a qual se extrai o som do instrumento. Sendo de material de origem vegetal essa superfície estriada é composta de sulcos; de metal, um conjunto de molas esticadas.

**Surdo** – Instrumento de percussão de grande porte. Utilizado, principalmente, para a marcar o compasso da bateria. Comprimento aproximado: um metro. Diâmetro aproximado da circunferência: oitenta centímetros. Fechado de ambos os lados com couro animal ou artificial bem esticado. Carrega-se pendurado por uma faixa que cruza os ombros fixando o instrumento na altura da cintura. Tocado com uma baqueta especial, revestida de espuma na extremidade que tange o instrumento, utiliza-se a mão espalmada para abafar a reverberação, conforme a necessidade.

**Tarol** – Ver caixa.

**Terreiro** – Espaço destinado ao culto nas religiões Afro-Brasileiras.

**Umbanda** - Forma de culto religioso Afro-Brasileiro. É tido como mais afastado de suas origens africanas, possui uma presença marcante de personagens do novo mundo, como os índios, caboclos e personagens urbanos como o malandro e a prostituta. Entre as religiões Afro-Brasileiras é a que predomina na cidade do Rio de Janeiro. Está difundida em todo o Brasil.

## ***Bibliografia***

- ABREU, Maurício. 1987. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLANRIO/ Jorge Zahar.
- ARAÚJO, Hiram. 2000. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro, Gryphus.
- AZEVEDO, Thales de. 1975. *Democracia racial: ideologia e realidade*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. 1996 [1955]. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & Classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador, EDUFBA.
- BASTIDE, Roger. 1971. *As religiões africanas no Brasil*. 2 v. São Paulo, Pioneira/ Edusp.
- BORGES, J.L. 1986. “Funes, o memorioso.” In: *Ficções*. Rio de Janeiro, Globo.
- BOSI, Eclea. 1979. *Memória e sociedade*. São Paulo, T.A Queiroz.
- BRESCIANI, Maria Stella. 1994. “A cidade das multidões, a cidade aterrorizada”. In: PECHMAN, Robert Moses, *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro, UFRJ, p. 9-42.
- BERGSON, Henri. 1999. *Matéria e Memória*. São Paulo, Martins Fontes.
- CAMARGO, Cândido Procópio. 1961. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo, Pioneira.
- CANCLINI, Néstor García. 1983. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. 1997. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, USP.
- CARNEIRO, Sandra. 1982. “Balão no céu, alegria na terra: um estudo sobre as representações e a organização social dos baloeiros.” Rio de Janeiro, PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ. (Dissertação de mestrado).
- COUTINHO, Eduardo. 1991. “O Fio da Memória”. (filme). Rio de Janeiro, FUNARJ & Cinefilmes. Disponível em vídeo pela Sagres.
- DANTAS, Beatriz Góis. 1988. *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal.
- DURKHEIM, Émile. 1970. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- EPSTEIN, Arnold L. 1969. “The network na urban social organization”. In MITCHELL, C. *Social networks in urban situation*. Londen, Manchester University Press.

- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. 1992. *Memória Social: Novas Perspectivas Sobre o Passado*. Lisboa, Teorema.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). 2000. *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas.
- FIGUEIREDO, Candido de. 1925. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Livraria Bertrand.
- FREIRE, Gilberto. 1951 (a). *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- \_\_\_\_\_. 1951 (b). *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- FRY, Peter. 1982. *Pra inglês ver*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GANDRA, Edir. 1995. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro, Giorgio Gráfica e Editora LTDA.
- GALVÃO, Eduardo. 1976 [1958]. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Guanabara, Rio de Janeiro.
- GONDAR, Jô. 1997. “O esquecimento como crise do social”. In: WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José (et al.). *Memória social e documento: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro, UNI-RIO. p. 51-62.
- \_\_\_\_\_. 2000. “Lembrar e esquecer: desejo de memória”. In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães & GONDAR, Jô. *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro, 7 Letras.
- GUIMARÃES, Francisco (Vagalume). 1978. *Na roda de samba*. Rio de Janeiro, FUNARTE.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice.
- \_\_\_\_\_. 1925. *Les Cadre sociaux de la mémoire*, Paris.
- HEILBORN, Maria Luiza. 1984. “Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca”. Rio de Janeiro, PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ. (Dissertação de mestrado).
- HUYSSSEN, Andreas. 2000. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro, Aeroplano.
- KRUCHNIR, Karina. 2000. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

- LE GOFF, J. 1996. *História e Memória*. São Paulo, Unicamp.
- LOPES, Nei. 1992. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro, Pallas.
- LOVISOLO, Hugo. 1989. “A memória e a formação dos homens”. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC. 16-28.
- MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). 1996. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB.
- MATTA, Roberto da. 1981. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. 1983 [1979]. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1984. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco.
- MAGGIE, Yvonne. 1975. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MENEZES, Renata de Castro. 1996. “Devoção, diversão e poder: um estudo antropológico sobre a Festa da Penha”. PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ. (Dissertação de mestrado).
- MORAES, Eneida. 1987. *História do carnaval carioca (revisada e atualizada por Haroldo Costa)*. Rio de Janeiro, Record.
- MOURA, Roberto. 1995 [1983]. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura.
- NASCIMENTO, Abdias do. 1982. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- NORA, Pierre. 1993. “Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História – no. 10*. São Paulo.
- ORTIZ, Renato. 1978. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. 1985. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense.
- PITT-RIVERS, Julian. 1971. “Honra e posição social”. In: PERISTIANY (org.) *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. 1995. “Reinventando a tradição. O mundo do samba carioca: o movimento de pagode e o bloco Cacique de Ramos”. Rio de Janeiro,

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/ UFRJ.  
(Tese de doutorado)

- \_\_\_\_\_. 1997. “Santuário da Penha e bloco Cacique de Ramos: tradição e cultura popular”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. No. 25, p. 179-285.
- POLLAK, Michael. 1992. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. cinco. No. 10.
- RAMOS, Arthur. 1956. *O negro na civilização brasileira*. São Paulo, Casa do Estudante do Brasil.
- REGO, José Carlos. 1994. *Dança do samba: exercício do prazer*. Rio de Janeiro, Aldeia Editora e Gráfica LTDA.
- RODRIGUES, Nina. 1935. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. 1945. *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro, Brasiliana.
- RIO, João do. 1987 [1908]. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura.
- SCHUTZ, Alfred. 1979. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Introdução e organização de H. Wagner. Rio de Janeiro, Zahar.
- SIMMEL, George. 1971. “Sociability”. In LEVINE, D. (org.). *George Simmel – on individuality and social forms*. Chicago, Chicago University Press.
- \_\_\_\_\_. 1986 [1908]. *Sociología vol. 2: Estudos Sobre las Formas de Socialización*. Madrid, Alianza.
- SODRÉ, Muniz. 1990. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro. Mauad.
- THOMPSON, Paul. 1992. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ULLOA, Alejandro. 1998. *Pagode, a festa do samba no Rio de Janeiro e nas Américas*. Rio de Janeiro, MultiMais.
- VASCONCELOS, Gilberto. 1977. *Música popular: de olho na festa*. Rio de Janeiro, Graal.
- VELHO, Gilberto. 1980. “O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia”. In: *O desafio da cidade: novas perspectivas para a antropologia brasileira*. Rio de Janeiro, Campus, p. 13-20.



- \_\_\_\_\_. 1981. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1989 [1973]. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1994. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- \_\_\_\_\_. (org.) 1999. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_ e ALVITO, Marcos. (orgs.). 2000. *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV.
- VELHO, Otávio (org.). 1967. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- VENTURA, Zuenir. 1994. *Cidade partida*. São Paulo, Cia. Das Letras.
- VERNANT, Jean-Pierre. 1990. *Mito e pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VIANA, Hermano. 1988. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1995. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/ UFRJ.
- WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José. 1997. “Memória e história. Fundamentos, convergências, conflitos”. In: WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José (et al.). *Memória social e documento: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro, UNIRIO. p. 9-26.
- WHYTE, William Foote. 1943. *Street Corner Society: The Social Structure of an Italian Slum*. The University of Chicago Press.
- ZALUAR, Alba. 1985. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. Rio de Janeiro, Brasiliense.